

Pedrinho A. Guareschi

UMA HISTÓRIA CONTADA COM HISTÓRIAS



Narrador:

Ricieri Quinto Guareschi

Pedrinho A. Guareschi

**UMA HISTÓRIA
CONTADA COM HISTÓRIAS**

Narrador: Ricieri Quinto Guareschi

Porto Alegre, 2022

© Pedrinho Guareschi - 2022
Todos os direitos reservados no Brasil e no exterior.

Produção Gráfica e Impressão:
Evangraf - evangraf@terra.com.br
(51) 3336.2466

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G914h Guareschi, Pedrinho A.
Uma história contada com histórias / Pedrinho A. Guareschi ;
narrador: Ricieri Quinto Guareschi. – Porto Alegre : Evangraf,
2022.

168 p. : il.

Inclui apêndice.
ISBN 978-65-5699-192-4

1. Ensaio sul-rio-grandense. 2. Imigração italiana - Rio Grande
do Sul - História. 3. Contação de histórias. 4. Guareschi, Pietro -
Genealogia. 5. Orsi, Rosa - Genealogia. 6. Baruffi, Francesco -
Genealogia. I. Guareschi, Ricieri Quinto. II. Título.

CDU 869.0(816.5)-4

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 8/10213)

Impresso no Brasil – Printed in Brazil

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| ENSAIO I A HISTÓRIA NA FAMÍLIA..... | 17 |
| ENSAIO II O PESQUISADOR INQUIETO | 41 |
| ENSAIO III O ARTISTA DE ENCONTROS | 69 |
| ENSAIO IV HISTÓRIAS HISTÓRICAS E ESTÓRIAS SE NON È VERO...85 | |
| ENSAIO V A OUTRA METADE: OS BARUFFI | 125 |
| ENSAIO VI APÊNDICES | 149 |
| CONCLUSÃO..... | 166 |

APRESENTAÇÃO

Apresento, com alegria, o livro de Pedrinho A. Guareschi, *Uma história contada com histórias*. Vale a pena ler o livro! Ele mexeu muito comigo, visto que traz consigo a história de nosso antecessor, Francesco Baruffi, do qual fomos, o Pe. Pedrinho e eu, descendentes. Ele está sepultado na Linha Garibaldi, em Colorado, RS. Tive a alegria de conhecer o local onde ele jaz em paz. Interessante notar que naquele pequeno cemitério estão sepultados dois patriarcas: o Francesco Baruffi, o patriarca de minha família, e o Pietro Guareschi, o patriarca da família do autor desse livro.

Francesco foi casado duas vezes. Primeiramente com Rosa Fontana, com quem teve nove filhos: Giuseppe e Angela, nascidos na Itália; e Pedro, Joanna, Josefina, Elisabetta, Santa, Vittoria e Angelo, nascidos aqui no Brasil. Depois casou-se com Lúcia Betio com quem teve mais sete filhos Victorio, Rosa, Graziosa, Serafina Margherita Maria, Secondo Andrea, Andrea Giovanni Giacomo Matteo e Roberto. Francesco era um grande líder e letrado, escrevendo nos cadernos, o que é ainda hoje bom material de pesquisa. Era excelente carpinteiro e ajudou muito na construção de igrejas e altares. Pe-

drinho e eu temos uma origem comum, pois sua mãe, Petronila Baruffi, era filha de Pedro, seu primeiro filho nascido no Brasil.

Giuseppe (José)Baruffi, filho mais velho do casal, italiano, casou-se com Martina Fadani. Ele viveu sua vida na casa de sua família, em Linha Novanta, Coronel Pilar, RS. Seu filho Eolino David, meu avô, casou com Linda Canzi. Aprendi muito deles. Destaco minha avó e sua paciência em ficar mais de cinco anos na cadeira de rodas, por causa de um problema de coração; e meu avô, ao final do dia, mesmo depois das atividades todas, tomava o terço, à noite, e rezava com toda família. Depois, os meus pais, Melíbio e Iraci, e meus dois irmãos, Arlete Maria e Alexandre. Se contarmos desde o Francesco Baruffi, nós somos a quinta geração.

A história do outro patriarca, o Pietro Guareschi, casado com a Rosa Orsi, não é muito diferente da história dos Baruffi. Com a exceção que ele ficou nas *colônias velhas* apenas trinta anos, mudando-se então, com todos os oito filhos vivos para a região de *Passo Fundo*, como se falava naqueles tempos. A leitura do livro vai detalhando de maneira agradável toda sua façanha e de seus filhos e netos.

O autor centra todo o livro na figura de seu pai, Ricieri Quinto, e o coloca no subtítulo do livro como o *narrador*. E se sai muito bem, com perspicácia e humor, desenvolvendo inúmeras perspectivas que dão à obra uma organicidade coerente. Certamente foram muitos dias gastos nas investigações, nas pesquisas, acompa-

nhando os inúmeros acontecimentos e as muitas mudanças da família. Sempre com muito bom humor, que conserva até os dias de hoje! Gostaria de realçar um ponto importante: a alegria de quem escreve as histórias de seus pais. Seu humor transparece em cada episódio, em cada página. Há um desenrolar evolutivo do texto: está todo ligado, entre um fato e outro. São saborosos os ditos e provérbios, entremeando expressões e citações em *talian*, o dialeto falado pelos primeiros imigrantes: “*Gà bela bevest tré*”; “*la figlia di questa vaca è morta di vecchia*”; “*Reque allá sua bell’anima*”. E ainda as “*Histórias e Estórias si non è vero..*” Sempre com o toque bem característico do narrador, o Sr. Quinto, amante do whisky e da cerveja! Isto é muito bom, bom mesmo!

É muito significativo o fato de os netos e bisnetos do Pietro decidirem e se esforçarem em re-comprar a propriedade onde ele morou. E o cuidado em recuperarem as parreiras de mais de século; a fontana que lhe fornecia a água milagrosa, corrente e perene até os dias de hoje. Como me fez bem ler os episódios que Pedrinho soube contar da vida de seus pais. Isto significa que ele continua a amá-los ainda hoje! E como é importante que os pais também nos dias de hoje continuem contando histórias, pois “a vida faz-se história”, como lembra Pedrinho citando o Papa Francisco; e como também diz, tão sabiamente, Mário Quintana: “Se morre o contador de histórias, morre a vida”.

Fiquei feliz ao ler o livro: comecei e não pude parar. E como foi muito bom que o Pedrinho se tenha coloca-

do a serviço como escritor. As histórias são muito bem contadas e, com grande humor, muito bem narradas. Continue a nos deliciar com seus escritos. Parabéns, meu caro primo!

Cascavel, PR, 08 de outubro de 2022.

Dom Adelar Baruffi

Arcebispo Metropolitano de Cascavel

INTRODUÇÃO

Minha decisão de escrever esse livro deu-se durante o tempo da pandemia, no primeiro semestre de 2020. Isolado no interior de um pequeno município do Rio Grande do Sul, em minhas meditações, deparei-me com uma mensagem que o Papa Francisco escreveu para o 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 24 de maio. Francisco intitulou a mensagem com uma frase do livro do Êxodo, capítulo 1º, versículo 2: “ ‘Para que possas contar e fixar na memória...’ A vida faz-se história”. E lembrei do que nosso saudoso poeta Mário Quintana escreveu: “Se morre o contador de histórias, morre a vida”. E também, um ano depois, achei muito sábio e profundo o que Francisco escreveu para o dia dos avós: “Não percamos a memória de que os idosos são portadores da história e, sem raízes, murcharemos”.

Aquilo me bateu na mente e no coração. Fiquei pensando: quantas e quantas vezes, reunidos em família, principalmente com o pai, e depois com os irmãos, sobrinhos, primos, ficávamos horas *contando histórias*. Era um prazer gostoso e saudoso. O prazer da vida retornava. Não tinha quem não participasse, se alegrasse e exultasse. Então fiquei pensando: porque não *contar e fi-*

xar na memória... tantas histórias? Muitos já me tinham solicitado que tentasse contar essas histórias, cheguei até mesmo a prometer. Pareceu-me que tinha chegado a hora da graça de cumprir essa promessa.

No texto que lembro acima, Francisco convida principalmente a contar *boas histórias*. Esse é um convite desafiador num momento como esse, no meio da confusão de vozes e mensagens que nos rodeiam. O ambiente comunicacional contemporâneo, infelizmente, apresenta situações em que as mídias sociais substituíram o encontro presencial, a festa, os momentos de partilha; muitas vezes passaram a ser espaços de transmissão de mentiras, *fake-news*, que mais espalham o ódio e a desunião. Infelizmente. São pessoas frustradas, mal-resolvidas, que nada mais sabem fazer que repetir mentiras e infantilidades, com as quais tentam superar mágoas e revoltas, através de um narcisismo um tanto doentio. Essas memórias poderão, espero, ajudar a todos nós a reconstituir momentos de alegria e curtição faceira.

Pensemos um pouco. De que é feita a vida? Vejo que estaríamos bem próximos da realidade se disséssemos que “a vida é feita de histórias”. O ser humano, além de ser alguém que pensa (*homo sapiens*), alguém que faz (*homo faber*), é também alguém que conta, narra, diz aos outros aquilo que pensa e faz (*homo fabulator*). Isso foi assim desde o início da espécie humana, e passa por toda a história oral, escrita, audiovisual e digital, em forma de contos, romances, filmes, canções, notícias. Não é apenas o alimento e as vestes que alimentam: os

seres humanos têm fome de *histórias*: para cobrir nossa fragilidade, precisamos nos *revestir* de histórias. Não é por acaso que a própria palavra – *texto* – vem do latim, *textum*, isto é, teia, tecido. Tecendo os fios das nossas histórias, vamos compondo o tecido da nossa própria vida. Contar histórias é viver. Nós nos vamos enriquecendo com as histórias de nossa vida. É lindo ver o que Francisco escreve: “o entrelaçamento dos fios, pelos quais estamos unidos uns aos outros, forma um tecido vivo; as histórias influenciam a nossa vida, mesmo sem termos consciência disso, e moldam as nossas convicções e os nossos comportamentos, podem ajudar-nos a entender e a dizer quem somos”.

Mas que histórias escolher?

Depois de muito meditar e conversar com amigos, e incentivado pelo que me diziam, achei sugestivo e prático centrar, referenciar essas narrativas num personagem que, de muitas maneiras, pode ser considerado como um modelo de contador de histórias. Certamente haveria muitos outros, mas uma razão importante, no nosso caso, é que esse *contador* se coloca mais ou menos no meio de um espaço de tempo que abrange cerca de um século e meio, onde se situam as *histórias* que pretendemos contar: desde a vinda das primeiras famílias italianas, por volta de 1875, até os dias de hoje, inícios da década de 2020. Ele nasceu em 1911 e partiu em 1994. E isso vinha ao encontro de muitas das solicitações que me tinham sido feitas. Foi assim que fui me

decidindo em recolher histórias que, de um modo ou outro, tivessem alguma referência com esse personagem. Como vocês vão ver, de fato elas têm muito a ver com ele.

Confesso que não foi uma opção fácil, mas pediria que relevassem o fato de ser alguém singular, e passem isso para o plural, para muitos dos personagens que marcaram esse século e meio. E espero que essas narrativas contribuam também, de algum modo, como parte do registro do grande capítulo da imigração italiana para o Brasil.

Mas gostaria logo de deixar claro que o objetivo principal desse livro não é apenas histórico. Não pretende apenas resgatar fatos nem realizar pesquisas. Como mencionei acima, uma das razões é apresentar, ou mesmo re-apresentar, dimensões sociais que vão além dos acontecimentos e se centram no que gostaríamos de chamar de valores e cultura de um povo. Por isso essa publicação possui também um objetivo humano, *pedagógico* e cultural, isto é, registrar para as gerações futuras os valores encarnados na maneira de viver, de fazer festa, de celebrar, de orar, de se visitar; como também os sofrimentos, as lutas, as paixões, as alegrias e tristezas; os percalços e as realizações.

Gostaria também de deixar claro que essas memórias pretendem carregar consigo um interesse pedagógico específico, e aqui estaria, no meu entender, sua novidade e sua modesta contribuição, por dois motivos: o primeiro, como foi mencionado acima, a importância

de contar histórias. Foi isso que nos motivou a escolher o título: *Uma história contada com histórias*. E o segundo, para *fixar na memória*, como diz o texto sagrado, esses fatos que se transformam em vida, para que essa vida permaneça. Quem perde sua história, perde também, em grande parte, sua própria existência.

Logo de início fiquei em dúvida: o que vou selecionar? Só coisas *boas*, decentes, edificantes? Fiquei pensando e vi que, dentre as histórias que os Livros Sagrados nos contam, nem todas são tão maravilhosas, talvez para mostrar as limitações e contradições presentes no Ser Humano. Histórias como a de Caim e Abel, dos desvios do povo que ocasionaram o dilúvio, as denúncias dos profetas etc., mostram como a vida humana é contraditória. No nosso caso, contudo, vou privilegiar as histórias mais edificantes, sem com isso querer insinuar que fomos, ou somos todos muito santos.

À medida que ia meditando, fui pensando num roteiro que pudesse dar certa organicidade ao conjunto dos temas. Coerente com o que comentei acima, pensei em centrar essa narrativa numa pessoa que, de um modo ou outro, já se fazia presente nos diversos ensaios que tinha esboçado. Pensei inicialmente em colocar o nome dessa pessoa no título. Mas minha intenção é enfatizar o *contar histórias, celebrar a vida*, como condição de felicidade e realização social e humana. Assim que decidi colocar apenas no sub-título, para realçar que o objetivo principal é *contar histórias*, pois são elas que constituem o tecido da vida humana. E o personagem que escolhi, sabendo que bem poderia ser outro, foi o

do Ricieri Quinto Guareschi. Ele é apenas uma referência. Sei que poderia muito bem ser qualquer um dos mais de 20 mil descendentes do Pietro Guareschi e da Rosa Orsi, que aportaram nesse nosso Brasil em inícios da década de 1880. Mas na linha de tempo desse século e meio, sua história tem algo a nos contar e lembrar.

Apesar de procurar dar uma organicidade ao livro como um todo, com um fio condutor, pareceu-me mais interessante estruturá-lo na forma de *ensaios*, pois uma das características do ensaio é que ele pode ser lido isoladamente, com sentido próprio, independentemente dos outros. Isso pode, potencialmente, ser relacionado a outros temas e pode ocasionar, como o leitor pode atestar, certo grau de repetição de alguns temas. A partir da *Introdução*, que considero importante para justificar essas pesquisas e narrativas, pensei em caminhar pelos seguintes passos:

Ensaio I: **Histórias da Família e familiares.** Início com essa *história*, para poder oferecer uma visão histórica e contextual dos personagens do livro. Após alguns informes, ainda precários, de quem seriam os *Guareschi-Guerreschi*, fixo-me a seguir numa família, a de Pietro Guareschi/Guerreschi e Rosa Orsi que, dentre muitas outras do mesmo local e em situações semelhantes, aportaram em nossa América. Deixo para falar mais especificamente da família de Pietro e Rosa no Apêndice II, onde comento algumas características do *Paese Guareschi*. Passo então a me centrar nas peregrinações da família e em histórias da família de nosso personagem.

Ensaio II: **O pesquisador inquieto**. Nesse ensaio já vou focar mais diretamente em histórias que têm nosso personagem como figura central. Realço dois pontos que, no meu entender, são cruciais, e nos quais ele teve papel decisivo. Mais precisamente: como foi possível recuperar acontecimentos importantes da história dos Guareschi no Brasil tanto no que se refere à *redescoberta* das assim chamadas *colônias velhas*, como a busca e achado de documentos que possibilitaram a *re-ligação* com suas origens na Itália.

Ensaio III: **O homem dos encontros**. Trago considerações, um tanto *a posteriori*, duma característica que foi marcante em nosso personagem. Isso fez com que ele pudesse armazenar e se enriquecer com inúmeras experiências que o transformaram num *contador de histórias*. Foi esse seu braço estendido a todos os que encontrava que lhe possibilitou tornar-se um homem estimado e querido de todos os que o conheceram.

Ensaio IV: **Histórias e Estórias se non è vero...** Esse penso ser o ensaio mais central de nosso propósito de manter presentes a vida e a memória através do *contar histórias*. Recolhi, como pude, parte das narrativas que eram contadas, e ainda o são, por nosso personagem. A maioria delas são *históricas*, isto é, são fatos acontecidos e tidos como *verdadeiros*. E também algumas narrativas que são *estórias*, isto é, das quais não se pode assegurar sua veracidade, mas que se tornaram parte da tradição e da vida da família.

Ensaio V: **A outra metade: os Baruffi**. Fixo-me aqui em outro *Patriarca*, o *Francesco Baruffi* que, junto com o *Pietro*, mais ou menos na mesma época, aportou a essas plagas e que passou a fazer parte da família quando nosso personagem decidiu casar com uma descendente desse patriarca. Aproveito também para deixar documentada uma longa pesquisa que já venho fazendo há mais de dez anos.

Ensaio VI: **Apêndices: I. O Centro Cultural Ricieri Quinto Guareschi, de Barracão, PR; e II. A Sociedade Paese Guareschi, de Coronel Pilar, RS**. Esses dois apêndices se constituem numa materialização da história da família: o primeiro mais especificamente sobre nosso personagem e o segundo mais abrangente, preservando a memória da família que migrou da Itália e seus mais de 20 mil descendentes.



ENSAIO I

A HISTÓRIA NA *FAMÍLIA*

Vou logo prevenindo que esse capítulo não dá conta de narrar tudo o que talvez alguém esteja esperando. Ia se tornar um livro enorme e assim mesmo não daria para narrar tudo. A razão de decidir começar com esse capítulo deve-se a uma experiência que me deixa sempre preocupado: toda vez que falo com irmãs/irmãos, tias/tios, sobrinhos/as, sobrinhos/as netos/as, me surpreendo com a quantidade de gente que não conhece quase nada, ou pouca coisa, da história de seus antepassados, de suas famílias, de suas origens e, conseqüentemente, não tem nem consciência de como veio parar onde está, e às vezes em situações tristíssimas... que poderiam ser diferentes se conhecessem sua história. Nos meus trabalhos pastorais nas vilas periféricas, quando encontro pessoas recém-chegadas, vou logo perguntando de onde vieram, e se sabem, porque vieram. Fico triste ao ver que grande parte delas não conhece sua história, esqueceram suas origens, alguns

mal conhecem seus pais e poucos seus avós. Mas, além disso, praticamente nada.

Meus amigos/as: desculpem a pequena digressão, mas essa talvez seja uma das principais razões de decidir escrever essas memórias. Nós desprezamos, ridicularizamos, discriminamos pessoas que, não por culpa delas, não sabem quem são seus pais... e quando as queremos ofender as chamamos com uma expressão pejorativa, um termo até ofensivo. Uma expressão mais cuidadosa, palatável, para significar essa situação é que fulano/a é *bastardo*. Quem seriam esses bastardos? São os filhos *putativos*. Alguns já desconfiaram de qual é o termo que não quis escrever acima. Qual a etimologia de *putativo*? Vem de *putare*, que em latim significa *achar, julgar*. Isto é, são pessoas que se *pensa* serem filhos de tais pais. Vai aqui mais uma discriminação: todos falam das mães, as culpadas do fato de eles/elas receberem tal apelativo seriam elas, as mães. Mas tais pessoas não teriam também pais?

Vou arriscar uma analogia, uma comparação. Fui descobrindo que tais pessoas, que desconhecem suas origens, que já nem sabem quem foram seus avós, poderiam, de maneira análoga, ser chamadas também de cidadãos/ãs *ideologicamente bastardas*. Pois esqueceram sua origem. O que é comum em ambos os casos é o desconhecimento de sua história, das razões de terem chegado a tal situação, na maioria das vezes sofredora, mas sempre alienada. Há uma situação de bastardia vivencial e social, e em ambas a razão é o desconhecimento de sua história: há uma alienação familiar que vem se somar a uma alienação social e política.

Na tentativa de se buscar uma educação humanizadora e crítica, fui descobrindo que é muito mais difícil ajudar uma pessoa a ser mais consciente, mais liberta, mais livre, mais cidadã, se ela não conhece sua história. A constatação histórica e política, provada e comprovada, é que um povo que esquece sua história, quase infalivelmente acaba escravo. Foi isso que os conquistadores, desde os gregos e romanos, que chamavam os *ou-tros* de bárbaros, como os espanhóis e portugueses que *descobriram* o novo mundo, fizeram para dominar esses povos. E, em grande parte, conseguiram. A libertação de um povo começa com a recuperação de sua história. Felizmente, grande parte dos movimentos sociais já se deram conta disso, e vão recuperando a história, e com ela as lições e as lutas de Zumbi, de Antônio Conselheiro, do monge Zé Maria do Contestado, da Jacobina no episódio dos Muckers, e dezenas de nomes que passaram séculos, ou décadas, esquecidos por nossas escolas, abafados propositadamente... Desculpem se me prolonguei, mas minha experiência com o *Paese* me motivou muito a partilhar humildemente esse ponto. Puro carinho, juro.

Como dizia acima, não é possível entrar em detalhes nessa fascinante história dos Guareschi, que estou centrando na pessoa do nosso Ricieri Quinto. Já começa no fato de que já se encontraram ao menos sete árvores dos Guareschi só no Brasil. Quem quiser saber mais, veja os jornais dos encontros, que estão na página da Famiglia Guareschi, scaneados. E ainda estamos descobrindo mais coisas fascinantes. Por exemplo: esses

Guareschi, pelo que se sabe até agora, são praticamente todos descendentes de soldados, *guerreiros* (o primeiro nome dos Guareschi era *Guerreschi*, que vem de *guerra* em italiano, guerra em português. Enquanto se sabe, os condes e barões da região do Vale do Pó (Parma, Cremona, Bergamo etc.), entre outros prazeres e divertimentos, apreciavam também fazer uma guerrinha. Mas seus pobres e humildes súditos, antepassados de nossos antepassados, não tinham a coragem nem o preparo necessário para essa tarefa. Foi então que alguns desses Senhores inventaram que poderiam buscar esses recursos mais ao norte da Europa, entre os povos eslavos, gente forte, aguerrida e corajosa. Pois para lá se mandaram. No livro *Chi sogna nuovi gerani*, que é uma espécie de autobiografia de nosso ícone, em quem nos baseamos para buscar nosso *logo*, Giovanino Guareschi, ele começou a pesquisar de onde teriam vindo os *Guareschi*. O nome do capítulo é os *Guareschi-Guerreschi*. Ali ele insinua que a nossa história teria começado assim. Pena que não pôde levar a pesquisa mais adiante. Lá ele menciona que poderiam ter vindo da Polônia. Mas foi por lá: Ucrânia, Lituânia...

No último jornal da Família Guareschi (n.11), consegui encontrar uma menção preciosa dum texto que o jornalista argentino do *Clarín*, Roberto Guareschi, escreveu para nosso jornal. Ele conta ali que estava um dia em Parma e procurou saber de um Guareschi de lá sobre o escritor/jornalista Giovanino, sendo que ele também era jornalista. E escutou essa resposta surpreendente da parte dele, dizendo que os Guareschi de toda essa região

foram todos descendentes de tribos nobres dos eslavos, que aceitaram vir lutar a favor dos condes e barões... Agora minha suspeita, apenas insinuando: que fizeram esses guerreiros, os que sobreviveram, claro, depois que as guerras terminaram? Talvez alguns se encorajaram e voltaram. Mas certamente muitos deles, talvez já durante as guerras, mas certamente ao final, foram se encantando por alguma fada italiana da região, que certamente seriam muitas, e com certeza muito lindas, pois quem morre na guerra, em geral, são os homens. E a conclusão do colega do Roberto foi que o trabalho mais delicado que se está começando a fazer agora é a identificação das diversas tribos eslavas que vieram lutar na *Bassa Padana* – no Vale do rio Pó. Tenho um irmão que é alto, louro, olhos azuis... e nós, filhos malvados, provocávamos nossa mãe dizendo que ele não era nosso irmão... Pior que, como vamos ver, vivíamos rodeados de vizinhos alemães, polacos... Porque não poderia estar ali algum DNA extraído de nossos supostos antepassados?

Suspiro por um sobrinho meu, que goste de história – uma disciplina importantíssima, pois a História é a mãe da ciência, “uma ciência sem História é estéril” –, que algum dia se arrisque em fazer seu doutorado sobre nossas misteriosas origens. Apesar de só no Brasil terem sido identificados já sete ramos de famílias Guareschi, não se descobriu ainda uma ligação entre elas. De qualquer modo, todos vieram da região de Parma/Cremona/Bergamo. Fiz essa introdução também como resposta que muitos já me fizeram sobre a relação entre as famílias.

No Ensaio II, que segue, iremos falar de nosso personagem como O *Pesquisador Inquieto*, e iremos contar a história de suas façanhas em poder restabelecer os laços com a família Guareschi de seus antepassados. É impressionante como ele tinha em mente e recordava com frequência o que seu pai, Andrea, e principalmente seu avô, que veio da Itália, o Pietro, contava de sua vida na Itália. A mim mesmo ele dizia, insistindo que eu memorizasse: a cidade é *San Daniele Pò* ou, como ele se expressava, *San Daniele Ripapò*, isto é, San Daniele que se situa na margem do rio Pò. San Daniele é fração da Província de Cremona, mas pouquíssimas vezes temos menção dessa cidade maior. Em suas falas, que escutara dos seus antepassados, outro nome que ele citava era *Isola Pescaroli*. Qual minha surpresa quando, ao visitar esses lugares, perguntei por esse lugar. E a resposta foi de que ele ainda existia. Fomos ver: um vilarejo de poucas casas, bem na beira do rio Pò. O nome *Isola* - ilha em italiano - seria, talvez, pelo fato de quando o rio Pò inundava, o que em parte se dá até aos dias de hoje, essas casas ficariam isoladas da terra firme.

Ao pensar o ensaio inclinava-me, inicialmente, em concentrar-me no nono Pietro, e seus nove filhos. Depois, a partir do filho primogênito, o Andrea, falar do nosso personagem, o Quinto, que era o *quinto* dos seus doze filhos: onze que chegaram até a uma idade adulta, e uma menina que morreu com cerca de doze ou treze anos. O sexto filho do Andrea, o Oreste, casou, teve cinco filhos e morreu com trinta e quatro anos. Depois pensei em me fixar apenas nos filhos do Ricieri Quinto,

com suas histórias pessoais. Mas pensei que correria o risco de, por um lado, invadir sua privacidade e, por outro lado, que nem todas/os iriam se sentir à vontade com possíveis narrativas muito particularizadas. E também porque necessariamente seriam privilegiadas algumas pessoas, ou determinados períodos.

Pensando melhor, achei mais proveitoso privilegiar algumas características mais gerais da família, certas práticas culturais que, ou eram próprias da família ou, às vezes, comuns entre as famílias do local. Escolhi algumas que julguei mais originais e significativas. Começo com uma pesquisa que retoma as diversas mudanças, migrações, da família do seu Quinto. Discorro depois sobre alguns episódios que julguei interessantes pois vinham ao encontro dos objetivos gerais dessa publicação e que, ao mesmo tempo, fossem ilustrativos da cultura e da história dos tempos. E desculpem os irmãos/ãs se alguns não forem suficientemente contemplados.

As quatro etapas da trajetória do Quinto e da Nila

Acho importante fazer uma pequena introdução sobre a trajetória da família. Em boa parte diferente da maioria das famílias, inclusive dos seus irmãos e irmãs, essa família se radicou em quatro diferentes locais no espaço de 62 anos em que Quinto e Nila viveram juntos. Podem ser identificadas, assim, quatro etapas no desenrolar desses anos. Nila é a esposa do Quinto, a Petronila Henriqueta.

A *primeira morada* foi sua estadia na própria casa paterna, a partir de seu casamento em setembro de 1931. Durou entre seis a sete anos, até cerca de 1937. Normalmente, principalmente na tradição italiana, quando um filho decidia casar, já tinha planejado seu local de moradia, com seu pedacinho de terra. Foi assim com os quatro primeiros filhos do Andrea e da Angela Pivatto. Mas o caso de nosso personagem foi diferente. Não se tem dados precisos, nem razões bem claras, mas pode-se imaginar o que terá acontecido. O pai do Quinto não era possuidor de boa saúde. Apesar de nunca ter tido necessidade de ser hospitalizado, tinha sérias limitações com referência aos pulmões. Conta-se que sentia sempre muita falta de ar. E veio a falecer com apenas cinquenta anos, em 1934, logo após o casamento de Quinto e Nila. Ricieri era o de mais idade no momento. O filho seguinte só veio a casar uns três anos depois e ficou residindo num pedaço de terra desmembrado da propriedade do Andrea. Tinha também limitações de saúde e veio a falecer com apenas trinta e quatro anos, mas já com cinco filhos. Por narrativas orais de pessoas que viveram nesse espaço de tempo, sabe-se que a nona Angelina tinha uma notória predileção por esse filho. Essas seriam, entre outras, razões que levaram o Quinto a assumir a direção da família. Seu quarto ficava no sótão da velha casa. Contam as meninas que o Quinto era extremamente gentil e generoso com as irmãs, não deixando faltar nada, principalmente vestidos e roupas para as mulheres. E assim foi por cerca de sete anos, durante os quais nasceram seus três primeiros filhos.

Sua *segunda morada*, onde ele se estabeleceu com a pequena família, foi uma terra comprada de uma família de alemães, a uns três quilômetros da casa paterna. Permaneceu ali por cerca de vinte e três anos, até 1960. Nasceram ali seus outros oito filhos. Tinha, afinal, sua casa e sua terra, e ali se firmou e progrediu como um próspero e laborioso agricultor. Nos vários capítulos dessa publicação são narradas suas façanhas para sobreviver e progredir.

Mas a história foi seguindo seu rumo e foi chegando o momento de dar um passo adiante. Dos onze filhos, três já tinham casado e um deixara a casa já com nove anos. A ida do filho mais velho ao exército trouxe mudanças profundas na família. Como veremos, a experiência do exército, novas visões de mundo, as notícias de novas terras trouxeram desejos e projetos muito fortes de ariscar uma nova mudança. O protagonista dessa mudança profunda da família foi o soldado/cabo Zenor José – que em consequência de uma atitude ética muito apreciada pelo seu comandante, o promoveu a cabo. Conta-se que o soldado Zenor, certa feita, encontrou uma carteira com boa quantidade de dinheiro. A partir, certamente, de uma formação religiosa e familiar bem honesta, levou-a ao comandante. O comandante ficou tão bem impressionado e feliz com esse gesto ético que reuniu a tropa, colocou-a em formação e promoveu nosso personagem a cabo: cabo Guareschi. Mas isso foi o começo. Talvez devido também a isso, o comandante designou o cabo Guareschi para que se encarregasse de fazer as compras dos mantimentos necessários à tro-

pa entre os colonos da região. E essa era uma tarefa que nosso cabo podia e adorava fazer, com categoria e extrema competência. Saía com o caminhão e negociava com os colonos, trazendo todo tipo de mantimento necessário e de boa qualidade, e a um preço razoável. Nasceu ali sua futura vocação de comerciante, que transformou sua vida e de parte de seus irmãos e irmãs. Esse o importante efeito colateral de sua nova tarefa. Foi descobrindo o quanto se poderia lucrar com esse tipo de comércio. Foi isso que o levou, mais tarde, junto com alguns primos, primeiramente o André, filho do Guerino, o irmão mais estimado do Quinto e, posteriormente, grande parte da família, inclusive os pais, para a cidade de Barracão, Paraná, como veremos.

A primeira tentativa de a família Guareschi ter enfrentado essa investida no Sudoeste do Paraná, inicialmente no *Rincão do Tapetinga*, foi quando três ou quatro filhos do Andrea, levados por notícias auspiciosas sobre o grande desenvolvimento da região, principalmente no ramo da madeira, pensaram arriscar também uma aventura por aquelas regiões. Foi assim que se armaram de coragem e decidiram, sem se dar conta certamente dos riscos, investir por aquelas áreas. Depois de algumas investigações, decidiram comprar parte de uma serraria na região de Palmassola. Eu deveria ter uns seis ou sete anos quando assisti, meio de intrometido, a uma reunião de vários tios meus, num domingo de tarde. Tiveram uma longa e acalorada conversa. O que me marcou fortemente foi que ao saírem os tios, o pai chamou minha mãe e foi falando bem decidido: Nila, preciso que

me faça uma cueca com bolsos por dentro! É que os tios tinham discutido que era preciso cuidar muito para não serem roubados, caso fossem fazer algum negócio, pois teriam de ir levando dinheiro vivo. Não conheço todos os detalhes, mas o negócio saiu, e o primeiro a assumir a execução do empreendimento foi o Santo Tazoniero, que era casado com minha irmã Olinda, e tinha um caminhão com reboque e além de tudo era um dos únicos que dirigia relativamente bem. Foi assim que lá se foi o Santo, com seu caminhão e seus dois filhos. Ele morava perto em Machadinho, próximo de Lagoa Vermelha, e já estava familiarizado com negócios de serralha.

O segundo a seguir o Santo foi o Zenor, que dera *baixa* do exército, casando de imediato com a Soely Barzotto, já com planos de se aventurar no oeste paranaense. Foi muita coragem, grande empreendedorismo, façanha admirável. Mas logo de início se constatou que o projeto não tinha futuro. Foi aí que nosso cabo Zenor tomou a frente e decidiu arriscar outro tipo de negócio, em que foi extremamente bem sucedido: começou a negociar, a partir de sua experiência no exército, comprando a produção agrícola dos colonos e levando-a para centros consumidores maiores. O primeiro passo foi adquirir um terço duma *bodega* que estava à venda. E logo depois outro terço, e em seguida toda a loja. E dê-lhe comerciar.

Os negócios prosperaram. Precisavam de ajuda. Recorreram aos primos, irmãos, e lá foram eles, um a um: primeiro o Ivo, logo depois de também *servir o exército*. Já estava lá o primo Andrea, cunhado de nossa irmã

Olinda, que era casada com o Santo Tazoniero. E o Santo era irmão da mulher do Andrea, D. Elma. E depois o Lírio Barzotto, primo da Soely, casado com a irmã do Andrea. Desse modo o núcleo foi se formando e crescendo. O Ildo já tinha ido para lá, bem criança ainda, *emprestado* para a Olinda e o Santo, como veremos adiante. E seguiram também o Juca e a Ires, para ajudar a *bodeguear*; o Juca já trabalhara anos com o maior bodegueiro de Colorado, o Sr. Schwengber. E um pouco mais tarde chega também o Celso, depois de sua rápida experiência como seminarista redentorista em Passo Fundo.

Com tudo isso, na casa do Sr. Quinto sobraram apenas os dois últimos rebentos: o Eloi e a Neuza. Como continuar a trabalhar uma colônia de terra, com todas as implicações? Natural que a decisão mais coerente e sábia seria, como foi, vender a colônia e procurar um lugar na cidade. E foi isso que se fez. O pressuposto fundamental, contudo, posto pelo Quinto, foi de que suas terras não passassem a mãos estranhas (que não da família). Foram vendidas as duas colônias para um filho do seu irmão mais velho, o Sílvio. Era pelo fim da década de 1950, o tempo da chegada, em peso, da mecanização, e uma família, com máquinas, poderia dar conta de cinco ou seis vezes mais terras que antes.

Foi assim que se realizou a *terceira mudança* para Colorado. Inicialmente, nosso personagem foi morar numa casa de madeira que pertencera ao seu genro Getúlio. Mas seu carisma para negócios e iniciativas logo se manifestou. Comprou de imediato um bom espaço

de terra, pensando já num loteamento. E planejou construir sua moradia no início do loteamento, que se situava bem próximo ao centro da cidade. E em dois anos já estava construída uma bela casa *de material*, bem a seu gosto. Em 1960, mudou-se para a nova moradia, bem planejada e construída com capricho. Sua estadia em Colorado foi marcante, e foi ali que, como sempre em sua vida, começou a se engajar de maneira mais efetiva na política da comunidade. Participou decisivamente na emancipação do município, que se deu a 3 de junho de 1962. Gostava de repetir uma frase do então governador Ildo Meneghetti, que dizia que “Colorado era seu neto”, pois fora o último município a se emancipar em seu governo. Seu amor à política continuou até o fim de sua vida e ele nunca esqueceu seus *políticos*. Em 1967, quando de uma visita a Porto Alegre, convidei o pai a assistir a uma liturgia no convento das Irmãs Carmelitas enclausuradas, que atendia na ocasião. Foi uma alegria ver o Sr. Quinto e o ex-governador Ildo Meneghetti relembando os velhos tempos da política e da emancipação de Colorado.

Foi nesse tempo que casou sua penúltima filha, a Ires, com o *comerciante* Juca, e logo foram também se juntar aos outros seis irmãos/ãs que já moravam em Barracão. Quem permaneceu mais próximo foi seu genro Getúlio, casado com a Hodila, que após uma tentativa de se juntarem à clã em Barracão, retornaram ao Rio Grande e ele montou uma marcenaria em Santa Bárbara do Sul. E dos outros quatro filhos restantes, dois já tinham alçado vôo definitivo, para uma experiência

de vida religiosa. E os dois últimos ficaram curtindo os pais, estudando e preparando seu futuro.

Após dez anos numa feliz e saudosa estada em Colorado, as circunstâncias da vida se encarregaram de levar os patriarcas para frente. Com sete dos onze filhos em Barracão, no Paraná, mesmo contra sua vontade, principalmente da mãe que podia assistir piedosamente sua missa diária na linda igreja de Colorado, e já tendo feito amizade com muitas amigas da cidade, inclusive com os padres, não houve como resistir. E, como veremos adiante, o patriarca preparou sua *quarta mudança* em grande estilo, para Barracão, Paraná, em fins de 1969.

Vou selecionar a seguir, como assinalei no início, algumas características específicas da família que, em minha análise, se constituíram em práticas culturais interessantes e inovadoras, algumas próprias das famílias daquele tempo, mas outras bem singulares, em que o tino educativo e a criatividade e originalidade do Sr. Quinto e D. Nila revelaram peculiaridades específicas, principalmente no que se refere à educação e à pedagogia, que diferenciaram a família.

a) *A ênfase numa educação para enfrentar o futuro*

Pode-se perceber e identificar, a partir de reflexões feitas numa perspectiva histórica, olhando agora com um olhar mais crítico, uma prática do Quinto e com certeza também da D. Nila, que se revela como um fato curioso do qual, talvez, nem nosso próprio personagem tivesse se dado conta, uma espécie de intuição: a impor-

tância de pensar o futuro dos filhos e de oferecer-lhes alguma educação e formação mais aprimoradas, além dos quatro ou cinco anos da escolinha da comunidade. E no nosso caso, isso já começou com a filha mais velha, a Olinda, que, com seus quinze ou dezesseis anos, foi internada em Tapera, numa instituição das irmãs Filhas do Coração de Jesus, que tinham um internato só para moças, para dar-lhes oportunidade de aprenderem algo mais além da escola comunitária e se prepararem para alguma profissão. Pesquisando mais, descobri que lá a Olinda aperfeiçoou alguns estudos, a prática de escrever melhor e, fato notável, do qual o Sr. Quinto muito se orgulhava: aprendeu datilografia! Lembro do pai contando que um dia foi visitá-la e disse ter assistido a uma demonstração da capacidade da filha, que fora elogiada até pelas irmãs: para mostrar a inteligência e o sucesso da Olinda, as irmãs punham um pano em cima do teclado da máquina de escrever para que ela não pudesse ver as letras, e assim tivesse de datilografar a página sem errar as letras. Isso foi motivo de orgulho para o pai e serviu como incentivo para criar aspirações mais desafiadoras para os filhos/as.

Não sei quanto tempo a Olinda ficou por lá, mas voltou “doutora” e respeitada! A segunda irmã não teve essa chance, mas ela se especializou por iniciativa própria. Extremamente bem dotada, desde o início era campeã em se aprimorar e desenvolver práticas relacionadas às necessidades domésticas. Sempre se distinguiu em criar e mesmo inventar novos tipos de manjares, em que foi logo superando a mãe. Mas acho muito importante enfatizar

um fato que só descobri há pouco: a Hodila tinha uma espécie de “escola de preparação de moças casadouras”. Quem me detalhou isso foi o Ildo, que viveu grudado com ela um bom tempo, até ser *emprestado* para a família da Olinda, como vou contar logo adiante. Pois vejam só: as moças que já estavam mais ou menos comprometidas, principalmente as primas, para se garantir na organização e manutenção das casas, pediam para fazer um curso preparatório, uma espécie de estágio, com nossa estimada irmã. E chegavam a passar até um mês na casa com ela, lidando com comidas, e principalmente costuras e outros tipos de decorações. Que responsabilidade!

Nunca vou esquecer que ao entrar na escola comunitária de Linha Garibaldi, com meus seis ou sete anos, era ela que, depois de lavar toda a louça, sentava comigo na grande mesa de jantar, pegava minha mão e me ajudava a desenhar as letras dos temas de caligrafia. E o professor Bach sempre elogiava minhas lindas letras!

A terceira menina foi talvez a mais privilegiada. Seguindo os passos da mais velha, foi também internada, mas agora em Espumoso, na Escola de Educação para o Lar dirigida pelas Irmãs de Notre Dame. E daí alçou voos mais altos, indo até a Porto Alegre numa experiência de vida religiosa, e se enriquecendo muito com essas experiências. Não vou falar da quarta e última menina, pois essa foi *fora de série*, isto é, nunca se encaixou nas *normas* tradicionais. Foi sempre “*rebelde*”, como ela mesma se expressa. Após o ensino fundamental, houve uma tentativa de *enquadrá-la*, novamente. Foi internada num colégio das Irmãs Vicentinas em São Lourenço, perto de Pato

Branco. Certamente essa foi uma oportunidade de aprofundar sua formação para voos mais altos, como para Curitiba e depois Porto Alegre. Nem a mãe, que tinha conseguido controlar de perto as outras três, conseguiu dar conta de sua busca de autonomia e liberdade. Ela mesma conta, repetindo o que a mãe dizia dela: “Essa me escapou!” Mas o pai nunca a abandonou, nem que fosse para comprar *Campari* na Argentina e mandar para ela a Porto Alegre, onde ela revendia, com cem por cento de lucro, para custear, quando sobrasse, algo dos acertos de contas com os bares, seu curso de Psicologia na PUCRS.

No que se refere aos rapazes, que foram sete, o processo foi bem diferente. Eles só chegaram depois de duas meninas, e foram quatro seguidos. Foram crescendo e garantindo a mão-de-obra para a colônia. Após a escola comunitária, o *grupo escolar* de quatro anos, não havia alternativas para eles; era o trabalho normal da agricultura familiar. O primeiro a deixar a casa foi para ir *servir o exército*. Mas a criatividade e o empreendedorismo de seu pai se revelaram com clareza nessa experiência. Ele não se contentou em ser apenas um simples soldado. Alguns anos depois, já era cabo. Dois deles saíram cedo de casa e entraram na vida religiosa. Outros três, logo que tiveram condições, foram a Barracão, Paraná. E o último acompanhou os pais até eles irem também juntar-se aos filhos.

b) O “*empréstimo*” e *encaminhamento dos filhos*

Vou analisar aqui um *fenômeno* interessante que, visto na perspectiva de hoje, pode surpreender. Mas é in-

interessante discutir esse costume nessa reflexão sobre as práticas *pedagógicas* nas histórias de nossa família, pois poderão, talvez, nos ajudar a re-inventar novas práticas no presente. Evidentemente, as circunstâncias do tempo eram bem diversas. Nos tempos de então, como a maioria das famílias, o Quinto e a Nila tiveram onze filhos: quatro meninas e sete meninos. Mas em nenhum momento dos 62 anos de seu matrimônio os onze estiveram todos juntos na mesma casa. Alguns permaneceram até se casar, ou até se afastarem para ir estudar ou por outros motivos. No meu caso, deixei a casa paterna com nove anos e meio, sem nunca mais retornar. Depois de minha saída, ainda nasceram dois filhos. E quando os pais completaram os 50 anos de matrimônio, nenhum filho mais estava em sua casa: restara apenas o casal.

Historicamente, o primeiro a deixar definitivamente a família fui eu mesmo. A Olinda foi a primeira a passar um tempo fora de casa, que foi exatamente no momento em que me ausentei. No seminário em Pinheiro Marcado, ela me escrevia, de Tapera, lindas cartas me entusiasmando e me dando conselhos. Durante décadas guardei uma estampa colorida que ela me mandou. A estampa não era qualquer santinho. Era feita num papel mais espesso e era colorida: um nível de santinho bem superior.

Vou contar aqui um episódio que sucedeu no dia em que o Sr. Quinto me levou a Boa Esperança (Colorado), para no dia seguinte tomar o ônibus, bem cedo, para ir ao seminário de Pinheiro Marcado. Trago esse episódio, pois ele revela, para além da fala certamente jocosa e não convicta do Quinto, algo que tem a ver com o item aci-

ma da *exportação dos filhos*. Lembro com os mínimos detalhes. Estávamos quase próximos da vila de Colorado, numa roça plana onde, muitos anos depois, o Pe. Ricardo Spagnoli, já no final da década de 1960, fez uma espécie de bairro/loteamento para famílias pobres, que não tinham condição de conseguir um terreno para construir sua casa. E naquele tempo, com a mecanização das lavouras, os assalariados já começavam a aparecer. A nova comunidade se chamou *Vila Padre Osmari*. Pe Osmari foi um padre muito estimado e muito querido, venerado pelo povo, que foi pároco de Boa Esperança na época da construção da atual imponente e linda igreja, na década de 1940. Contava o Sr. Quinto que foram incontáveis as carroçadas de areia, trazidas com bois, que ele e o tio Guerino levaram para a construção da atual igreja.

Voltando à história. O pai ia a cavalo, levando minha maleta com as roupas e outros pertences que o *prospecto* - tudo o que o seminarista deveria levar ao ir para o seminário - exigia. Inclusive escova e pasta de dente. Naquele dia, antes de sair de casa, minha irmã Hodila, a expert nas novidades da moda, me ensinou a escovar os dentes. Foi a primeira vez na vida! E não lembro que em casa houvesse tais apetrechos. Foram comprados especificamente para o menino que ia ao seminário. E eu ia seguindo a pé. Foi então que um colono que estava cuidando da roça, ao avistar o pai e o menino, gritou lá do meio da plantação: “Que está fazendo?” E a resposta de meu pai que até hoje ressoa aos meus ouvidos: “Estou despachando um filho. Já tenho demais em casa”! A resposta foi certamente jocosa e inteligente, mas de tudo

o que aconteceu a partir daí, tenho certeza que foi só da boca para fora. Constatei toda minha vida uma estima e um amor privilegiado por mim. Eu representava uma de suas grandes glórias. Não fosse assim, ele não teria aparecido em Pinheiro Mercado, num dia chuvoso e frio, com meio saco de pipoca com melado, uma de minhas guloseimas preferidas, junto com um feixe de cana para eu chupar lá no seminário! Ele também não teria, uns cinco anos depois, pago uma passagem de avião, ida e volta, de São Paulo a Não-Me-Toque, para que eu não precisasse passar três dias e três noites no trem, para vir assistir à primeira missa de nosso primo Pe. Alcides, em dezembro de 1956. Nem teria ido, de avião novamente – primeira vez que andou de avião – de Porto Alegre a São Paulo-Aparecida – para assistir minha investidura da batina redentorista, em 1968. Aquela fala de *despachar* um filho que já sobrava, foi certamente só da boca para fora!

Mas há outro episódio, que ficou folclórico na família, em que dizem que eu fui protagonista. O irmão mais velho de nossa mãe, o famoso e muito comentado tio Bepino, não teve filhos. Lá pelas tantas de seu casamento, resolveu adotar uma filha, a Leopoldina. Fato curioso é que essa filha adotiva casou mais tarde com um primo nosso, o Argemiro, filho mais velho do Ricardo Guareschi e Guilhermina Zanolla e, por desígnio do destino, deu ao Bepino onze netos! Mas voltemos ao episódio. Contam que o tio Bepino e sua mulher Dosolina gostariam de ter algum menino em casa. E bateram na casa do Quinto e da Nila. E depois de alguma insistência, eles concordaram em *emprestar* um filho ao Bepino, certa-

mente apenas por algum tempo. E dizem os antigos que a escolha recaiu sobre esse que vos escreve. Para dizer a verdade, não posso absolutamente negar, mas tenho apenas uma bem leve e longínqua lembrança do fato. Principalmente por ter escutado essa história muitas vezes da boca de meus irmãos e irmãs mais velhas. E um belo dia o tio Bepino veio buscar o Pedrinho. Para chegar a sua casa, era necessário atalhar algumas roças e lavou- ras dos vizinhos. E lá fui eu, no colo do tio, na frente da montaria. Mas o *empréstimo* durou pouco. Conta-se que ao escurecer, o menino que não deveria ter mais que sete anos, desandou em choros e gritos. E não havia jeito de acalmá-lo. Final do filme: a solução foi desfazer o empréstimo. O que lembro, do que contavam, é que pelas três ou quatro horas da madrugada, sob o latir dos cachorros, retorna o tio Bepino, atravessando matos e roças, levando o inconsolável Pedrinho no colo do cavalo, devolvendo-o ao cunhado e à irmã... Corre o pano!

Bem mais concreto e realista, contudo, foi o que aconteceu com nosso irmão Ildo. Ele próprio contou, e ao narrar o fato percebi que até hoje o episódio continua uma lembrança viva em sua memória! A Olinda, já com dois filhos pequenos, com um e três anos, preparava-se para ir, com o seu marido Santo, ao misterioso *Rincão do Tapetinga*, onde os tios tinham comprado parte de uma serraria. E imaginava os trabalhos que teria de suportar sozinha, com marido e filhos pequenos. Foi então que se dirigiu à mãe e perguntou se não poderia levar algum irmão mais crescido que pudesse ajudá-la naquele longínquo sertão. Repito as palavras do nosso

irmão Ildo: “A mãe, diante do pedido tão dolorido da filha, passa o olhar sobre os filhos que as rodeavam e ...bate o martelo: “então pode levar o Ildo”. Feito o empréstimo.

E lá se foi nosso irmãozinho para terras estranhas. É verdade que o empréstimo não durou muito, pois como vimos acima, a experiência da serraria durou pouco, e vieram todos à *cidade*, Barracão. E ali, depois de algum tempo, o José se encarregou de recambiá-lo para um lugar de mais futuro. Os irmãos lassalistas tinham, há pouco tempo, aberto um internato em São Miguel do Oeste, precisamente para meninos que gostariam de continuar os estudos. E nosso irmão era um candidato apropriado. Foi dali que pouco depois ele se encantou com os irmãos e decidiu, a convite deles, mas com plena aceitação dele, seguir a carreira da vida religiosa. Deixo para ele, o dia que quiser, narrar sua história daqui para a frente, uma história, por sinal, cheia de peripécias curiosas e corajosas. Mas se não fosse a generosidade e a coragem da D. Nila, ele nunca poderia ter conseguido realizar voos tão altos e arriscados.

Ao concluir esse item, lembro-me duma sábia frase do poeta Gibran Khalil Gibran sobre os pais: “Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas ... para que suas flechas se projetem, rápidas e para longe”.

Como preveni ao iniciar esse capítulo, tive de selecionar apenas alguns itens que pudessem contextualizar as narrativas que irão seguir. Procurei oferecer um am-

plo quadro dos *Guareschi/Guerreschi*. Ative-me apenas a algumas dimensões históricas mais amplas e gerais e passei a historiar, mais especificamente, a trajetória de nossos personagens nas diversas mudanças em suas inúmeras peregrinações. Ao final escolhi dois temas que julguei importantes para se poder avaliar dimensões culturais e pedagógicas que podem ser identificadas na história dessa numerosa família. Os capítulos que seguem vão focar mais especificamente o personagem que escolhemos para referenciar as narrativas que tecem os tecidos vivos de nossas vidas presentes nessas histórias.



ENSAIO II

O PESQUISADOR INQUIETO

Todos nós somos, de um modo ou outro, pesquisadores. A maioria talvez não se dê conta, mas nem por isso deixa de ser. Mas há alguns que têm certo carisma, uma espécie de vocação para procurar e querer descobrir as coisas. Vou tentar mostrar como nosso personagem tinha esse dom, comentando dois fatos que foram decisivos e marcaram toda a trajetória posterior da Família Guareschi.

O Quinto tinha uma personalidade bem marcante. Era, como se costumava dizer nas classificações psicológicas mais antigas, uma pessoa *extrovertida*. Sempre em busca de coisas novas e procurando encontrar pessoas para se relacionar com elas. Gostava de frequentar os locais em que, possivelmente, chegassem pessoas de fora. Um dos lugares preferidos eram os supermercados. Teve muita sorte, pois, principalmente nos últimos anos, viveu perto dum grande supermercado que pertencia a filhos e netos. Chegava ao local, pegava o jornal e ia se

informando das notícias. Cumprimentava a todos que encontrasse. E sempre tinha alguma pergunta a essas pessoas, curioso para que lhe passassem alguma informação, trouxessem algumas das últimas novidades. E, quando possível, introduzia mais pessoas na roda.

Nosso personagem procurava estar sempre bem informado. Dos mais de 60 anos que mantive algum contato com ele, não me lembro de não estar assinando algum jornal e, principalmente, de não ler todos os jornais que pudesse. Em 1956, por ocasião da ordenação de seu sobrinho Pe. Alcides Guareschi, filho de seu irmão mais estimado, o Guerino, lembro que já assinava o jornal *O Noticioso*, de Carazinho, sede do município em que vivia. E depois, até o fim de sua vida, nunca deixou de ter em mãos ao menos um jornal, quando não dois, ou mais.

Há episódios interessantes ligados a esse seu hábito. Uma das coisas que o deixava extremamente irritado era procurar o jornal e ver que alguém já o levara embora, ou pior, que já o tivessem usado para outra finalidade. Gostava de repetir, e com grande indignação: “escute, menino! Eu posso até jurar! Mas esses empregados de hoje, se precisam de algum papel, nem que seja para embrulhar bananas, a primeira coisa que pegam é o jornal do dia”. E mais irritado ainda ficava quando descobria que o jornal tinha chegado, mas faltava a primeira página. Agarrava o que tinha sobrado e ia mostrando a todos, muito nervoso e indignado. O que o acalmava era quando alguém lhe garantia que iria buscar outro jornal.

Tinha um estilo particular de ler os jornais: queria um local bem calmo, sentado numa cadeira confortável, de óculos, e que ninguém o incomodasse. Passava página por página. Os filhos, principalmente o Severo, diziam que ele lia até os anúncios. A partir dos comentários que fazia de suas leituras, posso assegurar que ele conseguia fazer uma análise fundamentada, e até certo ponto crítica, do que lia. Evidentemente, havia jornais que ele apreciava mais, que eram os mais simpáticos a suas ideias políticas. Não chego a garantir que seu espírito crítico chegasse a mantê-lo livre das *ideologias* que perpassam todo e qualquer órgão de imprensa que tenha seus *donos*, como são praticamente todos os nossos jornais. De qualquer forma, as notícias ele as entendia e tinha sempre uma apreciação bem fundamentada da situação.

Lembro que no elogio fúnebre que o Pe. Harry, pároco de Barracão, que o conhecia há mais de 20 anos, fez, quando ele faleceu, foi de que ele tinha suas ideias e seu pensamento próprio, mas que isso demonstrava seu alto grau de cidadania. A prova de que ele conhecia e discernia entre diferentes ideologias políticas se manifestou, de maneira jocosa, quando comentou sobre a queixa que um filho seu lhe fez de que ele não o mandara estudar, como fizera com a maioria dos outros filhos. Ele, que conhecia bem o potencial de inteligência do filho, respondeu: “Se eu lhe tivesse mandado estudar, você estaria agora ou na cadeia, ou no Uruguai!” Explicando o segundo ponto: ele nunca simpatizara com o Brizola, que naquela ocasião estava exilado no Uruguai,

mas ao mesmo tempo o respeitava como um político inteligente e capacitado. E não quis correr esse risco com o filho...

E assim o Quinto, principalmente em seus últimos anos, passava o tempo *encontrando gente!* E com isso tinha sempre assuntos para conversar. Ao ver algum estranho, não se constrangia em saudá-lo e, conforme o clima, devagarzinho, ir arriscando alguma conversa, caso percebesse alguma receptividade da parte do interlocutor. Começava perguntando de onde era, o que o trazia à cidade etc. E dificilmente não acontecia que nessa *pesquisa* eles já não identificassem algum conhecido comum. E se isso acontecesse, já era uma grande alegria para ele. Contava logo aos que encontrasse de sua descoberta. E pelo fato de possuir uma extraordinária memória, até mesmo visual, o encontro já ficava registrado para um possível próximo encontro.

São muitas as pessoas que confirmam essa sua característica de se interessar em saber das pessoas e dos locais por onde andava. Muitos comentavam que ficavam admirados da lembrança dos lugares por onde ele já tinha estado e até mais, das pessoas que residiam nesses locais. O comentário que faziam a seu respeito pode ser um tanto exagerado, mas é revelador, e não era nem um, nem dois, mas vários que costumavam dizer: “A gente vai daqui do Paraná até o Rio Grande, e o Quinto vai dizendo o nome de quase todas as famílias que moram na beira da estrada!” E notem que são ao redor de 500 quilômetros...

Esses episódios e comentários sobre a personalidade extrovertida e social do Quinto ajudam a explicar e fundamentar dois acontecimentos que marcaram decisivamente a Família Guareschi que veio da Itália em 1882 e se estabeleceu na região de Garibaldi, espalhando-se depois por todo o Brasil, e até para alguns outros países, como Europa e Estados Unidos. O primeiro, é sua contribuição decisiva na *redescoberta* dos locais onde os Guareschi se estabeleceram em sua chegada ao Brasil. E o segundo, a *relição* com os Guareschi que tinham permanecido na Itália.

1. A redescoberta das “colônias velhas”

Pietro di Stefano Guareschi consta entre os muitos migrantes que vieram da Itália, da região do vale do Rio Pò, na *Bassa Padana*. Tinha 31 anos e migrou logo após ter-se casado com Rosa Orsi, com 21 anos. Embarcaram no porto de Gênova, no navio Correbo, em novembro de 1881. Passaram por Santos, São Paulo, e seguiram em direção a Porto Alegre, entrando pela Lagoa dos Patos. Não se conhecem exatamente os detalhes, mas como todos os imigrantes que vieram para a região para onde ele se estabeleceu, deve ter embarcado numa barcaça menor e ido até Montenegro, de onde seguiu, já em caravanas, alguns a cavalo ou em lombo de burros e outros a pé, para a localidade de Conte d’Eu, atual município de Garibaldi. Havia ali um local de hospedagem, que era chamado de *Barração*, onde esses imigrantes se alojavam até que con-

seguissem ir até o lote que lhes fora destinado pelos agentes governamentais.

Não se sabe se o Pietro recebeu seu lote por escolha pessoal, mas o mais provável é que lhe foi designado um lote sorteado entre as outras famílias de imigrantes. O que lhe coube foi o lote 1, da *Linha Nuova*, atual Linha Camargo. Examinando os mapas da região, vê-se que todas as outras *linhas* eram designadas por números, mas a *Linha Nuova* recebeu esse nome específico. A razão mais provável é que as outras *linhas* já tinham sido todas ocupadas, mas havia restado um bom número de famílias que tinham ficado sem seu lote, e por isso foi criada uma *nova* linha: daí *Linha Nuova*. Essas famílias foram ocupando o espaço entre a atual localidade de Marcorama, indo até a atual Linha Camargo, o nome atual da *Linha Nuova*. O que pude ir descobrindo, em minhas leituras e investigações, é que as principais famílias dessa Linha, que parte de Marcorama e vai até Camargo, são, respectivamente: Fontana, Nicaretta (Keco Del Mato, pois tinha muitas terras ainda com mato), Pivatto (Inocêncio, ainda existem ruínas de sua casa perto do rio *Fancese*), Guareschi (conhecidos como *i Rossi*), Bertele, Gnoatto, até chegar a Linha Camargo. Repito: essas são informações que fui colhendo e sistematizando a partir de informações orais.

Pois foi aqui que se estabeleceu o nosso Pietro. Esses novos moradores, ao serem informados de seus lotes, começaram a tomar posse deles, com grande coragem e certa criatividade. Infelizmente, pouco se sabe desses corajosos inícios, quase que homéricos. As picadas ru-

dimentares já tinham sido feitas pelos que mediram os lotes. E os novos moradores, seguindo essas picadas, iam se estabelecendo no lote a eles designado. Uma das reivindicações mais comuns, como se lê nas entrelinhas de alguns documentos, era pela melhoria das estradas, para que ao menos pudesse passar uma carroça. Chegaram até a recorrer ao Imperador. Contam alguns que diante disso inicialmente tiveram de organizar mutirões para solucionar tais problemas. Os homens saíam do *Barracão* de Garibaldi na segunda-feira, andavam seus dez a quinze quilômetros, que é a distância até o local da *Linha*, e ao chegar ao lote designado, escolhiam o lugar mais apropriado para construir a futura casa. Era ponto pacífico que deveria ser um lugar onde a água fosse bem acessível. Nesse ponto Pietro teve muita sorte, pois o lote a ele designado possui ao menos três fontes perenes. Uma delas está agora preservada, inclusive aberta ao público. Essa fonte nunca sofreu alterações e muitos dizem que a água é milagrosa. Ultimamente, passou a ser chamada *Fontana San Pietro*. Ela fornecia água, com queda natural, para o local onde Pietro levantou sua morada.

Um fato interessante é que Pietro foi o único, como testemunham todos os moradores antigos, que construiu sua casa com *mattoni*, isto é, tijolos. Todas as outras casas do local, enquanto se sabe, eram feitas com pedras para o alicerce e o porão, e depois com madeira, que abundava na região. Apesar de o fato de construir com tijolos se constituir numa prática inusitada, ninguém soube oferecer alguma explicação razoável para

isso. Ele próprio preparou os tijolos para a morada. Alguns antigos, como o Francisco Nicaretta, contam como eram feitos os tijolos: bem maiores que os atuais, de argila que era abundante no local. Eram secados em fileiras, com fogo nas laterais. Pietro era, com certeza, detentor dessa *tecnologia*, pois em Solarolo Monasterolo, província de Cremona, às margens do Rio Pò, de onde ele tinha migrado, a maioria das casas são feitas com esse material.

Outro fato que merece registro é que ao se re-descobrir os locais onde Pietro tinha morado, ninguém dos antigos recordava do nome de família *Guareschi*. Inicialmente isso soou muito estranho para os membros dessa família, pois o nome constava em alguns documentos oficiais. Mas aos poucos conseguiu-se esclarecer essa questão conversando com pessoas mais antigas. A Leonilda Bertele, por exemplo, que faleceu em meados de 2022, já com 90 anos, lembra que no local onde estava a primeira casa de Pietro, feita de *mattoni*, foram feitos alguns tanques de água com esses tijolos, e lá as mulheres e meninas adolescentes iam lavar a roupa. Ao perguntar a ela quem morava na casa, sua resposta era: *i Rossi*, que eram os Guareschi. Do mesmo modo o *Cechet*, ou *Cechetin* (Francisco Nicaretta), testemunha que esse era o *apelido* dado a eles. Alguns historiadores narram que esse costume de se dar um *apelido* a certas famílias era bastante generalizado entre as primeiras famílias de migrantes e houve até ocasiões em que se tornou difícil resgatar o nome original.

Os cálculos mais prováveis do tempo que decorria entre a primeira ida ao lote e a mudança definitiva ao local, levando já as mulheres e os filhos, são de que tal processo demorava ao redor de seis meses. Um ponto importante, lembrado por muitos dos *antigos*, é a menção à importância que tiveram os cavalos e muares. Nos primeiros anos as distâncias eram vencidas a pé, mas com a invasão desses animais trazidos pelos tropeiros da região de Vacaria, Cambará etc., a vida se tornou bem mais fácil. O emprego de animais veio resolver muitos problemas que ajudam a entender como podiam subsistir essas colônias. Ao limparem parte do lote, imediatamente se faziam algumas roças, com as sementes que já eram fornecidas aos colonos pelo governo. Algumas eram até trazidas da Itália, mas em pequena quantidade.

Após realizarem as primeiras colheitas, a criatividade dos colonos foi novamente se colocando à prova. E para isso foi decisiva a importância dos animais, principalmente os muares, para se levar os cereais aos moinhos. Esses se constituíram num recurso indispensável para a sobrevivência e autonomia dos pioneiros. As narrativas de alguns moradores mais antigos nos revelam como a prática da entreajuda foi importante nesses primeiros tempos. Cerca de quinze em quinze dias, um habitante da *Linha* se revezava para ir ao moinho. Os moradores colocavam parte das colheitas, principalmente do trigo e do milho, em cargueiros e o designado rumava em direção ao moinho, que eram raros e se constituíam em pontos de referência. Ao chegar, descarregava seus víveres e durante a noite o moinheiro fazia a moagem e no

dia seguinte o feliz morador voltava com sua tropa e a tão esperada farinha.

Claro que vez ou outra era preciso recorrer à *cidade*: comprar ferramentas, roupas, fósforos e verificar o correio, que só chegava até a sede do município. Foi assim que várias cartas vindas da Itália, escritas ainda no final do século XIX, e que foram descobertas por nosso personagem, como veremos a seguir, puderam chegar a seu destino.

Entre as narrativas mais comuns dos antigos sobre esses tempos estão as que falam dos perigos das feras, dos *tigres*. E uma das suas maiores dificuldades era defender os animais dos seus ataques. Com isso, os poucos animais que podiam ser criados nas casas – vacas para o leite, suínos para a carne e a banha etc.- tinham de ser cuidadosamente guardados, às vezes nos próprios porões das casas, durante a noite, para não serem atacados pelas feras.

Tracei esse pano de fundo para muitos dos mais de 20 mil descendentes do Pietro e da Rosa, ao visitarem o *Paese*, o local onde por primeiro chegou esse casal, possam fazer uma ideia do que significou para esses migrantes estabelecer-se nessas longínquas paragens, após o ato corajoso de deixar sua terra, seu querido *paese*. Muitos estudos e pesquisas se dedicaram em descobrir as razões dessas migrações. Mas uma das principais, senão a mais importante, era o desejo de poderem *trabalhar no que era seu*, em contraposição a uma vida de semi-escravidão em que viviam nas *caserte* dos condes e

barões, donos de todas as terras. Eles procuravam uma oportunidade de viverem em paz e liberdade. Para o que estiver lendo esse texto e quiser ter uma ideia da vida de nossos antepassados, recomendaria que visse o filme *L'albero dei zoccoli* – A árvore dos tamancos, em português, que retrata de maneira muito fiel a situação da região de onde eles vieram.

Mas a história do Pietro e da Rosa não termina aqui. A vontade de ir à frente, de conquistar novos espaços, correndo os riscos que isso acarretava, não demorou a se manifestar novamente. Seu primeiro filho, Andrea, nasceu em maio de 1983. Depois dele, nesse mesmo lote a eles designado, na casa de *mattoni* que tinha construído, nasceram mais oito filhos: Pedro, Josepha, Júlio, Rodolfo, Ricardo, Stella Magdalena – que faleceu com dois anos – Stella Concepta Magdalena e Magdale-na. O Andrea herdou, com certeza, a coragem e a perspicácia do pai. O que se sabe é que ele, próximo aos 18 anos, - casou com 19 anos – já começou a ter algum contato com a *cidade*, interessado, ou incentivado pelos sacerdotes capuchinhos que, de quando em quando, passavam nas *Linhas*, atendendo às necessidades religiosas dos piedosos colonos italianos. E foram surgindo as capelas. A de São Pantaleão, distante oito quilômetros de Vila Camargo, que foi construída em 1900, e foi tombada ao completar 100 anos, ainda é uma demonstração da fé encarnada desses pioneiros. Sabe-se, por via oral, que o Andrea tinha um contato mais próximo com os freis. Alguns chegam a dizer que tenha sido seminarista, mas é pouco provável. O que é certo é que

ele foi encarregado de distribuir o jornal, que os freis publicavam, escrito em italiano, em algumas *Linhas* da paróquia. Talvez até se hospedasse às vezes com os freis em Garibaldi. Andrea casou em 1902, e seu filho mais velho, *Sílvio Gumercindo*, que nasceu em 1904, já é lembrado numa das cartas escritas da Itália, onde o pai do Pietro fica feliz em saber que ele já era avô. Também por via oral se sabe que o fato de Andrea ter mais contato com o mundo, fez com que ele ficasse sabendo que na região de *Passo Fundo* havia muitas terras disponíveis e em grande quantidade. E o mais importante: eram terras *planas*, sem tanto morro e pedra como as colônias que tinham recebido. E isso o incentivou a arriscar a sorte e comprar novas terras, mudando-se para lá. Não se sabe como Pietro chegou a adquirir essas terras, se ele foi pessoalmente até lá, o que é mais provável, ou se foi através de intermediários. O que é certo é que em inícios de 1911, ou talvez já em fins de 1910, o Andrea já migrou para *Passo Fundo*, como era designada a região naquele tempo, e se estabeleceu no distrito de *Boa Esperança*, na localidade que posteriormente foi chamada de *Linha Garibaldi*. Ele subiu com sua mulher e seus quatro filhos: Sílvio Gumercindo, Clementina, Maria e Guerino. E ao menos em outubro de 1911 ele já residia lá, pois a 22 de outubro nasceu Ricieri Quinto – seu *quinto* filho – e foi registrado em Não-Me-Toque, atualmente um município entre Carazinho, Colorado e Selbach.

Provavelmente no ano seguinte, 1912, migraram para o local onde Pietro já tinha se estabelecido, seus pais, Pietro e Rosa, e seus sete filhos. Nenhum deles tinha

ainda se casado. E dali, à medida que iam casando, foram deixando a família e se estabelecendo nas proximidades.

O segundo filho de Pietro, que foi chamado de Pedro, não chegou a casar, pois conta-se que era doente, tinha *ataques*, e faleceu com apenas 40 anos. O fato de Pedro ter recebido esse nome é algo estranho, pois na tradição das famílias dificilmente o pai colocava seu nome nos filhos – prática que foi esquecida em grande parte e que, talvez devido a algum narcisismo inconsciente, voltou a ser fortemente praticada; mas no caso do filho Pedro a explicação talvez seja que ele nasceu no dia de São Pedro, 29 de junho.

A Josepha, sua primeira filha mulher, nunca chegou a casar, mas teve três filhos com um senhor que tinha o apelido de *Fagot*, mas o seu nome de família era *Piana*. Era o homem mais rico da região, dono de uma quantidade enorme de pinheiros, e vivia oferecendo e emprestando dinheiro a todos os que quisessem. Os filhos da Josepha receberam todos o sobrenome Guareschi, pois Pietro nunca concordou que recebessem o sobrenome do companheiro de Josepha.

O Júlio casou com *Elisa Balin*, e foi morar perto da vila de Boa Esperança, chamada de *Spaquinha* (provavelmente deterioração de *Paquinhas*, diminutivo de *Pacas*). O Rodolfo casou com a Constantina Viero, de Taperia, indo morar um pouco mais longe, em Linha Westfalen, uma capela do município de Chapada. Coube ao Ricardo, o último filho homem, permanecer na casa dos pais, depois de casado com a Guilhermina Zanolla. Seu casamento está

ligado a uma de suas atividades, que era buscar famílias que moravam nas *colônias velhas*, de onde eles tinham migrado, e trazê-las para a região de Passo Fundo. Possuía vários ternos de mulas, que eram os melhores da região, e com eles trazia as mudanças encomendadas. Numa dessas viagens, trouxe uma família que morava em Barracão, um local vizinho a Bento Gonçalves. Conta-se que durante a viagem se enamorou de uma moça que vinha na mudança, a Guilhermina Zanolla, e acabou casando com ela, que tinha então apenas 17 anos.

A Stella, sua penúltima filha, permaneceu na casa dos pais, até casar com um viúvo, *Fernando Menetrier*, que já tinha duas filhas, e com o qual teve mais duas filhas, e foi morar no atual município de Ipiranga, desmembrado do município de Getúlio Vargas. Finalmente a Magdalena casou com o *Frederico Pazinato*, uma família vizinha do Pietro, foi morar na capela de *Cristo Rei*, entre os municípios de Ibirubá e Santa Bárbara. Teve a coragem a felicidade de ter quinze filhos...

Após essa rápida contextualização da família do Pietro e sua mudança para *Linha Garibaldi*, chegou o momento de justificar a razão do primeiro subtítulo do ensaio. Talvez não seja tão fácil, nos dias de hoje, fazer uma avaliação do que aconteceu com a vinda de grande parte das famílias italianas que viviam nas *colônias velhas* e que passaram a residir nas *colônias novas*. Mas o fato é que se estabeleceu uma forte e, até certo ponto inexplicável, ruptura entre essas famílias, que passaram a viver vidas totalmente separadas, sem praticamente nenhuma comunicação entre si. Passaram a se consti-

tuir praticamente em dois mundos diferentes. E é nesse contexto que vamos descobrir e identificar em nossa personagem sua surpreendente qualidade de investigador e pesquisador. Durante décadas ele vivia comentando e confidenciando a todos os parentes seu grande desejo de poder *redescobrir* o que teria acontecido com os parentes que tinham permanecido naquelas regiões.

Essa sua aspiração cresceu quando, ao casar, com 20 anos, aceitou o convite do sogro, Pedro Baruffi, que estava interessado em saber mais notícias de seus irmãos e irmãs que tinham ficado em Coronel Pilar, uma localidade próxima à Linha Nuova. No Ensaio V, vou inserir algumas informações sobre os Baruffi, pois a mulher do Quinto era a Petronila Baruffi, filha do Pedro, o primeiro dos 16 filhos do *patriarca* dos Baruffi, o Sr. Francesco Baruffi, nascido no Brasil. O Quinto foi seu companheiro nessa empreitada. O que restou dessa viagem foi pouca coisa. O Quinto lembrava que tinham ido a cavalo, demorando vários dias, pousando, entre outros lugares, em Soledade e Roca Sales. Mas dessa passagem por lá, o que ficou gravado nele foi o desejo de retornar e redescobrir as origens da família.

E esse momento chegou somente *60 anos* após a saída de Pietro daquele local, em 1971. Nosso pesquisador se preparou com cuidado e com tempo. Tinha adquirido um *fusão* e num determinado dia o Quinto e a Nila debandaram para a direção da Linha Camargo, no município de Garibaldi. Ele tinha em mente apenas alguns nomes que tinha gravado há 40 anos, entre eles o de *Giumilian Damiani*, que de fato era *Maximiliano*, como se

pode verificar posteriormente. E compreende-se a razão de ter fixado esse nome, pois ele era casado com a Regina Pivatto, irmã de sua mãe, a Angelina. O que ele sabia era que ele residia em *Linha Nuova*, atual Linha Camargo. Pode-se imaginar o que se passava no coração de nosso pesquisador chegando, após 60 anos, a uma vila onde deveria viver sua tia e onde vivera e casara sua mãe.

As primeiras tentativas foram bastante frustrantes. Certamente porque não era domingo, o dia em que os moradores costumam se reunir no único local possível da comunidade, que é o salão da igreja, e onde com alguma probabilidade alguém poderia dar alguma informação. Perguntou a algumas pessoas, nas casas, mas ninguém pôde dar notícias desse *Giumilian*. Mas o sobrenome, *Damiani*, alguns conheciam e disseram que ainda havia alguma família com esse sobrenome.

Conforme nos narrou, muitas vezes, ele tomou seu fuscão e regressou a Garibaldi. Procurou uma hospedaria e ali pousou com o firme propósito de retornar ao local. E no dia seguinte rumou novamente a Linha Camargo. Teve a sorte de encontrar algumas pessoas de idade, perto duma residência, e arriscou. No início, todos resistentes, até desconfiados. Mas o Quinto não era de meter medo em ninguém. Depois de alguma conversa, um senhor de idade disse que sabia, sim, que ali tinha morado o tal *Giumilian*, mas que tinha morrido já há algum tempo, como também sua mulher, a Regina. E ninguém tinha permanecido na sua antiga moradia. E após alguma insistência, disse que sabia que uma das filhas, a Rosina, tinha casado com um Nicaretta, mas que era viúva e mo-

rava perto da estrada que ia de Linha Camargo a Linha Brasília, numa capela nova que tinha iniciado há poucos anos. Morava com seu filho, o *Cechet*, que trabalhava com uva e tinha um caminhão. Foi a primeira pista.

E lá se foi o Sr. Quinto, com a D. Nila, em seu fuscão, à busca da casa do Sr. *Cechet*, que morava “bem perto da estrada”. Era pela tardezinha. Estacionou na frente da casa, que tinha uma calçada coberta, e pediu pelo *Cechet* e por sua mãe, a Rosina. Apareceram várias pessoas, inclusive a Rosina, junto com várias crianças. Pode-se imaginar a cena: um senhor estranho, com sua mulher, pedindo informações de um tal de Giumilian Damiani que era casado com uma senhora chamada Regina Pivatto. D. Rosina disse que sim, que eram seu pai e sua mãe. Algumas luzes começavam a se acender. Mas o Quinto percebeu que era preciso ir devagar. O dono da casa, o Sr. *Cechet*, não se encontrava, nem sua senhora que deveria estar na roça, e é evidente que não se poderia avançar mais naquele momento. Interrompeu então a investigação, com a promessa de voltar no dia seguinte, quando estivesse em casa o dono da casa.

Quem conta a história agora é o Sr. *Cechet*. Ao chegar a casa naquela tarde, nem meia hora depois de o *homem estranho* ter ido embora, D. Rosina lhe conta que tinha estado ali um senhor, com sua senhora, num fuscão vermelho, e que se diziam parentes deles. O *Cechet* pergunta se não era um senhor *con un capelón a testa*. Exatamente, responde D. Rosina. – Pois eu o encontrei lá perto de Marcorama. E D. Rosina lhe diz que eles ficaram de voltar.

E de fato voltaram. Estou me detendo nesse episódio, pois nesse momento se reatou e recomeçou uma mudança *qualitativa* na relação entre os remanescentes da Família Guareschi das *colônias velhas*, a comunidade de Linha Brasília, e de tudo o que sucedeu posteriormente, como as visitas quase anuais, a construção do Capitel N. Sra. de Caravaggio, o projeto do *Paese Guareschi*, e muitos outros que, de um modo ou outro, dependem inteiramente dessa *descoberta* do Quinto.

Importante sublinhar aqui dois pontos. De um lado, da parte do Quinto, uma coragem e persistência incomum. E da parte da família do Francisco Nicaretta, uma receptividade impressionante. Sem essa conjugação de fatores, a história da Família Guareschi, ao menos dos mais de 20 mil descendentes do Pietro e Rosa, teria sido muito diferente e difícil conjecturar se, e quando, teria acontecido.

Após essa *descoberta* após 60 anos, praticamente em todos os anos que se seguiram alguém ligado ao Quinto passou a manter algum contato com os Nicaretta. Primeiramente os que já residiam, ou foram residir em Porto Alegre. E os contatos foram se multiplicando. Evidentemente, o Quinto e a Nila, ao menos uma vez por ano, davam seu giro pelo local. E as amizades foram se estreitando.

Uma reflexão um pouco mais cuidadosa sobre esses fatos, à primeira vista corriqueiros e sem importância aparente, nos leva a identificar traços de uma cultura e tradição reveladores de alguns *valores* que ainda subsistem entre os imigrantes italianos que permaneceram

nas *colônias velhas*, e são ainda intensos e fortes, fazendo parte de um estilo de vida que caracteriza essas pessoas e comunidades e que os ajudam a usufruírem e gozarem de uma vida boa e feliz. São valores de pessoas que continuam abertas, puras, transparentes. E o fato de parentes terem se re-encontrado depois de tantos anos trouxe novas alegrias a ambas as partes. As histórias e lembranças começaram a se reanimar, a tomar vida nova. Cada memória passa a ser curtida e celebrada com prazer. É uma cultura que se reanima, uma memória que revive, trazendo mais sentido à existência, mais alegria de viver. São novos laços de afeto, memórias restabelecidas, tradições revividas, vivências realimentadas. As comidas *di sti anni* (dos velhos tempos), as expressões e os ditos dos antigos, os provérbios, as orações, as festas e celebrações. Tudo isso foi e continua sendo parte importante dessa primeira *redescoberta* que teve como um dos atores centrais nosso personagem.

A partir daí os fatos foram se sucedendo. Foi-se identificando a localização exata onde a casa *de mattoni* de Pietro se situava; passou-se a preservar as videiras com mais de 120 anos, que ainda o Pietro tinha plantado; cuidou-se dos muros que tinham sido por ele construídos e da *Fontana* que lhe presenteava a água pura e sadia. Além disso, foi concretizada a ideia de *marcar* esse local com um belo *capitel*, dedicado a Nossa Senhora de Caravaggio, a mais querida devoção trazida pela família. Foi aceita a ideia do Pe. Alcides que, inspirado em outros locais, sugeriu construir o capitel num estilo que, além de lindo, mostrou-se muito original: uma parede

de pedra, com o grande vitral da Madonna no centro que, visto à distância, lembra uma catedral. Ao pôr do sol, o vitral iluminado mostra a Madonna abençoando toda a região. E o local escolhido foi dentro do lote de terra designado ao Pietro em 1881.

O capitel começou a ser construído em 2001 e já se fez presente então a generosa e simpática participação da Comunidade da Vila Brasília, liderada pelo Sr. Cechet, seus parentes e vizinhos. Seus filhos foram buscar as pedras para a construção de um alto muro de pedra. Foi inaugurado, com uma bela celebração, no dia 6 de janeiro de 2002.

Outro acontecimento que ampliou a importância da redescoberta das origens das *colônias velhas* foi a escolha do local para se realizar o quarto Encontro Internacional da Família Guareschi, em janeiro de 2012. A acolhida da comunidade foi total e generosa. Mais de seiscentos descendentes de todo Brasil, tanto da família do Pietro e da Rosa, como das outras sete árvores da família Guareschi, puderam conhecer a história de alguns dos pioneiros dessas famílias.

Mas o resultado mais importante dessa re-descoberta do nosso personagem foi a decisão a que se chegou em 2016, de se adquirir parte do lote que fora designado ao Pietro quando de sua chegada ao Brasil, em 1881. Passou-se a construir ali um local de acolhida e de memória duradoura das epopeias dos pioneiros da colonização italiana. O objetivo principal dessa memória foi, além de identificar e preservar o local histórico onde o

Pietro e Rosa aportaram, procurar também manter vivos os valores dos antepassados. Por isso se deu a ele o nome de *Paese Guareschi*. Quem conhece o significado afetivo e quase místico do termo *paese*, sabe que ele significa um espaço onde você pode chegar sem compromissos. Onde você é sempre acolhido e recebido como se estivesse em sua casa. Onde você respira a paz e celebra a memória dos que ali chegaram. Onde se respira a liberdade e o prazer de viver. Onde se pode reviver o clima de festa e alegria na lembrança dos antepassados. Esse é um *paese*.

Nunca é demais repetir que foi uma conjugação providencial de dois fatores decisivos que deram origem a tudo isso: de uma parte, que se o nosso teimoso pesquisador, o homem do *capelón*, tivesse desistido, essa história não se teria concretizado. E, de outra parte, que sem a amorosa e generosa acolhida de seu primo, o Sr. *Cechet*, e depois da abertura e hospitalidade cordial da Comunidade de Linha Brasília, essa história, se é que algo tivesse acontecido, seria bem diferente. No Apêndice I apresentamos alguns comentários e ilustrações sobre o *Paese Guareschi*.

2. A re-ligação com a mãe Itália

Mas há um segundo ponto que deve ser trazido à lembrança ao falarmos do nosso *inquietao pesquisador*. E aqui se mostra novamente a intuição, por um lado, e a insistência e perseverança, por outro, de um verdadeiro pesquisador. Esse fato se deu numa tarde do ano de

1974. O Sr. Quinto e a D. Nila não perdiam a oportunidade de ir visitar os parentes na região de Colorado. E principalmente o local onde eles tinham vivido toda sua infância, juventude, seus primeiros anos de casados. Pois numa dessas tardes, depois de ter almoçado na casa paterna, onde morava agora o seu irmão mais novo, o Marcolino, subimos para visitar a tia Guilhermina, e seus filhos, que moravam na casa onde haviam vivido e morrido o Pietro e a Rosa, e que passara a pertencer ao seu tio Ricardo, que herdara a casa de seu pai, o Pietro. Ricardo era o último filho homem de Pietro, e era natural que tivesse permanecido na casa do pai, pois as outras duas filhas, a Stela e a Madalena, eram ainda solteiras. Quem morava ali nessa época era o *Ricieret*, o filho homem mais novo do Ricardo.

E era natural que a conversa girasse em torno dos *antigos*. No meio da prosa, o Quinto pergunta à tia Guilhermina se não tinham ficado coisas antigas que pertenciam ainda ao nono Pietro. A resposta foi que sim, e que havia uma gaveta na mesa onde estavam muitas fotografias dos antigos, inclusive as do nono Pietro no dia em que tinha morrido. Mas o Quinto insistiu se ela não se lembrava de outras coisas, além das fotos. Como sempre em ocasiões assim, foi um misto de desinteresse por um lado, e uma maneira de fazer o mais fácil, ou de pensar um pouco mais. Mas o Quinto não desanimou. Lá estava o *Ricieret*, o filho que cuidava da casa, na roda de conversa. O *pesquisador* tenta agora com ele. E a resposta é sempre *não*. Lembro-me bem, então, que a tia Guilhermina se vira para ele e diz: “Ma vá lá zo, Ricieret,

me pare de aver sempre visto una lata rotonda, chiusa, que aveva delle robe scrite...” (Mas vai lá embaixo, Ricieret, parece-me de ter sempre visto uma lata redonda, fechada, que tinha coisas escritas). Valeu a informação. Decidimos ir lá, pessoalmente, procurar a lata. E a encontramos no *paiol*, junto com a estrebaria dos animais. Estava fortemente fechada, bem enferrujada. Foi difícil abri-la. O Ricieret enfia a mão dentro e traz uma pilha de papéis. Peguei logo o maior e qual não foi meu susto ao ver que não era nada mais, nada menos, que o passaporte do bisnono Pietro! Um tanto amarelado, mas claramente legível. E fomos tirando outros papéis. Várias cartas, onze ao todo. E mais documentos: documento do *Esercito Italiano* certificando que Pietro tinha feito o serviço militar; licença das autoridades italianas para ele viajar; e ainda outros papéis.

Essa descoberta, fruto fundamentalmente do faro investigativo do Quinto, ocasionou uma segunda reviravolta na história da Família Guareschi. Principalmente no que diz respeito às re-ligações com a Itália. Já havia conversas de se pensar em reatar esses laços, principalmente tentando conseguir a cidadania italiana. Mas não se tinha nenhuma pista.

Quando estudava nos Estados Unidos, em 1972, ao passar uma semana em Roma, aventurei-me a viajar até Parma para tentar algum contato com a família do famoso escritor Giovanino Guareschi. Tinha lido seus livros e sabia que os filhos moravam em Parma. Tomei o trem e me mandei para lá. Não tinha nenhuma referência e nenhum interesse específico. Fui absolutamente

apostando na sorte. Foi apenas ao chegar à estação de Parma e pedir alguma informação sobre o escritor, que me disseram que o filho morava em Roncole Verdi, e possuía um restaurante, *Ristorante Don Camilo*, que todos conheciam. Criei coragem e tomei um ônibus para lá. Após meia hora, entrava no pequeno vilarejo. No caminho já tentei colher mais informações. O ônibus parou na frente do *Ristorante*. Adentrei na casa e logo me deparei com o Alberto, o próprio filho do Giovannino. Minha sorte foi que usava *clergyman*, pois se não tivesse algum distintivo eclesiástico, duvido que fossem acreditar em mim. Era a primeira pessoa que se intitulava *Guareschi*, lá do Brasil, e tinha interesse em saber algo do conhecido escritor. Passei umas duas horas ali, o tempo que pude, para poder retornar a Parma e de lá a Roma. Mas foi o suficiente para a primeira exploração do terreno. Visitei o cemitério, onde está enterrado o Giovannino, que falecera em 1968. Falei também com a viúva e regressei munido com endereços e algumas lembranças do local. Uma investida corajosa e fecunda, constato agora depois de mais de 50 anos.

Mas tudo tomou outro rumo depois da *descoberta* dos papéis de Linha Garibaldi. Agora nós tínhamos algo concreto: documentos, informações, nomes de pessoas, locais etc. Tudo isso foi sendo processado para a próxima investida que se deu três anos depois, em 1975, e numa excelente companhia: o próprio Quinto, e o financiador das viagens, o Elói, que era funcionário nada mais, nada menos, da famosa companhia aérea internacional, a *PanAm*.

Foi a realização do grande pesquisador! Tudo o que ele dizia, por ter ouvido de seu avô Pietro, via agora com os próprios olhos: San Daniele Pò, Isola Pescaroli, Solarolo Monasterolo... e tantos outros nomes, que já tínhamos lido nos documentos encontrados no paiol da casa da Guilhermina! Tivemos cenas emocionantes. Hospedados gentilmente pelo Alberto, em Roncole Verdi e Bussetto, que nos levou, no dia seguinte, ao local de referência mais importante que tínhamos: San Daniele Ripa Pò, nome que escutara inúmeras vezes da boca do Quinto que dizia: “O lugar mais importante para saber de onde nós viemos é San Daniele Ripa Pò”, isto é, San Daniele que está à margem do Rio Pò. E eu ainda tinha guardado outro nome, que seria de um lugar pouco menor, mas mais próximo do local onde residiam: Isola Pescaroli! De fato, quem deixa San Daniele, em direção ao Pò, chega, na margem do rio, a um pequeno vilarejo, Isola Pescaroli, que ainda possui algumas poucas casas.

Em San Daniele fomos, com o Alberto, à casa paroquial, onde encontramos o pároco D. Angelo. Fomos nos apresentando. O ponto de ligação eram sempre as famosas cartas da lata do paiol da tia Guilhermina. Lembro que tinha lido, numa das cartas, que o pai do Pietro lhe tinha escrito, a 15 de agosto de 1899, que “aqui em San Daniele, estão construindo a nova Igreja, mas os patrões, ou seja, os mas ricos da vila, gostariam de não dar nada” (a fonte é o livro *Carissimo Figlio*, organizado por Zélia Guareschi e por mim, à p. 27). Foi então que D. Angelo nos contou que, lendo os livros de Tombo da paróquia daqueles anos, achou o seguinte de-

sabafo do pároco que trabalhava na ocasião: “Esta igreja foi construída com lágrimas”. D. Angelo ficou feliz com nossa visita e começamos a pesquisa para ver se encontrávamos algum elo concreto com nossa família.

Despedimos o Alberto, que ficou de nos apanhar no fim da tarde, e começamos a busca. Pe. Angelo sugeriu uma pista: havia na cidade um velho *postino* (funcionário do correio), que tinha trabalhado no ofício por mais de 50 anos e que deveria saber algo sobre os possíveis parentes. Ele costumava ir toda a tarde a um determinado bar para encontrar os amigos e tomar seu copo de vinho. Mas era cedo ainda, eram duas horas da tarde. Visitamos a igreja e outros locais de San Daniele e, pelas 15 horas, fomos ao possível encontro com o *postino*. Não demorou e ele chegou, dirigindo sua inseparável bicicleta, já nos seus belos 87 anos. D. Angelo começou a buscar indícios. Ficamos ansiosos na espera. Depois de algum tempo o *postino* nos contou que, dentre os filhos do Maurizio, um deles, o Aristide, tinha ido à França. E depois de algum esforço lembrou que a filha, a Stella, tinha casado com um *Corbari*, estava viúva, e residia em Cremona. D. Angelo com sua experiência conseguiu felizmente o seu telefone. Coube a mim arriscar o contato. Falei que eram alguns parentes do Brasil, que estavam em San Daniele, com D. Angelo, e queríamos ver se era possível uma visita; que éramos descendentes do Pietro Guareschi e que estava junto um seu neto. A exclamação de Stela foi imediata: “Sì, il zio Piero che è andato al Brasile...”

E lá fomos nós, no pequeno carro de D. Angelo, pelas estreitas estradas, com trigo plantado até à beira do

asfalto. Ao chegarmos à Rua Versecchi, 3, a surpresa foi enorme. A Stela já tinha reunido na frente de sua casa umas dez pessoas, curiosas por conhecer os *parentes do Brasil*. E foi uma festa só. Ao ver a foto do seu tio *Piero*, que levava, tirada no dia de sua morte, e ele deitado no caixão, ela a beijou chorando...e feliz. Não estranhou o fato de ser uma foto de seu tio morto no caixão. Pelo que percebi, era costume deles também fazerem fotos das pessoas em ocasiões como essa...

O segundo importante e significativo feito de nosso investigador estava realizado. Depois disso, com os documentos que foram descobertos, muitas coisas foram acontecendo. Entre as mais significativas está, certamente, a consecução da cidadania italiana a dezenas de descendentes do Pietro. Em grande parte esta conquista se deve ao nosso construtor de pontes. No primeiro encontro da Família Guareschi, em 1989, uma dezena de Guareschi vieram conhecer e admirar os feitos realizados por seus parentes do outro lado do Atlântico. Os laços se estreitaram ainda mais. Há agora descendentes do Pietro, e especialmente do Ricieri Quinto, que já residem no Velho Continente e muitos benefícios, principalmente educacionais e culturais, são fruto dessa re-ligação que fez com que as distâncias não apenas geográficas, mas principalmente humanas e afetivas, fossem superadas. Essa é uma façanha que teve seus começos nos sonhos e na coragem de nosso inquieto pesquisador.



ENSAIO III

O ARTISTA DE ENCONTROS

Bem disse o poeta Vinícius de Moraes que a vida é a arte do encontro! E poder-se-ia ainda acrescentar: a vida é feita de encontros. Se isso não seja, talvez, realidade para todos, foi certamente para a pessoa de nosso personagem. Na Introdução desses ensaios fizemos uma breve menção de algumas de suas características. No ensaio que segue vamos buscar alguns elementos mais relacionados a sua personalidade, sua maneira de ser e de agir. São *histórias* que nos ajudam a contar essa *História*.

Queremos aqui tecer alguns comentários sobre encontros e visitas, sempre presentes na convivência humana, e que podem ser tomados como algo sagrado. Felizes as pessoas que conseguem vivenciar tal prática. Felizes os que conseguem transformar os encontros em espaços de crescimento, alegria e felicidade. Até mesmo na dimensão religiosa esses espaços são centrais, pois o encontro se constitui em momento de *celebra-*

ção, de *liturgia*, e nenhuma crença sobrevive sem tais encontros. Na história do cristianismo ela é considerada como *mistério*, como, por exemplo, a visita e o encontro da Mãe do Senhor com sua prima Isabel: duas mulheres grávidas, dum profeta e do próprio Senhor, precursoras do grande acontecimento que deu início a uma nova *História*. E de maneira mais profunda e mística, no *mistério da ceia*, onde o próprio Deus se faz participante. As contribuições da psicologia nos ajudam a descobrir e a compreender como os encontros vão se constituir em terapias importantes para nossa saúde psíquica e mental. Feliz quem consegue deixar seu casulo individualista por algum tempo e ir buscar novos ares, novas paragens, novos ambientes e, mais que tudo, novas pessoas que nos vão enriquecendo mutuamente. Os encontros são fator de crescimento e amadurecimento humano. Ajudam a superar guetos e preconceitos; abrem novos horizontes e dão novo sentido à existência humana.

Pois falar do Sr. Quinto é falar de encontros. Ele vivia em busca de oportunidades de poder se encontrar. Principalmente nas duas últimas décadas de sua vida. Fico imaginando seus pensamentos e a procura e realização de novos planos. Ao ter notícia de alguma festa, celebração, ou comemoração em algum lugar da região, podia-se esperar que o Sr. Quinto era um candidato certo e uma companhia garantida. Mesmo que fossem lugares mais distantes, ou até pouco conhecidos. Lembro que viajou uma vez várias horas para participar duma festa do boi no rolete, numa importante cidade da re-

gião, para onde nunca tinha ido, mas cheio do desejo de ver coisas novas, participar de eventos inusitados.

Essa sua quase obsessão por encontros motivou, logo após sua passagem entre nós, a iniciativa, apoiada de imediato pelos seus familiares, de se construir um local para *encontros*, que se transformou no *Centro Cultural Ricieri Quinto*, do qual falaremos mais adiante.

Todos sabiam que nosso amigo dificilmente recusava um convite para alguma festa. As pessoas mais próximas comentavam que os convites que eram mandados a ele não eram apenas simples convites: eram, diziam eles, *intimações!* Ao menos era assim que eram por ele considerados. Pelo fato de ter sido convidado, ele já se considerava como que obrigado a comparecer.

Ao receber um convite, ou ao pensar numa viagem, já começavam os planos e os preparativos para cumprir essa *dolorosa* obrigação! Ficava imaginando e procurando quem poderia acompanhá-lo. Ia já estudando quem seria o companheiro mais adaptado para tal empreitada. Evidentemente, aquele, ou aqueles, com quem mais poderia realizar programas em que não poderia faltar a festa, a boa comida, a bebida abundante, mas sempre em parceria com seus acompanhantes. Na maioria das vezes a D. Nila era companhia obrigatória. Principalmente se eram famílias, pessoas, ou locais que tinham alguma relação com o casal. E é surpreendente ver que sua companheira poucas vezes se recusava... ou, praticamente, nunca se recusava. Conforme o tipo de viagem, já iam montando o calendário e traçando o roteiro

bem detalhado: tantos dias num local, tantos noutro, onde pernoitar se necessário etc.

Tive a felicidade de ter protagonizado várias dessas viagens. Algumas delas com vários dias de duração, de ida e de volta. Uma que foi marcante foi a da viagem de Barracão ao Mato Grosso, que durou várias semanas. Sua realização, e essa foi um bom exemplo, obedecia a um ritual bem estudado. Para o primeiro dia, o almoço já ia preparado. Pelas onze horas o Sr. Quinto já tomava seu isopor, que ficava com ele no banco da frente, e preparava seu *whiskyzinho* com bastante gelo. Naqueles tempos não havia ainda proibição de dirigir após ter ingerido bebida alcoólica, nem o emprego de bafômetros: o motorista poderia, assim, participar do aperitivo. O almoço, enquanto possível, deveria ser à beira da estrada, preferivelmente à sombra de alguma árvore. E não se excluía nem mesmo uma sestinha, conforme o caso. Almoço bom e barato, com sabor de casa e de natureza!

O episódio que segue revela a importância dos *preparos* que acompanhavam a viagem. No retorno dessa viagem, o Quinto fez questão de parar numa cidade chamada *Colorado*, no Noroeste do Paraná, na qual ele nunca tinha estado. Como ele nascera numa cidade que se chama também *Colorado*, no RS, fez questão de conhecer essa cidade com o mesmo nome, no Paraná. Dormimos num hotel e combinamos sair bem cedo. Os quartos não tinham banheiro individual, eram banheiros comuns. Por ser cedo, o café ainda não estava preparado. E esse fato foi providencial, no nosso caso, pois no momento em que fui ajudar o Sr. Quinto a colocar

os apetrechos no carro, ele disse, preocupado: “Vamos logo, depressa...” Desconfiei que algo havia acontecido e ao passar pelo banheiro percebi que havia sinais de algum líquido estranho escorrendo pelo chão e vidros dentro da pia e espalhados pelo chão. Entramos no carro, o Quinto com seu inseparável isopor, e logo que deixamos o local, ele foi se confessando: “Ció, não sei se foi certo, mas quando fui arrumar o isopor no banheiro, caiu um litro de whisky na pia e quebrou o litro ...deixei tudo lá e vim embora. Será que o dono do hotel não vai se incomodar?” Moral da história: a preocupação e a garantia de um whisky gelado, podem causar alguns transtornos...

O episódio que segue revela traços da *pedagogia* peculiar de nosso ator. Evidentemente, ele devia conhecer bem sua consorte. E procurava *educá-la*, quando podia, mas absolutamente de acordo com seus valores e seus costumes (julguem os leitores). Dona Nila até contemporizava, mas nunca concordava com os exageros do marido, principalmente com respeito à bebida. De fato, nisso ela era, e continuou sendo até o fim de sua vida, muito reticente. Pois numa de nossas viagens ao Rio Grande, tivemos de parar em Palmeira das Missões. Meio do caminho e momento para se refrescar e aliviar o calor. Entrando no bar, feito o pedido: para D. Nila, uma *fanta*. Para o marido, uma cerveja, que foi tomada num fechar de olhos. No entender de D. Nila, uma garrafa, em meio a uma viagem, já seria suficiente. Ao terminá-la, notei que nosso ator não se levantava, e ficava olhando para a mulher, com um olhar provocativo. Per-

guntei o que se passava. E nosso *psicólogo pedagogo* me sussurrou ao ouvido: “Estou olhando para ela, e esperando que ela reclame, dizendo que chega uma cerveja... porque então eu já peço mais uma!” Mas a D. Nila, que já tinha aprendido a lição em muitas outras ocasiões, permanece calada, falando apenas com os olhos. Esse era nosso pedagogo: procurando uma razão para poder desculpar seu vício...

Uma das suas queixas mais comuns de nosso personagem era de que os seus amigos e parentes não o visitavam. Sempre que houvesse alguém que fosse onde moravam, pedia para dizer a eles para que *subissem*. Na geografia mental do Quinto, não sei se inspirado no mapa, o Paraná ficava *em cima*, e o Rio Grande *lá embaixo*. A chegada de algum parente, mesmo não anunciada, era sempre motivo de grande festa. Conversas mil, bebida, comida... e muita queixa ao falarem de seus planos de irem embora. Não lembro uma só vez em que, ao anunciar que estava me preparando para viajar, ele não se queixasse: “Mas como? Nem conversamos ainda!” Ai do filho/a ou algum parente, que ao chegar à cidade não passasse logo de início por sua casa. E isso era um enorme prazer para ele. Um filho seu, motorista de caminhão, ao regressar mesmo que fosse de longa viagem, apesar de faltar menos de 20 metros para chegar a sua casa, tinha antes de *fazer o ponto* na casa do Quinto. Parava o caminhão e se anunciava com uma curta buzina... e o Sr. Quinto já se preparava para recebê-lo com todas as honras, isto é, com um *whiskyzinho* bem ao capricho, ou com uma cerveja gelada, conforme o momento.

O capricho do patriarca Quinto na prática e no estilo de beber mereceria um livro à parte. Tinha seu rito sagrado. Se fosse uma refeição, começava com o whiskyzinho, de meia a uma hora antes e, depois, à mesa, vinho ou cerveja. Mas o seu trago tinha um ritual especial. Começava na escolha do copo. Se fosse para whisky, tinha de ser grande, e sempre enchido com cubos de gelo até a boca. Nos últimos 15 anos, ele conseguiu um copo especial, que chegava até a levar para as festas, para degustar o seu trago. Esse copo era seu predileto, pois, conforme não se cansava de contar, ele o tinha achado quase enterrado, no meio de um matinho, no local chamado *Separação*, quando tinha ido assistir a uma corrida de cavalo. Ao fazer sua sestinha, após o almoço, debaixo de uma árvore, encontrou no meio do mato, quase enterrado, um copo de vidro de bom tamanho, que ele adotou para ser seu companheiro na cerimônia que lhe causava senão o maior, certamente um dos melhores prazeres seus: tomar um whiskyzinho. Mas havia ainda dalguns detalhes: o gelo deveria ser especial, bem *durro*, e feito em sua geladeira predileta, que ele tinha trazido ainda de Colorado, marca *frigidaire*. Quando partiu, ela já tinha mais de 50 anos, e, conforme o Quinto, “fazia o gelo mais *durro* da região”. Bem diferente das modernas que, ao se colocar a primeira dose no copo, o gelo já se derretia...

O Zeca, seu sobrinho predileto nessa *liturgia* do whisky, gosta de lembrar uma história, que certamente teria acontecido várias vezes. Conta que numa de suas visitas ao nono, após o primeiro copo com gelo até

a boca, o Quinto começou a elogiar o gelo *duro*, de sua geladeira especial, exemplificando com o fato de que eles tinham tomado toda a dose, e o gelo ainda continuava o mesmo, *durrinho!* Foi aí então que o neto Zeca se arriscou a contradizê-lo: “Mas nono, nem é tanto o gelo que é duro, é que o whisky mal pode chegar ao fundo, e nós já o tomamos todo!” E lá ia o feliz anfitrião, todo pressuroso, derramar mais uma dose *on the rocks*, pois o Sr. Quinto certamente nunca soube, mas é por isso que quando os americanos pedem uma dose de bebida, se é ao estilo do sábio nono, pedem *on the rocks*, isto é, derramado sobre as *rochas de gelo!*

Por esse e por outros motivos, o nono Quinto adorava esse seu sobrinho Zeca. Ele era um de seus companheiros mais fiéis, pois logo aprendeu seu estilo, suas preferências e o apoiava fazendo-lhe todas as suas vontades. Era ele que o acompanhava, sempre que o visitava, na procissão costumeira que o Sr. Quinto costumava fazer, mais ou menos uma hora antes do almoço. Tinham seu percurso já traçado e seus locais preferidos. Conta o Zeca, não garanto que seja ou não verdade, que ao chegar ao ponto, ele pedia uma coca e o nono duas doses de whiskyzinho com bastante gelo.

Uma das visitas mais apreciadas na casa dos nonos era a da Ir. Clélia Baruffi, prima da D. Petronila. Uma das coisas que a família lamenta é tê-la descoberto um tanto tarde, pois com ela se deu o mesmo fato acontecido com a família dos Guareschi: alguns Baruffi, como vou historiar no ensaio V, migraram para *Boa Esperança* à mesma época do Andrea e do Pietro, no começo do

século XX. A Ir. Clélia era filha do Vitório, que por sua vez foi o primeiro filho da segunda mulher do Francesco Baruffi, a Lúcia Betio. O Francesco permaneceu nas colônias velhas até por volta de 1925. O Vitório foi morar em Relvado. Uma de suas filhas, Clélia, entrou para a vida religiosa e se tornou irmã consagrada scalabriniana, também conhecidas como Irmãs de São Carlos Borromeu. Meu encontro com ela deu-se apenas na década de 1980. Tinha ouvido falar dela, mas nunca a encontrara. Fui certa ocasião convidado a dar uma palestra às professoras/es do Colégio das Irmãs em Nova Bréscia. Fui dirigindo, com minhas limitações, num dia de muita chuva e por estradas precárias. Cheguei, tomei um banho e fui à capela agradecer por ter chegado sem graves problemas. Nisso chega uma irmã, coloca a mão em meu ombro e diz: “Com licença, eu sou sua prima, Clélia Baruffi, prima-irmã de sua mãe!” Cumprimos-nos e me deixou rezando. Não demorou dez minutos, chega outra irmã, pede licença e diz: “Com licença, eu sou sua prima, Verônica Pivatto, prima-irmã de seu pai!” Fiquei com medo de que as mais de 20 irmãs da Escola chegassem aí dizendo que eram minhas parentes... Mas foi uma festa. A meu pedido, à noite comemos polenta, linguiça e *radici coti*.

Não precisa dizer que a Ir. Clélia tornou-se visita obrigatória em Barracão, pois inclusive ela tinha lá um irmão, do qual não tinha notícia há muitas décadas, que deveria morar bem no interior do município. E, de fato, lá o encontrou e a partir dessa data, vinha muitas vezes visitá-lo. E está claro que tanto a D. Nila, como princi-

palmente o Sr. Quinto, se sentiram na obrigação de retribuir a visita da Ir. Clélia. E o que aqui escreve, fazia o papel de intermediário. Foram muitas as viagens que fizemos de Nova Bréscia a Barracão, no corcel do nono.

A Ir. Clélia era muito piedosa e tinha uma predileção especial em rezar o terço, para cuja reza tinha várias *versões*. Paralelo a isso, adorava contar piadas, o que agradava a todos. Ficou famosa uma avaliação do seu Quinto após uma dessas viagens. Perguntado como fora a viagem, ele respondeu: “Muito bem. Rezando bastante. Com a Ir. Clélia a gente faz ao redor de 30 km por terço!” Não era tanto, mas havia algum fundamento. Ela foi diretora do hospital de Nova Bréscia por quase 20 anos. Era parteira, mas era o médico que tinha de assinar o parto. Era voz comum que nos anos em que ela estava no hospital, mais da metade da cidade tinha nascido pelas mãos da Ir. Clélia. Uma nota curiosa e preciosa sobre essa nossa prima: meus irmãos a adoravam, pois ela trouxe consigo uma receita nova e desconhecida para a família, mas que passou a ser extremamente apreciada, pois costumava medicar qualquer um que tivesse alguma indisposição com comprimidos que sempre trazia consigo. Mas a inovação tão apreciada pelos parentes era que ela os preparava para que fossem tomados não com água, mas dissolvidos numa boa colher de cachaça! Ficaram todos clientes fiéis e assíduos da querida irmã. E todos os que os tomavam juravam que o remédio tinha seu efeito duplicado!

Mas se a Clélia era sempre muito bem-vinda e querida, um outro Baruffi nem sempre trazia tanto prazer.

Era conhecido familiarmente como *Bepino* - José Baruffi - e era o irmão mais velho da D. Nila. Chegava sempre sem se anunciar, prática que naqueles tempos era plenamente comum e aceitável. As histórias sobre ele eram muitas e bem curiosas. Era solteiro, e adotou uma menina, Leopoldina, que era filha duma família de alemães. Quando Seu Quinto e D. Nila moravam ainda no interior de Boa Esperança, em Linha Garibaldi, o Bepino vinha seguidamente, em seu cavalo sempre bem aparelhado, visitar o sogro.

Pois esse Bepino, já um bom tempo depois, quando D. Nila já morava em Barracão, apontou por lá. Era a primeira vez que visitava a cidade e os parentes de lá. Evidentemente, foi bem recebido e foi se arranchando. Ninguém sabia exatamente a razão de sua visita. Mas também ninguém se julgava no direito de perguntar. No caso, ele foi ficando. É claro que os sobrinhos, ao saber da visita, não demoraram a aparecer na casa do pai para se divertirem com o famoso tio.

Pois nessa sua primeira viagem ao Paraná aconteceu um episódio que ficou folclórico entre as famílias. Acontece que o seu Bepino, coisa que não acontece com muitos, mas no seu caso era difícil de não perceber, não era muito amigo dos banhos e de se preocupar com uma suposta higiene pessoal. Tenho um irmão, o Severino, que possui um grau de criatividade acima do comum. Resolveu ajudar o pai e a mãe a solucionar o delicado problema e encontrar uma motivação para que o tio se animasse a tomar um banho.

Esse meu irmão, sabedor de certos hábitos já relativamente conhecidos do tio, e já tendo ouvido algumas narrativas de outras fontes sobre o assunto, pois as focas sobre esse tema correm mais velozes que notícia ruim, chegou-se a ele e começou a contar como era a realidade da cidade que o Bepino tinha vindo conhecer. E entre outras coisas, historiou, sempre com cuidado e reserva, que Barracão tinha uma peculiaridade especial. Uma das coisas mais apreciadas da cidade eram as inúmeras *meninas*, todas muito lindas, muito sociais, e que gostavam muito de festa. No dizer do meu caro irmão, os olhos do Bepino começaram a brilhar. E vendo que o assunto estava interessando muito ao tio, foi prevenindo que havia uma condição *indispensável*, caso o tio quisesse arriscar alguma aventura: as *meninas* odiavam pessoas que não estivessem bem limpas, perfumadas, de banho tomado, roupa ajeitada...

A armadilha deu certo. Não demorou muito e o querido tio, viúvo já há muito tempo, solitário, perguntou se não poderia tomar um banho. Claro que o pedido foi atendido com prazer e rapidez. E lá foi nosso herói com uma toalha que D. Nila teve o cuidado de lhe oferecer de imediato. Mas nosso herói não possuía os conhecimentos e a técnica necessária para lidar com um chuveiro elétrico. E não sabia como regular o calor da água. Quem conta a história agora é o sogro: “De repente, escutei alguém gritando e se exclamando dentro do banheiro. Corri, abri a porta e o denso vapor quente saindo do box. E lá dentro o Bepino se exclamando, gritando que estava se queimando, a cabeça fumegando

(a maioria absoluta dos Baruffi são quase totalmente calvos), se defendendo com a toalha...” Não sei do resultado final da história, mas ela passou a fazer parte das narrativas da família.

As oportunidades para viajar e ir ao encontro das pessoas, se já não existiam, eram facilmente criadas. Mas um motivo de se viajar que era quase sagrado era visitar parentes ou amigos mais chegados de pessoas que tivessem falecido. Nunca se abandonou esse dever sagrado. E se possível ainda para o funeral. Mesmo que fosse mais ou menos longe, calculava-se o tempo e se partia. Caso não fosse mesmo possível no momento, marcava-se já a data para a visita à família enlutada.

Com o tempo, nosso personagem foi percebendo que não podia mais viajar só, ou apenas com a esposa. Fazia os planos para conseguir seu motorista. Se fosse um filho, melhor. Mas se não fosse possível, ia contratando algum familiar, ou algum amigo mais chegado. O Pingo (Ricieri Augusto), exerceu essa importante missão por vários anos. Percorreu alguns milhares de quilômetros com nosso personagem. Era a visita anual obrigatória aos parentes do Rio Grande, às festas da uva, do vinho e da champagne na região de Caxias, e muitas outras. O neto foi conhecendo as *paixões* e as predileções do nono e da nona, e ia programando a viagem conforme um cronograma bem planejado, uma das qualidades super cultivadas pelo nosso motorista frequentemente solicitado.

As visitas do nono Quinto deixaram marcas entre seus amigos. Até hoje, ao nos encontrarmos com os parentes por onde o Quinto viajava, eles ainda comentam seus hábitos peculiares. Por exemplo, ao tomar uma cerveja na casa do Cechet, em Linha Brasília, o Gilmar gentilmente a serve e comenta: “Essa é como o nono Quinto gostava:- e fazendo um sinal de positivo com o dedo - *no punto!*”.

Um dos prazeres, e para ele quase obrigação, era contar aos outros suas visitas e peregrinações. Uma delas, que contava com todos os detalhes, foi o convite, e a festa de vários dias, oferecida pelo Sr. Belim Carollo, seu amigo que conhecera quando ainda morava em Colorado, mas que agora era uma das pessoas mais bem aquinhoadas de Campo Mourão. Tinha inclusive um hotel. E foi nele que a Nila e o Quinto foram hospedados com todas as regalias. Mas a que ele fazia questão de mencionar era que havia uma geladeira no quarto, com cervejas e outras bebidas, e - atenção para o detalhe - um litro de whisky em cima da mesa, com gelo na geladeira...

Veza que outra sentia-se na obrigação de visitar os filhos mais distantes. Ao menos uma vez por ano ia para Santa Bárbara, na casa da sua filha Hodila e seu genro Getúlio Damiani. Adorava essas viagens. Apesar de o genro ser do Grêmio e ele do Colorado, davam-se muito bem. E o genro conhecia todas as suas preferências. Ao ser perguntado sobre o que gostaria de comer, sua resposta sempre era: “Qualquer coisinha...” Se fosse um tira-gosto, essa “qualquer coisinha era um picadinho

com salame e queijo, batatinha frita e... a cerveja bem gelada, *no punto*". E nunca podia faltar aquele churrasquinho com a "carne de gado do campo" que, segundo seus conhecimentos práticos, era a melhor carne, um gosto especial, muito diferente de qualquer outra carne.

Foi diversas vezes até o Mato Grosso, onde o filho Ildo lhe fazia todas as vontades. Gostava do calor que lá fazia. Segundo suas próprias avaliações, como ele mesmo dizia ao comentar a viagem, o melhor daqueles lugares era que lá se podia beber cerveja à vontade, pois devido ao calor, ela nunca fazia mal. E exemplificava, com gestos e palavras de médico amador: "você toma uma cerveja e é só passar a mão - e passava a mão na frente, como quem retira o suor - e ela já sai toda!" E, é claro, com isso você pode tomar outra e outra...

O Sr. Quinto cultivou suas amizades até o fim da vida. Essa era uma de suas características marcantes. Em 1958, quando recebi o hábito redentorista em Aparecida, ele me visitou e lá fez amizade com um padre, Pe. Inocêncio, que era engenheiro e ajudava na construção da Nova Basílica, que naqueles anos estava em seus inícios. Pois até o fim de sua vida - e lá foram 40 anos - quando encontrava um deles, ambos me pediam notícias um do outro. Seus encontros, e a consequente amizade, eram encontros que ficavam marcados em seu coração. Por onde andava, deixava as marcas de sua presença inesquecível, porque autêntica e carinhosa.

Numa de suas viagens ao Mato Grosso, o casal aproveitou ir até Brasília e conhecer a capital do país.

Trabalhava lá na ocasião. Como não podia deixar de ser, fez amizade com inúmeras famílias que encontrou na paróquia onde residia. Pode satisfazer seus desejos de conhecer velhos amigos da região de Colorado e arredores que tinham ido cultivar soja no planalto de Goiás. Ficava admirado como conseguia encontrar amigos e estabelecer laços de amizade. Foi convidado por um advogado que morava no Lago Sul a comer um churrasco em sua casa. E a partir daí firmou uma amizade que durou pelo resto de sua vida.

Mas a viagem mais importante, e mais distante, que o Quinto realizou, seu grande sonho, foi à Itália, onde pode conhecer de onde viveram e lutaram seus antepassados. Já narrei num outro ensaio alguns episódios dessa viagem. Mas o que mais o fez ficar feliz foi rever, como na feira de Roncole Verdi, Província de Parma, as pessoas e os costumes, junto com as comidas e os alimentos dos seus antepassados. Ao ver uma senhora vendendo queijo e salame, chamou o Elói e a mim e exclamou: “Olha aí a Carolina Baruffi! Juro que é parente dela!” E se não nos esforçássemos em fazê-lo desistir da empreitada, seguramente estaria ele dirigindo-se a ela e entabulando conversas, tentando comprovar a veracidade de uma sua possível nova descoberta.

Esse o *Artista dos Encontros!* Sua vida foi encontrar amigos, reatar laços, criar redes, relembrar e contar o passado, fazendo reviver a vida, pois as histórias são a própria vida!



ENSAIO IV

HISTÓRIAS HISTÓRICAS E ESTÓRIAS *SE NON È VERO...*

O ensaio que segue deveria ser, segundo minhas primeiras intenções, o conteúdo central dessas memórias. Mas à medida que fui meditando e me organizando, percebi que seria importante juntar outros ensaios, construindo assim uma narrativa maior e mais orgânica. Ao ir coletando e selecionando as memórias, fui me dando conta de que havia algumas que eram *histórias*, isto é, narrativas que de fato tinham sucedido; e outras que eram *estórias*, isto é, algumas que fui recolhendo da tradição oral das pessoas com quem ia conversando. O que elas têm em comum é que todas estão relacionadas com o personagem que escolhemos para *referenciar* os diversos ensaios desse livro.

À medida que fui avançando, contudo, fui me dando conta de que não seria necessário separar as *histórias* das *estórias* para perseguir o objetivo que tinha em mente. Como procurei mostrar na *Introdução*, ambas as

narrativas carregam em si a vida e a vivência dos atores que as contam. Tanto as primeiras, *factuais*, como as segundas, *se non è vero è ben trovato - se não são verdade, bem que poderiam ser* - possuem uma dimensão cultural e pedagógica, e essa é, fundamentalmente, a intenção de ambas. A Bíblia é o grande exemplo disso. Ninguém está interessado em saber se o Bom Samaritano, ou o Filho Pródigo (o Pai Misericordioso) existiram e quando existiram. Mas essas narrativas colocam-se no centro dos ensinamentos narrados pelos Evangelhos.

Toda história vai revelando, de um modo ou de outro, uma faceta de nossa personagem. Algumas, a maioria, são histórias contadas por ele mesmo e muitas delas as ouvi de sua própria boca. Privilegiei as que carregam uma conotação de humor, pois o humor, como nos *Fiorretti* de São Francisco, é o que transforma as pessoas e as coisas pela força do coração. Ele é o *líquido* que rega o *húmus* de nossa existência *humana*. E o Quinto tinha um costume peculiar: contava as histórias e ele próprio sempre se deleitava e ria gostosamente. Alimentava-se da própria história que contava.

O pároco que não emplacou em Colorado

Faço questão de contar essa história, pois quase ninguém dos antigos a lembra, o que vem provar, em parte, que aquilo de que as pessoas não gostam é rapidamente esquecido. Essa é a história de um padre que foi convidado por D. Cláudio, na Itália, para vir trabalhar na Diocese de Passo Fundo. Buscar sacerdotes na Europa era

uma prática de muitos bispos, principalmente no tempo do Concílio Vaticano II, quando eles viajavam a Roma, todo ano, por quatro anos seguidos, para participarem do Concílio Vaticano II. E com isso muitos aproveitavam para ver se conseguiam algum missionário que viesse trabalhar no Brasil, supostamente por não haver aqui sacerdotes suficientes. Em geral foram bem sucedidos, mas, às vezes, nem tanto, como nesse caso que aqui se conta e que marcou profundamente o seu Quinto.

O padre estava em Colorado há alguns meses apenas. Os *fabriceri* já foram lembrando ao novo pároco das diversas obrigações e costumes da comunidade e iam organizando as agendas. Entre outras, havia - não sei se ainda há - o costume sagrado de que o pároco deve, uma vez ao ano, visitar e benzer as casas dos sócios, principalmente das capelas. Pois no caso o *fabricer* de Linha Garibaldi era o Quinto e combinaram que após a missa do domingo da manhã na capela, eles iriam dar o giro por algumas casas. O transporte era, naquele tempo, o cavalo. Combinaram que almoçariam na casa do *fabricer*. E conforme o Quinto me contou diversas vezes, ele fez questão de preparar um churrasco caprichado. O padre chega e o almoço está pronto: sopa, verduras e, claro, os espetos com carne. O padre foi se servindo, mas via-se que não comia muita carne. Lá pelas tantas ele, de modo no mínimo grosseiro, proclama solenemente: *La figlia di questa vaca credo che è stata morta di vecchia.* (A filha desta vaca deve ter morrido de velha).

Contava-me o Quinto que não quis responder a ele no momento. Mas sou-lhe como uma pesada ofensa.

Não se esperava um comentário assim, ainda mais provindo da boca de um padre que, no mínimo, deveria ter um pouco mais de respeito que outras pessoas. Pelas vezes que ele comentou o fato, deve tê-lo marcado fortemente. E isso sucedendo logo no primeiro encontro!

Mas a coisa não ficou por isso. Correu voz e ficou-se sabendo que esse episódio não era um caso isolado. Os *colonos* foram percebendo o grau de *gentileza* de nosso amigo italiano. E não ficaram parados nem calados. Após alguns meses se reuniram e foram até Passo Fundo falar com D. Cláudio. O que se pode depreender desse episódio - e certamente o nosso amigo italiano deu-se conta disso - é que o povo, por mais simples e cordial que seja, não é tão ingênuo, paciente e ignorante como alguns imaginam. Não sei se foi em companhia do próprio bispo, mas menos de um ano após sua chegada, ele já retornava à sua querida pátria onde, certamente, não iria ter tanta fartura de carnes, mas ficaria com seus sanduíches transgênicos, feitos com carnes processadas e, certamente, mais macias...

“É o que eu sempre digo...”

O Sr. Quinto era uma pessoa viva, sempre alerta, e sempre pronto a encontrar alguma justificativa caso fosse surpreendido em alguma situação difícil, ou contraditória. Uma de suas escapatórias era tomar a argumentação, ou talvez a queixa, que alguém estivesse fazendo contra ele, e usá-la a seu favor, deixando o interlocutor sem saída. Uma expressão clássica dessa in-

teligente estratégia era fazer uso, em caso de aperto, da seguinte expressão: “É o que eu sempre digo, mas...”

Essa era uma prática sua quase cotidiana. Um exemplo que ilustra muito bem essa estratégia deu-se diversas vezes comigo. Seu Quinto era uma pessoa um tanto ansiosa. E essa ansiedade crescia quando se via diante de algum prato apetitoso e irresistível. E ficava excitado diante de iguarias deliciosas e fumegantes. Confesso que também não sou muito diferente. Mas em algumas dessas ocasiões, tomando o grande cuidado de não constranger o agradável parceiro, arriscava, como falando para mim mesmo: “Que comida boa! Vamos comer bem devagar!” Evidente que o companheiro logo percebia a mensagem e imediatamente diminuía a velocidade. Parava, e como quem estivesse falando uma grande verdade e ensinando uma importante lição, passava o dorso de sua mão nos lábios - esse era sempre seu costume, mesmo depois de degustar um bom gole de cerveja - e pontificava solenemente: “É o que eu sempre digo...”. Mas ele não queria deixar que os outros à mesa percebessem que o dito se referia a ele, o que em alguns casos era evidente. Então, ainda com toda calma e pausadamente, repetia o dito, acrescentando uma séria justificativa que lhe garantiria a razão: “É o que eu sempre digo...pra Nila! *Ma non dianta!*” Completa a façanha! Tinha-se saído inteligentemente bem na justificativa de sua possível limitação.

Mas há mais um detalhe. Para quem ainda não sabe, a Nila era o nome familiar da Petronila, sua transparente e sincera esposa. Na maioria das vezes, quando

a Nila escutava o Sr. Quinto contando suas aventuras e ela, da cozinha, escutando suas bravatas, não receava. E em sua sinceridade gritava lá de dentro: “Mentira, Quinto!” E na maioria das vezes ele não negava, não a desdizia. Não gostava, mas ficava quieto. Talvez por receio que a Nila viesse com mais comprovações irrefutáveis, e então o caldo derramava. No presente caso, ela não se incomodava de ser bode expiatório do marido. Talvez por já estar acostumada, ou por ser muito viva e perspicaz, como de fato era, e estar assim segura de que os presentes já teriam entendido a estratégia justificadora do Quinto.

“Gà bela bevest tré!” (“Já bebeu três!”)

Muitas das pessoas mais próximas seguidamente me repreendem dizendo que sou muito parcial ao me referir ao casal Quinto e Nila, dizendo que deixo a mulher em segundo plano. Confesso que isso pode conter alguma verdade. Mas estou me corrigindo, e o comentário que segue é uma pequena prova disso. Desejo mostrar que se o Quinto era *ligeiro*, “cortava o vento com a faca”, como disse uma prima minha da cepa da Nila, dos Baruffi, ela não ficava muito em desvantagem.

É pena não ser possível retratar com mais pormenores o cotidiano do *nono/a* nos últimos 20 anos de sua vivência em Barracão. A parte da tarde dos cinco aborrecidos dias da semana, de 2^a a 6^a, na maioria das vezes, seguia o seguinte roteiro: pelas 18 horas, ou às 17 horas no inverno, a mãe, invariavelmente, ia assistir à missa

na paróquia, em geral de Dionísio Cerqueira, onde os padres eram mais metódicos, e no tempo dos redentoristas eram dois. Eles reservavam sempre essa hora para a novena à Mãe Perpétuo Socorro, ou à missa, que tinha sempre uma clientela fiel, a maior parte composta pelas piedosas senhoras das cidades. E a D. Nila, fielmente, na hora marcada, tomava seu banho e ia à igreja rezar “pelos filhos/as, netos/as, parentes e conhecidos que estivessem doentes etc.” Esse o programa da Nila.

Quanto ao pai, já bem antes de a mãe sair, logo depois de sua sesta sagrada, já se evadia, para dar seu costumeiro giro pela cidade, a fim de encontrar os possíveis amigos e, o mais importante, se atualizar sobre as últimas novidades da cidade e nacionais. Mas isso não antes de conferir e certificar-se de que a geladeira estivesse convenientemente abastecida e organizada. O nosso personagem era, nesse ponto, extremamente metódico e minucioso. Um mínimo de doze cervejas já descansando no “andar de baixo”, como dizia. No momento sagrado do fim da tarde, ele transportava seis para o “andar de cima”, isto é, fazia uma fila ao lado do freezer da sua *frigidaire* que viera de Colorado e que fazia o “*gelo mais duro da cidade*”. Saía então solenemente para sua caminhada, sempre de chapéu, que ia trocando, mudando o horário de acordo com o clima. E tomava cuidado em não voltar antes que a mãe tivesse saído para a igreja. Cheguei a pensar, algumas vezes, que fosse com receio de que ela o convidasse para acompanhá-la... Ao regressar, tomava seu banho, sempre bem rápido, e eis nosso herói sentado numa confortável cadeira, com seu

copo preferido e uma cerveja “da fileira de cima”, aberta e protegida pelo isopor.

Seu prazer literalmente se multiplicava se ele tivesse alguém para acompanhá-lo. Infelizmente foram poucas as vezes em que pude usufruir desse ritual. E foi numa dessas ocasiões que se deu a cena que segue. Lá pelas tantas, a mãe regressa de seu piedoso costume, às vezes com o terço ainda na mão. Chega e contempla a cena. É preciso dizer que era difícil para a mãe aceitar totalmente esse hábito, diria quase que intrínseco, do Quinto de tomar seu whyskyzinho, ou sua cerveja, conforme a ocasião. A gente via que ela até aceitava, mas sempre tinha algo a comentar, ou lamentar... E era disso que o Quinto não gostava. Parecia que pensava: “Como pode uma pessoa não gostar dum tragozinho?”, como era o caso da D. Nila. Nesse dia a escolha fora a cerveja. Ela chega e vai logo comentando: quantas já bebeu? Já não chega? O Quinto, querendo liquidar com a conversa, vai logo dizendo: “Vá, vá, Nila! Essa é ainda a primeira!”

Agora vejam a capacidade investigativa da D. Nila. O seu Quinto, conhecedor calejado das costumeiras críticas, já se prevenia. Ele tinha o máximo de cuidado em deixar sobre a mesa apenas uma garrafa. Ao terminar, levava embora imediatamente o casco vazio, repondo-o no engradado. E então buscava outra, a seguinte no “andar de cima”, colocando já no fundo da fila uma outra para que fosse ficando *no punto*. Nossa investigadora, que já tinha alguns anos de experiência sobre esse cerimonial, para comprovar ao marido que já conhecia

seus truques, foi lá no engradado, passou a mão nos cascos, que ainda estavam gelados, e voltou pontificando solenemente: “*Gà bela bevest trè!*” (Já tomou três!) Corre o pano. Fim de cena.

O amante incorrigível das carreiras

Esse tema mereceria um capítulo à parte. Corrida de cavalo era seu esporte preferido. E não se contentou em ficar apenas no papel de apreciador e assistente. Não se sabe de outro esporte que tenha sido tão central em sua vida. Nem se sabe que tenha alguma vez praticado habitualmente algum esporte. Gostava da caça, mas não era pelo simples prazer de atirar; ele sempre procurava uma caça que trouxesse alguns adendos, como a caça às pombas, que era sua caça preferida. Também não era muito aficionado ao jogo de cartas. Até apreciava e, algumas vezes, mesmo com uma idade já avançada, se comprazia no jogo de *scoppa*. Vi-o praticar poucas vezes esse jogo e ficava admirado por duas coisas: primeiro, a rapidez com que calculava a soma de quinze, para recolher a vaza; e, segundo, mais admirável, sua memória em recordar, após quatro distribuições de cartas, as principais figuras que já tinham sido jogadas, na primeira, ou segunda distribuição, das três cartas para cada parceiro.

No que se refere, contudo, às corridas de cavalo, não ficou a meio caminho. Sempre teve seu cavalo de montaria, e já o tinha quando ficou morando, como casado, por cerca de oito anos, na casa paterna. Mas foi no turfe, na corrida de cavalos que ele se distinguiu. Teve seus cavalos

corredores durante praticamente todo o tempo em que morou na *colônia*, isto é, no interior de Linha Garibaldi. Sua primeira égua de corrida foi a *Estrela* que, conforme informações orais, era filha de uma égua manca, a Índia, que foi campeã no hipódromo de Porto Alegre e após ter-se ferida, foi usada como reprodutora.

A *Estrela* era um animal de belo porte e o Sr. Quinto foi seu primeiro proprietário. Era tratada com todo cuidado e tinha sua comida especial. Foi contratado um *jóquei/tratador* especial para cuidar da princesa: o *Sinhorzinho de Quadros*. Ninguém nela montava, com exceção do *Senhorzinho*, e algum menino que ele permitia, mas ele sempre a conduzia pela mão. Lembro que fui um dos privilegiados, algumas poucas vezes. O *jóquei* passava o dia a serviço do animal, preparando a alimentação e fazendo os treinos.

Como proprietário da *Estrela*, o Quinto *atou* várias carreiras. A mais famosa, que se tornou lendária, foi a que iria competir com um cavalo dos amigos do filho do *Capitão*, Sr. Pedro Ivo dos Santos, delegado do Distrito. Foi uma corrida na cancha de Colorado, no altiplano que ficava à direita de quem olhasse para a Igreja. A corrida despertou grande interesse em toda a região. Foram feitas várias corridas preliminares e a oficial seria pelas 15 horas. Aconteceu, contudo, que o competidor, de Carazinho, na última hora trocou o cavalo que deveria correr. Houve uma contenda um tanto séria e quase que a questão foi resolvida na bala. Mas com a interferência das pessoas influentes do local, foi constatada a trama e os adversários tiveram de “pagar o depósito”. Esse caso

marcou um tanto a família, pois o Sr. Quinto ao perceber que tinha sido enganado, e vendo que os adversários não queriam pagar, chegou a ameaçar com um revólver que ele carregava em algumas ocasiões. Felizmente não se chegou às vias de fato, mas bem poderia ter acontecido uma tragédia.

Outra carreira que teve um desfecho bem mais tranquilo e frutuoso foi uma que foi realizada perto de Selbach. Seu Quinto estudou detalhadamente as possibilidades e viu que poderia ganhar. Para isso ele fazia suas pesquisas. Uma história que se conta até hoje na família é que ele contratou um jóquei para que espionasse a rapidez do cavalo do adversário, que costumava treinar seu cavalo na cancha onde seria a corrida. O seu Quinto contratou então um o espião para que “medisse o tempo do cavalo”, isto é, a velocidade que conseguia alcançar. O espião escondia-se no alto de uma árvore para dali poder “medir o tempo”. Com isso o Quinto tinha quase certeza de que iria ganhar. Envolveu na corrida toda a família. Os filhos foram orientados para que fizessem apostas. Distribuiu dinheiro entre eles e mandou que jogassem. Para apostar era necessário ter o dinheiro à mão, pois no momento da aposta se *casava* o dinheiro, isto é, ambas as apostas dos jogadores eram entregues a um *caixa*, que ficava com o dinheiro e após a corrida entregava toda a quantia ao ganhador. As apostas dos filhos foram pequenas, as grandes quem as fez era o próprio Quinto. As apostas, caso não houvesse dinheiro, podiam ser em bens. No presente caso, por exemplo, chegou-se a apostar até juntas de boi.

Essa foi a carreira em que o pai mais ganhou dinheiro. Conforme os relatos que foram conservados oralmente na família, conta-se que o Sr. Quinto naquele final de tarde chegou à casa com o dinheiro num saco. A esposa estava grávida, já nos últimos dias, e o Quinto despejou o dinheiro em cima da cama para poder contar. E era muito dinheiro. Diz-se que ele nem sabia o que fazer com ele. Foi então que a D. Nila, já com mais um filho bem próximo, sugeriu: “Mas porque com tanto dinheiro não compramos mais uma terra, pois já vem vindo mais um filho e temos pouca terra?” O filho que nascia era o Celso, o nono de onze.

A sugestão de se comprar mais terra, pelo que se sabe, foi aceita, e agora ficamos conhecendo mais uma história sobre o tino de negociador do Quinto. Havia um alemão, Sr. Holz, que era vizinho e tinha boas terras. Nosso personagem resolveu arriscar o negócio. Conta-se, dos relatos que escutei diversas vezes, que o carreirista foi visitar o vizinho e começou a queixar-se dizendo que estava pensando em se mudar, pois já tinha muitos filhos e precisava buscar mais terras. E até perguntou ao vizinho se não queria comprar sua terra. O vizinho ficou surpreso e triste, pois se davam muito bem. Então disse ao Sr. Quinto: “Meu amigo, isso não pode acontecer. Não gostaria que o senhor nos deixasse. Veja, eu vendo um pedaço de terra para o Senhor!” Era exatamente o que ele esperava. E foi fechado o negócio, quase uma colônia de terra, que ampliou em bom tamanho a propriedade.

Um bom dinheiro o Quinto conseguiu também com a venda da *Estrela*. Foi comprada por alguns cor-

redores que a levaram ao hipódromo de Porto Alegre, onde ficou famosa. Até ao fim de sua vida, ao saber que se marcavam corridas de cavalo, e caso houvesse alguma possibilidade, lá estava o Sr. Quinto participando muito feliz, e fazendo suas inteligentes apostas.

O dilema do velho pecador

Vou logo prevenindo leitores e leitoras que poderão se sentir, talvez, um tanto desconfortáveis, e com razão, sobre as conotações muitas vezes patriarcalistas (machistas) de algumas dessas narrativas. Mas acho importante registrar esses fatos, com as devidas e necessárias críticas. Todas as culturas carregam suas contradições, principalmente no que se refere às suas conotações éticas, e as pessoas que delas participam devem estar sempre atentas a essa questão. A história que segue conota certo pressuposto patriarcal/machista da cultura italiana, assim como ela se revelava, há mais de século, nas colônias italianas. Afinal, porque não aproveitar esse momento para fazer aqui uma confissão de nossas discriminações e preconceitos?

Outra dimensão que toda narrativa revela é o tipo de religiosidade existente entre esses primeiros colonizadores que, considerado à luz crítica de uma pastoral libertadora, mostra o quanto se caminhou na superação de determinadas práticas que se ressentiam, e em parte ainda se ressentem, de pressupostos autoritários e de uma religião ainda um tanto dominadora.

Pois a história que segue foi situada pelo próprio narrador numa comunidade bem antiga, ainda existente, no interior do município de Garibaldi, na Linha Nuova, agora Linha Camargo. Sabemos todos o quanto líderes religiosos, principalmente os capuchinhos franceses, fizeram de bem no atendimento pastoral aos primeiros imigrantes italianos que aportaram a essas regiões. E, como não podia deixar de ser, seu trabalho reproduzia também muitas práticas existentes nos países de origem.

Entre outras atividades, eram feitas também missões populares. Eram dias intensivos de pregações, orações, procissões etc. dirigidas a toda população. As famílias, na ocasião do episódio, eram todas católicas. E supunha-se que todos participassem das missões, inclusive fazendo sua confissão e comungando. É claro que os que não respondessem a esses requisitos eram logo identificados. Pois foi assim na piedosa comunidade: todos confessaram e comungaram. Menos um senhor de idade um tanto avançada, que deixara sua mulher e que não comungou, nem se confessou. O problema era que ele, já um tanto avançado em anos, sucumbiu às graças de uma solteirona desimpedida. E passaram a viver juntos. Em tal ambiente de rigoroso controle e conseqüente vigilância social, o fato de ele não participar das práticas religiosas passou a ser comentado. E alguns fiéis, principalmente os homens mais ligados à igreja, decidiram tentar falar com o *desviante*. Foram chegando a ele e sussurravam: “Veja, que bonito seria se toda a comunidade comungasse e se confessasse! Que

beleza seria!” É claro que, ao menos informalmente, o missionário tacitamente ia apoiando tal assédio religioso. A pressão foi aumentando até que o resistente não aguentou. Numa dessas investidas, após despejar uma pesada *bestemia*, acabou desabafando: “P. D., gastei todas minhas poupanças para arrumar a boca de minha companheira e...agora tenho de largá-la?” Deixo ao leitor as observações que julgar adequadas...

Sua vocação e seu carisma de comerciante

Se há uma característica marcante, e que permaneceu até o fim de sua vida, foi a notável vocação de nosso ator para negócios de todo tipo. Isso combinava e era em parte consequente de seu dom de conversar com pessoas, discutir as notícias e, quando possível e oportuno, tirar algum proveito também material. Tinha um tino especial em descobrir possibilidades de fazer bons negócios, que muitas vezes começavam com simples trocas. Vejamos...

Uma lembrança que tenho de meus anos de criança, certamente não tinha mais que cinco anos, era ver que em muitos sábados, e depois aos domingos, chegavam a nossa casa novidades surpreendentes. As de que mais recordo eram ver o Quinto chegando com duas, três, e até quatro juntas de bois. Em geral no sábado à tarde. E o ajudavam os antigos donos dos animais, ou nosso irmão mais velho, que, certamente, já naquela idade, foi aprendendo a fazer negócios. Os bois eram colocados na estrebaria, bem tratados, mas nós só ficávamos sabendo os motivos das novidades no dia seguinte.

No domingo, pelas 9 ou 10 horas, começavam a aparecer em casa diversas pessoas, todos homens, e pela movimentação da D. Nila, já se sabia que iriam almoçar lá; e a comida era especial. O prato que liderava o almoço nessas ocasiões eram os famosos *tortéi*. Enquanto a D. Nila ia dando conta do almoço, o Sr. Quinto ia conduzindo os convidados ao curral, perto da estrebaria onde os bois tinham pousado, e fazendo a propaganda e os devidos elogios às suas compras do fim de semana.

Claro que o pai já tinha feito uma pesquisa de mercado para estudar a demanda, quais os vizinhos que mais precisavam de tais produtos, suas necessidades, seus interesses e, está claro, as possíveis poupanças dos seus amigos. Ajudava muito essa atividade comercial o fato de o Quinto morar num local estratégico para realizar tal tipo de negócios, ou trocas: na divisa entre uma colônia praticamente só de alemães, Selbach, e uma de quase toda de colonos de italianos: Boa Esperança, atualmente Colorado. Para se ter uma ideia, sua residência era totalmente cercada de famílias de alemães: Ludwig, Holz, Klein, Jung, e saltando o Joanin Fioreze, os Sart e os Rhoden. (Um parêntese revelador: D. Nila, em muitos domingos e dias feriados, enquanto o Quinto ia à *bodega*, em Linha Garibaldi, se reunia com as vizinhas que falavam quase só alemão. Consequência: ela não conhecia praticamente nenhuma palavra em alemão, mas ao final de sua estadia na colônia, ela já entendia tudo o que as vizinhas falavam. Isso era contado por ela mesma.)

Os melhores negócios que o Quinto realizava eram com esses alemães. Conhecia a todos e eram, na maior

parte, seus fregueses de compra de uva e de vinho. Todos muito amigos seus e o respeitavam, principalmente devido a sua gentileza e generosidade, quando podia. Todos sabiam que se passassem pela casa do Quinto, tinham de graça a uva que comessem e o vinho que tomassem. E, diga-se de passagem, os vizinhos tedescos gostavam não só de cerveja, mas também dum vinhozinho. Uma história folclórica que girava na família era de um tal de Haupenthal, que gostava tanto de salame que duma feita chegou a pegar uma perna com os dentes e virá-la inteira pelo avesso, num só lance! Essas eram algumas das razões de ser tão estimado por parte dos vizinhos.

Além da vizinhança do Quinto com esses alemães, o que o qualificava nesses negócios era que ele garantia a procura e a oferta: a oferta, por parte de muitas famílias de colonos que tinham muitos bens que poderiam ser comercializados, mas pelo fato de serem tímidos e não conhecer bem a língua, não visitavam quase as sedes próximas. Ele tinha seus informantes e ia procurá-los em suas casas. E mais: sempre com o dinheiro na mão. Quando os alemães viam o dinheiro, se entregavam de imediato. E a procura era da parte dos seus vizinhos italianos que necessitavam desses bens, mas não tinham o conhecimento de onde encontrá-los. Nunca se soube o quanto o Quinto lucrou com esses escambos. Como os vizinhos alemães, bem do interior das colônias, raramente iam até a *vila*, no caso, Selbach, não estavam em geral muito a par do preço das coisas, principalmente dos animais de tração, que eram os mais procurados pelos fregueses do Quinto. E nem faziam ideia dos preços de ocasião.

Salvo pela cachaça!

Já naqueles tempos o nosso personagem sabia da importância de *diversificar* a produção. Foi assim que resolveu começar a plantar cana-de-açúcar e, logo em seguida, comprar um alambique para produzir cachaça. Esse produto era muito consumido não apenas pelos colonos alemães e italianos, mas principalmente pelos *brasileiros*, isto é, pelos peões contratados, sempre temporariamente, pelas famílias que necessitavam de mão-de-obra extra. Seu Quinto contava que a cachaça foi o que o livrou de muitos apuros em suas economias, principalmente nos primeiros anos em que foi morar sozinho, vizinho dos alemães. Se não fosse pela cachaça, não se sabe se a família teria conseguido garantir uma qualidade de vida mais ou menos decente. Já naquele tempo havia fiscalização sobre os produtos que os colonos comercializavam e tinham de pagar pesado imposto. E em seu alambique começou a produzir boa quantidade de cachaça. Mas o problema era a comercialização do produto. Não tanto conhecer os compradores, mas como transportar a cachaça sem chamar a atenção. Uma das suas estratégias era esconder os barris de cachaça na carroça puxada por cavalos, embaixo dos fardos de alfafa. Como praticante de carreiras, conhecia muitos amigos que também precisavam de alfafa para tratar seus cavalos. E com a alfafa, os barris da branquinha. Contava que de uma feita, ao ir à Vila com dois barris de cachaça, foi surpreendido pela polícia por não ter pago o imposto. Sequestraram seus dois barris. Quase entrou em pânico. E foi ali que a inter-

venção oportuna da *política* o salvou. Falou de imediato com o delegado, Capitão Pedro, que se comunicou com seu padrinho político, o Deputado Romeu Scheibe, que imediatamente acionou o chefe de polícia e ... os barris foram liberados. Os que forem ler essa passagem, sejam compreensíveis: coloquem-se no lugar dum colono que tinha necessidade de sustentar quase uma dúzia de filhos. A pergunta que fica é: teria mudado alguma coisa desde lá, na década de 1940, com respeito à sonegação e a determinado tipo de prática política?

Tal pai, tal filho...

Comentei parte desse tema em outros ensaios, mas fico pensando se não teria sido a partir de tais circunstâncias e tais experiências que ao menos *alguns* dos filhos foram aprendendo a *arte* de negociar, que vai muito além da ciência do comércio? Penso no fato de quase toda a família, a partir da década de 1960, ter-se transferido para o Paraná, a 500 km de Colorado, e lá ter-se estabelecido exatamente como *comerciantes*, comprando dos colonos e vendendo para os grandes centros. É verdade que o irmão mais velho já fora treinado nesse ofício quando estava no exército, onde ele era encarregado - ou se encarregou? -de fazer as compras dos gêneros de que o quartel de Cruz Alta necessitava para a manutenção da tropa junto aos colonos das localidades vizinhas.

Essa sua atividade no quartel de Cruz Alta repercutiu tanto entre os quartéis que quando tinha a casa de comércio em Barracão, Paraná, apareceram lá pessoas do Exército que ficaram sabendo da sua capacidade de comerciante

e o contrataram para fazer as compras para quartéis de Curitiba e até mesmo do Rio de Janeiro. Quem conta isso é a Dona Soely, esposa do José, e do susto que levaram ao ver oficiais do Exército querendo negociar com eles.

Mas há algumas histórias que são magistrais! Elas revelam nitidamente uma das qualidades que, se não essencial, é muito importante para qualquer negociante: a arte de convencer. E nisso o Sr. Quinto era quase insuperável. Muito de seu trabalho para sustento e melhoria da família deveu-se a essa sua qualidade. O item que comentamos acima já carregava essa dimensão de *briqueador*. Mas seus negócios maiores, que foi a criação de dois condomínios, devem muito a essa sua qualidade de conversar e convencer. O primeiro loteamento já foi o de Colorado, quando deixou a colônia e veio para a vila. Foram muitos lotes que ele abriu num pedaço relativamente grande de terra, que ele conseguiu vender, como costumava dizer, *num tapa*. Mas o loteamento bem maior foi o de Dionísio Cerqueira, que ele construiu ao se mudar para Barracão. A venda dos lotes constituía-se, para ele, numa espécie de *terapia*. Convidava os possíveis compradores, que possuíam um mínimo de requisitos, isto é, que tinham condições de pagar uma prestação, por módica que fosse, e os levava para o loteamento. Fazia todas as condições possíveis. E era difícil que os colonos não se entusiasmassem com seus argumentos e suas propostas. Foi assim que foi conseguindo muito dinheiro, ao ponto de os filhos o invejarem. A venda de lotes era para ele mais que um negócio, um *prazer*: conversar e cada lote que vendia era mais

um amigo que conquistava, como vamos ver na história que segue.

Não eram apenas lotes que o Sr. Quinto vendia. Ele possuía um *fusão*, que pelo fato de ser usado por todos os que precisassem, e ninguém se interessava em cuidá-lo, chegou a um estado deplorável. Chegou até a ter um apelido um tanto ofensivo, mas muito verdadeiro. Não vou dizer aqui qual era, mas seria de algo que fica se oferecendo a todos e do/a qual as pessoas se aproveitam e exploram...

O velho fusca foi colocado à venda. Correu voz que o Quinto queria vender seu carro. Ele mesmo foi anunciando. E um colono que tinha alguma poupança se interessou pela oferta. Lembro dessa história com detalhes. Tempo em que as várias famílias ligadas à loja-a casa de comércio da família - almoçavam juntas, e religiosamente ao meio-dia, pois a D. Nila se incomodava se atrasassem. Pouco antes do meio-dia o colono interessado pelo carro veio falar com o Sr. Quinto. Foi atendido numa pequena sala, ao lado da cozinha. Transcrevo alguns detalhes do diálogo:

- Sr. Quinto: Posso lhe jurar que o carro é bom. Não vai se arrepender.

- O comprador: Mas não tem algum problema?

- Não. Posso lhe garantir. Sempre foi meu. E mais: *ninguém põe a mão...*

Foi nesse momento que a maioria dos que escutavam o diálogo não se aguentaram. Alguns começaram a levantar as mãos com medo que o teto da casa caísse, pois há um dito popular que quando alguém conta uma

inverdade (mentira?) muito grande, o teto em que ele está começa a ruir...

Feito o negócio. O colono já saiu para o interior do município dirigindo o carro. Mas a história não termina aqui. No dia seguinte, quando o colono voltava com o carro para a cidade, acontece algo previsível para tal carro: caiu o motor na estrada...

A notícia explodiu. Os filhos, e principalmente os netos, não perdoaram. Pegavam no pé do seu Quinto. Que vergonha! Mas vocês pensam que ele se preocupou? De jeito nenhum! Sempre que os filhos, ou netos, comentavam o caso, ele pontificava solenemente: “Ció, poppo, escuta aqui! Esse colono ficou muito contente com o negócio! Toda vez que vem à cidade, o primeiro lugar onde vai é na minha casa para me agradecer pelo carro, dizendo que foi o melhor negócio que ele fez em toda sua vida!”

Esse o seu Quinto. Sua arte de convencimento funcionou com o colono. Mas não foi muito suficiente para convencer os netos da explicação posterior...

Vou aproveitar para acrescentar aqui um rápido episódio, agora de um irmão meu de mais idade, que herdou e, no meu entender, levou a um grau bem maior, essa capacidade de convencimento. Estou resguardado do segredo nesse caso, pois foi ele mesmo que me contou, e repetidas vezes, e nunca me pediu segredo. Comerciante próspero, mas nem sempre bem organizado, fazia negócios de todo o tipo e com todos os que encontrasse pelo caminho. Contam alguns que o conheciam de perto que não podia ver uma terra, ou um imóvel,

que já pensava em comprá-los. E é evidente que nessa ânsia de ir negociando, e sem muito controle, muitas vezes não se cumpriam todos os compromissos. Pois sucedeu que numa dessas muitas ocasiões ficou devendo certa quantia a um colono que o vinha cobrando repetidamente. E ele sempre prorrogando. Até que um dia o reclamante não mais suportou as promessas e foi cobrar sua dívida armado com um revólver. Entrou no escritório da firma e já foi colocando as condições: ou me paga, ou o problema se resolve na bala! E foi puxando da arma. Pois nosso herói não se apavorou. Pelo seu estilo já deveria ter passado por tais circunstâncias outras vezes. Foi conversando, e se explicando, se queixando de muitas dívidas, de pessoas que também não o pagavam, das dificuldades por que passava e conversa vai, conversa vem, o cobrador foi se acalmando. Agora o cúmulo: depois de um bom tempo de conversa, o cobrador ficou tão penalizado com a situação desse meu irmão que, pasmem, chegou a lhe oferecer mais dinheiro para que pudesse dar conta de pagar seus terríveis compromissos! *Se non è vero...*

Um comunitário autêntico

Essas histórias que estamos registrando nos ajudam e nos oferecem valiosas informações para podermos ter certa compreensão de como foram se constituindo e implementando as pequenas comunidades de italianos no interior do RS. Apesar de algumas delas não serem dos primeiros anos da imigração, que iniciou em 1875 nas *colônias velhas*, elas documentam ainda os costu-

mes e a vivência dos italianos das *colônias novas*, iniciadas por volta de 1910, mas que não se diferenciavam substancialmente das primeiras colônias.

Seguindo o costume trazido *lá de baixo*, ao chegarem a *Passo Fundo* esses migrantes já foram criando e organizando suas novas comunidades. Inicialmente, não tinham ainda uma *capela* para que o padre fosse fazer as visitas, mas foram logo construindo *capitéis*, dedicados aos santos de sua devoção. Linha Garibaldi, onde nasceu o Quinto, é um belo exemplo desses usos e costumes. Ao nascer, em 1911, não havia ainda no local as *capelas* para a visita dos padres. Talvez seja por isso que ele pode ter sido batizado em algum desses *capitéis*, mas foi registrado, como consta de seus documentos, em Não-Me-Toque, que era a sede dos freis franciscanos que faziam as visitas por toda a região.

Antes da criação da capela de Linha Garibaldi, que começou quando foi criada a paróquia de Colorado, desmembrando-se de Não-Me-Toque, as rezas e devoções eram feitas em dois *capitéis* que deram origem à capela: São Roque, na linha que partia de onde morava a família Tazoniero; e Santo Antônio, que era bem próximo ao local onde se estabeleceu o Andrea, filho do Pietro, em 1911. Aqui há uma história pitoresca, muito reveladora dos tempos de então. Ao se iniciarem as tratativas para se criar uma *capela* começaram as discussões e as divergências entre as famílias. Algumas queriam que o patrono fosse São Roque, outros Santo Antônio. Conta-se então que o Sr. Júlio Guareschi, o quarto filho de Pietro, era *defensor* de São Rocco (Roque). Ao apresentar seus

argumentos, ele não teve dúvidas: acusou os moradores do capitel de Santo Antônio de nem terem o cuidado de cuidar da imagem de seu santo, pois, como dizia em seu italiano contaminado pelo dialeto bergamasco, “*Sant’Antoni lè lá col polv sul mus*”, o que significa: “Santo Antônio, está lá com o nariz coberto de poeira!” Se nem tinham o capricho de espanarem o santo, como queriam que ele fosse seu patrono? A contenda foi se aprofundando e ninguém queria ceder. Foi então que o pároco de Colorado resolveu intervir por decreto, bem ao modo do clero da época, fazendo uso de sua autoridade: “Nem Santo Antônio, nem São Roque: o patrono será Nossa Senhora do Carmo”. E a capela começou a ser construída num local intermédio entre os dois capitéis, onde está localizada até hoje, e onde foi feito o cemitério que abriga os falecidos de toda a capela. (Lá estão dois patriarcas importantes que vieram da Itália no início da colonização: Pietro Guareschi, que veio em 1881; e Francesco Baruffi, que veio em 1876). A contenda foi assim resolvida.

Foi construída uma linda capela, no local mais alto entre os dois capitéis. Não se sabe se por se situar num local muito ao alto ou, como alguns contendores continuaram dizendo, por castigo dos santos, a capela foi por duas vezes totalmente queimada devido aos raios das tempestades. O seu Quinto adorava contar o fato de que numa reunião para se planejar a construção da terceira capela, estavam reunidos os sócios, com o pároco, para se planejar a obra. Nisso adentra o local da reunião o Joanon Pazinato, famoso por suas avaliações

espontâneas e extemporâneas, e vai logo se exclamando: “Ma l’è saette, ...” e descarrega uma bela blasfêmia, que não pode ser reproduzida aqui. Mas qual não foi seu espanto e choque ao ver que o padre estava lá presidindo a reunião! A tradução de sua indignação, sem a blasfêmia, seria mais ou menos assim: “Mas que raios desgraçados...”

Linha Garibaldi num domingo de tarde

Pois é nessa capela de Linha Garibaldi que podemos resgatar algumas histórias típicas que nos revelam os costumes dos tempos. Como não é difícil imaginar, a capela da vila era o centro, o coração da comunidade. E ao lado da capela, infalivelmente, a *bodega* que oferecia os itens indispensáveis para os moradores da *Linha* e, desse modo, só necessitariam ir à sede para itens mais raros, como roupas, instrumentos para lavoura e semelhantes. Itens indispensáveis da *bodega* eram também bebidas, como vinho, cerveja e *gazosa* - um tipo de refrigerante produzido em alguma região próxima. Além disso, os doces e guloseimas para as crianças.

A tarde do domingo era a hora quando a *bodega* fervilhava, junto com a inseparável cancha de bochas. Mas havia um momento *sagrado*, antes de começar a festa profana: a reza na capela. Em geral era o terço, seguido de algumas outras orações, um pouco à escolha do *rezador* oficial. Esse rezador era um cargo mais ou menos permanente e em geral desempenhado pelo professor da escola comunitária para os primeiros anos, o chama-

do grupo escolar. Uma figura famosa e inesquecível, que durante muitos anos foi o *rezador* da comunidade, foi o *tio Ciper* (Cypriano Pezzini) que, como veremos adiante, era casado com a Joana Baruffi, filha do patriarca Francesco. Mas o fato marcante que permaneceu em minha memória, que o Quinto contou inúmeras vezes, era que as crianças e os jovens não gostavam muito do *tio Ciper*, pois suas rezas eram, para eles, intermináveis. Após o terço e a ladainha, ele começava uma infundável série de orações que ele acrescentava por própria conta, para todo tipo de intenções que julgava importantes. Imagino o jovem Quinto, certamente não vendo a hora de correr para fora da capela a fim de brincar com os colegas e - por que não? - de ficar admirando as meninas e os rapazes jogando prenda, mas o *tio Ciper* continuando com os seus intermináveis *Pater, Ave, Glória ...* para tal intenção, para tal santo ou santa, para tais pessoas necessitadas etc. Mas ai de quem arriscasse transgredir uma dessas santas tradições.

A esperada festa da Padroeira

Evidentemente, a festa principal do ano, que passava a envolver todos os moradores da comunidade, sem exceção, era a festa da Padroeira, N. Sra. do Carmo, em meados de julho. Quem organizava a festa eram os *fabriceri*, eleitos de ano em ano. Eram eles os encarregados de recolher os donativos para que a festa fosse mais lucrativa, e de convidar autoridades importantes das cidades próximas para dar prestígio à festa. Vinham

peessoas até mesmo de cidades mais distantes, dependendo do esforço dos organizadores. Era o momento de visitar as autoridades e garantir seu prestígio em troca, em geral, de possíveis vantagens eleitorais.

Com algumas semanas de antecedência começava-se a angariar donativos para a festa. Cada grupo se encarregava de uma *linha*. Aceitava-se de tudo: a carroça saía com uma gaiola onde eram colocadas as galinhas; uma caixa com areia ou farelo para colocar os ovos; os porcos eram amarrados na carroça; a banha era recolhida em latas; farinha de trigo e milho em latas maiores; além disso, era feita uma coleta em dinheiro, caso alguém não tivesse algum produto para doar. As doações eram centralizadas na *bodega*, próxima à igreja e o bodegueiro, conforme a quantia, podia até promover algum leilão antecipado, principalmente de animais, para diminuir o estoque.

As festas eram o momento oportuno para todos os comunitários poderem se encontrar e partilhar as últimas notícias. Lembro bem que era nessas ocasiões que a mãe mandava chamar os filhos, esparramados pela festa, para apresentá-los às amigas e comadres. Recordo-me bem que foi numa dessas ocasiões que me apavorei com a Carolina Baruffi, uma mulher alta, forte e bem agraciada, e que me inspirou grande medo e tive de correr e agarrar-me à mãe. Claro, era também o momento de cada uma mostrar seus últimos rebentos, pois era quase infalível que, para a maioria delas, a cada dois anos havia sempre uma novidade na família. As festas iniciavam logo após a missa em homenagem à Padroeira

ra e se estendiam até pelo final do dia. Nessas ocasiões cada família dava aos filhos algum dinheiro, um patacão ou pouco mais, para eles poderem gastar como quisessem. Eram as primeiras experiências para os meninos/as e rapazes poderem ter algum dinheiro no bolso e considerar-se um poderoso e autônomo comprador... Formavam-se assim os primeiros amantes do dinheiro!

Por ocasião das festas acontecia de tudo: brigas e *peleias* devido à política; jogo de cartas; corridas a pé entre os jovens e pessoas mais adultas; e jogo de futebol quando houvesse campo apropriado. Era também uma oportunidade quando os que possuíam algumas qualidades raras, ou alguns dotes carismáticos, aproveitavam para manifestá-las. Por exemplo, o Sr. Antenore Baruffi, depois de algumas cervejas, apresentava-se como um autointitulado médico e curandeiro e passava a consultar todos os que tivessem qualquer problema, sugerindo para cada *paciente* remédios e receitas específicas, fruto de sua criatividade. O pagamento das consultas, conforme a gravidade das doenças (isto é, de acordo com o aparente poder financeiro do cliente...), chegava às vezes a algumas cervejas!

Histórias interessantes eram contadas pelo Quinto sobre os *rescaldos* da festa, isto é, quando no dia seguinte os *fabriceri* - e talvez algum outro convidado privilegiado - se reuniam para fazer o balanço. Contava-se o dinheiro angariado com a venda do churrasco, cucas, doces e da bebida. Com respeito à bebida, o seu Quinto se orgulhava de dizer que “tomavam tudo o que sobrava”. Era questão de honra!

Pessoa generosa e, por isso, tão estimada!

Não gostaria de deixar de narrar alguns episódios que revelam certas qualidades de nosso personagem que se sobressaíam de maneira notável. Tenho para mim que eram essas qualidades as que mais marcavam as pessoas e certamente devido a isso ele era, e ainda é, lembrado com muito carinho.

Já vimos que o local onde ele morava era uma ilha rodeada de alemães por todos os lados. E sabe-se que raramente - naquele local ninguém que se soubesse - cultivava parreiras. Por isso os vizinhos, no tempo da uva, vinham frequentemente degustar a uva e experimentar, ou comprar vinho. Contam os filhos que uma das coisas que o pai tinha como sagrado era nunca cobrar dos vizinhos a uva que vinham buscar e o vinho que tomassem na ocasião. Só podiam cobrar o vinho, ou o vinagre, que levassem.

E assim foi durante toda sua vida. Morreu sem ter absolutamente nada em seu nome. No início do ano em que nos deixou, o único bem que ainda possuía era um corcel. Pois o entregou ao genro e pediu que o vendesse e que guardasse o dinheiro, pois suspeitava que iriam ter necessidade dele. Morreu liberto, nada em seu nome, mas preso pela amizade de todos. Lembro-me aqui dum fato que me marcou. Deu-se ainda nos primeiros anos após ter-se mudado de Colorado para Barracão. Tinha passado uns dias com ele e ao viajar pela manhã acompanhou-me até a rodoviária, onde tomaria o ônibus para retornar ao Rio Grande. No caminho me

perguntou, um tanto preocupado, o que eu pensava da seguinte situação: um filho, que ele não quis dizer quem era, estava passando por sérias dificuldades econômicas. Precisava de uma ajuda, que parecia ser um tanto vultosa. Disse-me que ainda tinha certa quantia de dinheiro provindo da venda de sua casa de Colorado e perguntou o que eu pensava se ele fosse dar esse dinheiro a esse meu irmão. Na verdade, eu não estava absolutamente a par da situação. Mas sei que lhe disse algo assim: que se o fizesse, não iria se arrepender.

E foi o que fez. Mas, surpreendentemente, seu tino e imaginação comerciais fizeram com que ele conseguisse ainda muito mais dinheiro. Foi na ocasião em que comprou em terreno relativamente grande, na periferia da cidade, e montou um loteamento. O dinheiro que ele cedeu ao filho retornou multiplicado. E com o dinheiro que lucrou, conseguiu viajar muito e ajudar a muita gente ainda.

Apesar de o Sr. Quinto ser um homem temperamental, de irritar-se facilmente quando se sentisse ofendido e, como costumavam dizer, dar-lhe a *veneta*, ele também muitas vezes conseguia controlar-se e até retribuir o mal com o bem. Uma história que corria entre os filhos era a que sucedeu, em certa ocasião, com um Senhor muito rico de São Miguel. Esse senhor estava muito interessado em comprar um imóvel bastante caro em Barracão, mas seu proprietário não queria vendê-lo. Sabendo das qualidades de amizade e convencimento do seu Quinto, pediu-lhe que intermediasse o negócio e ele lhe retribuiria com uma boa recompensa. Pois nosso personagem

conseguiu, com certa arte e retórica, fazer com que ele o vendesse. Mas, que decepção! Feito o negócio, ele estava curioso para ver o que o homem rico de São Miguel lhe retribuiria. Pois ele começou a se escusar, dizendo que não tinha dinheiro, e que não lhe poderia ajudar... Que fez o Sr. Quinto? É ele mesmo que conta. Respondeu a ele: “Não há problema. Está tudo bem”. E num gesto de cavalheirismo convidou-o a ir tomar umas cervejas. E mais: que não se preocupasse que ele também pagaria as cervejas.

Um cidadão aficionado pela política

O Sr. Quinto não conseguia viver sem respirar política. A política era para ele algo vital. Até se poderia dizer que se constituía num hábito entranhado, ou até mesmo numa adicção. Foi assim durante toda sua vida. Tinha seu partido e por ele militava. Nunca esqueço que na fala do pároco de Barracão, Pe. Harry Hoffmann, no momento de seu funeral, ele que o conhecia há mais de 50 anos, o elogiou e disse que seu interesse pela política era uma grande qualidade, pois vivendo numa época em que a má política e a alienação política eram predominantes, sempre foi um exemplo de consciência e de participação cidadã.

Mas o mais notável era o que se poderia chamar de sua psicologia política, isto é, a qualidade de imediatamente perceber a tendência política e partidária das pessoas, apenas pela conversa com eles, ou pelo que faziam, ou deixavam de fazer. Tinha uma excelente

memória e conhecia literalmente todas as pessoas do município. De modo particular suas preferências políticas. Isso era fruto de sua grande capacidade de relacionamento. Nunca se detinha em apenas saber interesses gerais, queria conhecê-los em profundidade. E um desses interesses era sua tendência político-partidária.

Ficou conhecida sua façanha numa eleição em Colorado, quando apenas emancipado de Carazinho. Era uma eleição crucial. Ninguém poderia saber por onde os eleitores tenderiam. Pois foi então que os candidatos de uma coligação, com a qual ele simpatizava, lhe pediram para fazer uma espécie de pesquisa prévia sobre as tendências políticas dos munícipes. Ele apenas lhes pediu a lista dos eleitores. E com ela diante de si, foi assinalando em quem esse eleitor iria votar. A soma deu vantagem de 81 votos a determinada coligação. Contados os votos, a diferença foi de 83. O Sr. Quinto explicou: é que por garantia eu coloquei tal família - marido e mulher - votando em outro candidato, mas de fato eles votaram no que eu pensava.

Como é evidente, ao tratar-se de política, as divisões e inimizades facilmente se faziam presentes. As eleições daqueles tempos eram ainda feitas em cédulas com o nome dos candidatos que eram depositadas nas urnas. E sempre havia os que controlavam as urnas e, quando possível, trocavam as cédulas dos envelopes. Foi o que aconteceu com o envelope de uma irmã sua, casada com o cunhado, que era de partido contrário. Deu-se a possibilidade e ele trocou a cédula de seu envelope. A justificativa por ele apresentada foi de que sua irmã

queria votar no candidato que o Quinto apoiava, mas que o marido a estava forçando a votar em outro. Tempos após nosso político contou a seu filho mais velho sua façanha e o filho deu com a língua nos dentes e contou ao tio a manobra do pai. Foi o suficiente para se criar uma inimizade que perdurou por anos...

Difícil afirmar qual seria a verdadeira tendência política do seu Quinto. Na década de 1950, antes de ir a S. Paulo, ele me especulou sobre qual o candidato com quem os padres lá do seminário simpatizavam. Como lembrava bem de quem falavam, disse o nome do candidato. Vi que ele deu um sorrisinho, mas não disse nada. A D. Nila, que tinha escutado a conversa, me falou depois que esse era também o seu candidato, que soube depois não ser nem de direita, nem de esquerda. Sei que também militou a favor de Jânio Quadros, um candidato que fazia oposição à situação, mas também não era de esquerda. O que é certo, isso sim, é que ele se informava bem, lia tudo o que podia nos jornais aos quais tinha acesso, e ia selecionando suas preferências. O que também se sabe é que, ao menos nos últimos anos, nunca defendeu os governantes do tempo da ditadura militar.

A importância da celebração

Deixei para o fim, propositadamente, essa história, pois fui vendo que ela é reveladora duma dimensão profundamente religiosa e até certo ponto mística e espiritual do seu Quinto: a dimensão da celebração. Acima

de bens materiais, de correr em busca de dinheiro, de busca de prestígio, para ele o mais importante era celebrar, usufruir, gozar do momento presente, deixando nas mãos da Providência o futuro. Manifesta, por um lado, a importância de viver o momento presente e, por outro lado, uma concepção de mundo e de existência baseada, talvez sem clara consciência explícita, na fé do Evangelho.

Esse fato deu-se no final do mês de outubro de 1969, por ocasião de sua quarta e última residência: a primeira foi na casa paterna, quando nasceu em 1911, e onde permaneceu até seis anos depois de casado. O motivo de ele praticamente ser obrigado a lá permanecer depois de casado foi que seu pai, Andrea Guareschi, tinha apenas falecido e os outros dois filhos homens, o Sílvio e o Guerino, já terem saído de casa, indo morar na localidade de Coati, em direção a Boa Esperança (Colorado). Além disso, os filhos que se seguiam, tanto o Oreste, como as outras duas meninas, Methilde e Gentília (Amábile), não tinham possibilidade de gerir a casa. Há depoimentos muito lindos e comoventes, principalmente por parte das meninas, do cuidado que ele tinha com suas irmãs mais novas, ajudando-as e comprando-lhes as roupas de que necessitavam. É claro que a presença da nona Angelina, a quem o Sr. Quinto tinha uma afeição muito especial, como também ela para com ele, ajudava nesse momento de decisões.

Da casa paterna o Sr. Quinto se mudou para sua própria casa em sua colônia de terra, ao redor de sete anos após seu casamento, já com três filhos. Essa terra

ele a comprou de colonos alemães e ficava bem na divisa entre as famílias italianas e alemãs. Com o andar dos anos, ele duplicou seu tamanho e a aumentou cortando ainda parte da mata virgem que ainda existiu. Mas ao vender essa terra, ela ainda continha uma pequena parte dessa mata. Nessa segunda residência ele permaneceu por pouco mais de vinte anos e foi onde criou a maioria de seus filhos e conseguiu se manter economicamente bem, com atividades ligadas ao cultivo da terra - principalmente trigo, milho, cana-de-açúcar, alfafa, engorda de porcos, venda de alguma cabeça de gado e outras atividades de sua criatividade: comércio de animais, venda de aguardente, produção de salame e vinho etc.

A terceira mudança foi-se dando à medida que os filhos/as foram saindo de casa, alguns deles até o Paraná, e foi-se tornando difícil trabalhar sozinho toda a terra. Além disso, estava em seus inícios, naquela região, a mecanização das lavouras, e as propriedades foram ficando sempre maiores, sendo compradas pelos que conseguiam adquirir máquinas agrícolas. A ocasião era propícia para vender as terras. Resolveu então mudar-se para Colorado, que nesse momento estava se emancipando. Enquanto construía sua nova casa, morou numa outra próxima. Aproveitou, ao comprar o local de moradia, para adquirir ainda uma pequena quantidade de terra, que acabou loteando posteriormente. Morou em Colorado ao redor de dez anos, até 1969.

Foi ao final de 1969 que realizou sua quarta e última mudança, após certa pressão por parte dos filhos e filhas para que fosse para Barracão, onde moravam já

oito dos seus onze filhos. Foi nessa mudança que se deu o fato que passamos a narrar. Podemos imaginar o que significaram para ele essas quatro mudanças. Algo tem a ver, certamente, com seu temperamento e coragem de sempre avançar, buscar novos horizontes, ir progredindo. Revelam também sua ousadia de enfrentar novos mundos, arriscar novos desafios.

O Sr. Quinto quis realizar essa sua quarta mudança, agora para um novo Estado, o Paraná, de maneira um pouco diferente. Não teve pressa. Planejou ir subindo, com tempo, aproveitando para se despedir de seus parentes que ficariam no Rio Grande. Mandou sua mudança à frente e foi visitando seus amigos mais chegados, seus parceiros de luta e de aventuras, dos quais tinha de se distanciar. Foi assim que na véspera de seu aniversário, dia 21 de outubro, chegou ao município de Estação Getúlio, capela de São Roque, onde morava um concunhado seu, irmão de sua esposa e casado com sua irmã, de quem ele muito gostava. Como ele, pai de onze filhos. Resolveu acampar alguns dias por lá. Mas não se sabe se por capricho do destino, ou qualquer outra fatalidade, na noite de 21 para 22 de outubro, em pleno outono, caiu sobre a região uma surpreendente geada, totalmente fora de previsão. O cunhado tinha plantado uma vasta lavoura de trigo que já estava todo espigado. A geada foi fatal para a plantação, que ficou totalmente prejudicada.

Naquela manhã, após o sol ter-se mostrado, os dois amigos foram para o alto numa elevação para olhar os efeitos da geada. Não podia ser pior. A essa altura o tri-

go já tinha sentido a força da geada e já estava dobrado, totalmente queimado. O espetáculo era constrangedor. Ficaram calados por um bom tempo, pois ninguém tinha coragem de comentar a tragédia. O resultado de meses de trabalho, dos insumos usados, tudo estava perdido. Foi então que o cunhado decidiu enfrentar a situação a partir de uma decisão que só alguém que possui uma concepção de vida que vai um pouco além do normal e do banal teria coragem: mandou chamar seu filho mais velho, disse a ele que fosse para o pasto e trouxesse o novilho gordo que estava sendo preparado para ser carneado. Pois diante da situação tão calamitosa, o melhor seria reagir fazendo uma grande festa, celebrando e agradecendo a vida. E foi o que fizeram: ficaram três dias comendo, bebendo e se alegrando!

Mas a dimensão pedagógica e vivencial que restou do fato, e que gostaria de enfatizar aqui, foi a seguinte: não sei quantas vezes escutei o Sr. Quinto narrando essa história. Para ele, esse fato se tornou uma espécie de parábola que nos ensina como deve ser a nossa vida. Em qualquer situação, por pior que sejam as consequências e por mais difíceis que se mostrem as circunstâncias, não podemos perder a capacidade de *celebrar*, de curtir a vida. As coisas não irão mudar com queixas e lamentações. O importante é viver o momento presente, alegrar-se com os amigos e amigas, saber que nossa vida tem de ser sempre bem vivida e celebrada. E continuava numa espécie de peroração catequética: “Vejam vocês. Não sei se meu cunhado devido a isso teve prejuízo, passou por dificuldades etc. Isso tudo passou e ninguém

nem mais lembra. Mas uma coisa é certa: fazem já dezenas de anos que isso aconteceu, e o que a gente recorda, e nunca mais vai esquecer, foi da festa e da *celebração* que fizemos! É isso que é a vida, e isso que nós devemos lembrar e contar aos nossos filhos e netos!”

Não sei se todos os leitores vão concordar com a *filosofia*, ou as convicções de vida do Sr. Quinto e do cunhado, mas vejo esse episódio como paradigmático, como exemplar, como seu estilo de vida. Talvez seja por isso que ele não se cansava de recontar o fato com ênfase e entusiasmo. Esse episódio é representativo de uma dimensão muito central de sua vida. Talvez seja por isso também que quis morrer sem ter absolutamente nada em seu nome. Sabia compreender, aprender as lições e tirar proveito dos acontecimentos que a vida lhe ia ensinando. Assim era nosso personagem. E suas histórias e lembranças se ressentiam sempre dessa dimensão de *celebração*. Tanto os encontros de família, os grandes encontros da Família Guareschi, as peripécias de suas inúmeras viagens, tudo terminava em festa e celebração. Gostava de recordar por ocasião de sua viagem à Itália, em 1975, ao regressar, passando por Roma, junto com seu filho mais novo, ficaram num hotel e estavam cansados de andar carregando algumas garrafas de vinho *Chianti* que ganharam em Florença ao visitar os parentes do Pe. Ricardo Spagnoli, que fora pároco em Colorado por alguns anos. Decidiram então fazer a *celebração* lá mesmo, no quarto do hotel. Deixo aos leitores imaginar como foi essa festa, mas pelas vezes que o Sr. Quinto a contava, foi algo que ficou marcado em sua

trajetória de festas e celebrações e o motivou a repeti-la muitas vezes.

A história da celebração nos remete a lições mais profundas. Não é fora de propósito relacionar esses encontros com o próprio mistério eucarístico. Uma lembrança que me marcou, ao perguntar a minhas irmãs e irmãos sobre as *histórias* do Sr. Quinto, foi o que um irmão meu que me disse, de que ele adorava as visitas. E lembrava que quando eles iam à missa, aos domingos, à qual nem todos podiam ir, pois na *carrocinha* (diligência) puxada pelos cavalos só cabiam cinco pessoas, ele dizia aos filhos que procurassem ver se podiam convidar alguém mais para almoçar com eles ao meio-dia. Esse fato possui um significado muito profundo para quem nele reflete: todo encontro verdadeiro leva à *partilha*.



ENSAIO V

A OUTRA METADE: OS BARUFFI

A decisão de introduzir esse Ensaio sobre a Família Baruffi justifica-se plenamente por ao menos três razões bem significativas. A primeira, evidentemente, deve-se ao fato de nosso personagem, a certa altura da vida, ter procurado escolher uma companheira que partilhasse com ele seu futuro e suas aspirações. E foi verdade, pois durante 62 anos ela o acompanhou nas alegrias e dificuldades, enfrentando com ele os desafios e peripécias da caminhada.

Uma segunda razão é que o objetivo dessa publicação é recuperar a história, e como dimensão inseparável dessa história, a dimensão cultural da época. Ora, como veremos a seguir, a Família Baruffi teve uma influência marcante na história e no desenvolvimento da região onde viveram Pietro e Rosa, que é o atual município de Coronel Pilar.

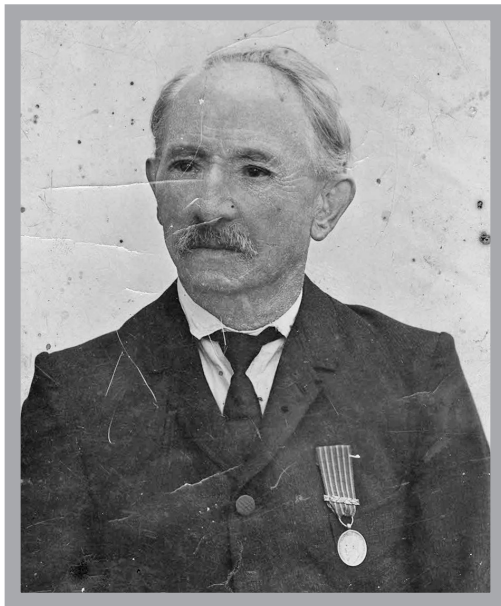
Finalmente, uma terceira razão, é aproveitar essa oportunidade de apresentar aqui dados de uma já longa

e séria investigação sobre essa família Baruffi. Colhido pela pandemia, recolhi-me, por quase dois anos, no *Paese Guareschi*, que pertence a Coronel Pilar, e ali me interessei, respondendo também a um desejo de nosso parente D. Adelar Baruffi, em examinar os preciosos documentos guardados na casa paroquial da cidade. São mais de trinta livros documentais onde estão anotados, em primeira mão, os dados de casamento, batismo e óbito dos seus moradores, a partir de 1890. Ora, sendo que os primeiros habitantes vieram àquela região em 1876, eles oferecem subsídios muito valiosos para os objetivos desse livro.

Início com algumas informações sobre o Patriarca, Francesco Baruffi (1), e a seguir tento reconstituir informações sobre seus dezesseis filhos (2). Ao final, sempre contando histórias, relembro alguns episódios em que os Guareschi e os Baruffi foram parceiros e protagonistas (3).

1. A figura mítica do Francesco Baruffi

Sempre que encontro algum Baruffi, uma afirmação é constante e unânime: todos/as recordam que o patriarca teria sido Francesco. E muitos deles ainda guardam uma foto sua, invariavelmente com uma medalha ao pescoço. A tradição é que seria um reconhecimento por ter servido a Vittorio Emanuele II Re D'Italia e por ele foi condecorado. Não quero perder a oportunidade de registrar aqui que essa medalha, por informação de Dom Adelar, está com sua irmã Arlete, que mora em Garibaldi/RS.



Conseguiu-se o Registro de Imigrante de Francisco, que foi fornecido pelo *Governo do Estado do Espírito Santo - Secretaria de Estado da Cultura - Arquivo Público do Estado do Espírito Santo*. Constam nele as seguintes informações: “Baruffi, Francesco (com foto). Grau de parentesco em relação ao chefe da Família ao imigrar: Chefe. Idade: nasceu em 1851, e tinha 26 anos em 1876. Profissão: agricultor. Religião: católica. Casamento: Baruffi, Rosa. País: Itália. Região: Lombardia. Município: Bérgamo. Comuna: Caravaggio. Embarcou em Gênova a 12/12/1876, no navio *Ester*, e desembarcou no porto de Piúma, a 25 de janeiro de 1877 do navio *Ester*. Destino: Estado de Santa Catarina”.

Constam também algumas informações complementares que já nos ajudam a entender a liderança de Francesco: “Desembarcou em Piúma, mas *exigiu* ser transferido, junto com 686 passageiros do navio *Ester*, para os Estados do Sul, Santa Catarina ou Rio Grande do Sul, conforme relata o sociólogo Enzo Grosselli” (ênfase minha).

Esses comentários são significativos, pois vão confirmando informações subseqüentes que fomos recolhendo de outras fontes. A melhor dessas fontes, bastante completa, além de pormenorizada, séria e crítica, é o livro do Pe. Osmar Possamai, *História do Município de Coronel Pilar*, publicado em 2006 (Porto Alegre:EST). Recolho do livro algumas informações relativas a Francesco Baruffi. Uma amostra da importância de Francesco é o fato de o autor do livro acima, ao discutir os diversos nomes que Coronel Pilar já teve, escreve que “a única identidade que não mudou foi *São Lourenço*. Temos assim São Lourenço de Figueira de Mello, São Lourenço de Sessanta, São Lou-

renço de Villas Boas, São Lourenço de Floriano Peixoto e finalmente São Lourenço de Coronel Pilar”, a partir de 1944 até aos dias de hoje (p.17). Mas alguns queriam incluir que o município tinha-se chamado também de São José de Figueira de Mello. Isso devido a uma interpretação errônea numa entrevista dada por Francesco Baruffi, publicada no *Cinquentenário...*, p. 84. Ao final, o autor afirma: “Concluo afirmando que a entrevista citada com o morador do lote 75, de São José da linha Figueira de Mello (Francesco Baruffi), referindo-se à sua comunidade, está correta ... mas que não se pode afirmar que a cidade tenha alguma vez se chamado também São José de Coronel Pilar”. Sabe-se daqui que Francesco morava na Linha São José e que seu lote era o nº 75. Na p. 70 lemos: “Francesco recebeu o título provisório de 302.500 m² em 05/04/1884 e o definitivo em 1895. Casado com Rosa, teve os filhos (italianos) Giuseppe e Angelo (na verdade, Angela) e (os brasileiros) Joana, Pedro, Josefa e Elisa (L.312, p.137, n. 896)”.

Francesco sempre viveu na localidade de São José, a 5 km da sede, que é ainda uma capela da Paróquia de São Lourenço. Mas a sua influência e participação sempre sobressaíram. Na p. 295 do livro de Possamai vemos que quem deu o impulso para a construção de uma igreja de alvenaria na sede, em 1888, foi o sacerdote Pe. Augusto Finotti. E acrescenta: “seu custo foi de apenas quatro contos, devido ao trabalho gratuito dos colonos agricultores. As janelas e portas foram feitas por Francesco Baruffi, carpinteiro de São José de Figueira de Mello e pai de dez filhos”.

Há ainda diversas referências a Francesco Baruffi no *Registro Del Cassiere della Frazione di S. Giuseppe*, Linha Figueira de Mello, nº 75 Nord – ex-Colônia D’Eu – 1896. “É um livro de entradas de 1895 e saídas a partir de 1886, registrando até o ano de 1961. O registro foi feito por Francesco Baruffi (1895-1913) e por Giuseppe Barili (1914-1942) (Possamai, op.c. 357). Nesses 47 anos, tudo foi registrado em italiano, até a proibição de falar italiano e alemão, em 1944. No livro consta, inclusive, à pg. 357, uma foto de Francesco Baruffi, com sua medalha de condecoração. É o único leigo que mereceu uma foto no livro, além dos avós do autor do livro. Sabe-se daí que Francesco, como carpinteiro, fazia também ataúdes para os falecidos. A última menção de Francesco é de 1914, como tesoureiro do *Cassiere*, e em 1915, por fabricar ataúdes.

Até quando teria Francesco residido na Linha São José? Há aqui um vazio de informações que seria interessante se fosse possível completar. De 1891 até 1904, teve sete filhos, com sua segunda mulher, Lúcia Betio, como veremos a seguir. O último, Roberto, nasceu em 1904. Sabe-se que vários de seus filhos, a partir de 1912, aproximadamente, mudaram-se para *Passo Fundo*, como se dizia naquela época. Na verdade, ao menos três deles, a Joana, casada com Cypriano Pezzini; o Pedro, casado com Paula Ferri; e o Angelo, casado com Carolina Barili, foram para *Linha Garibaldi*, que na ocasião era uma capela da paróquia de *Boa Esperança*, depois *Colorado*. Conforme informações orais de Eloi Guareschi, filho da Petronila Baruffi Guareschi (que era filha de Pedro

Baruffi, o primeiro filho nascido no Brasil), ela sempre dizia que tinha vindo de Coronel Pilar com dois anos de idade. Sendo que Petronila nasceu a 24 de agosto de 1911, o Pedro teria vindo a *Linha Garibaldi* ao redor de 1913.

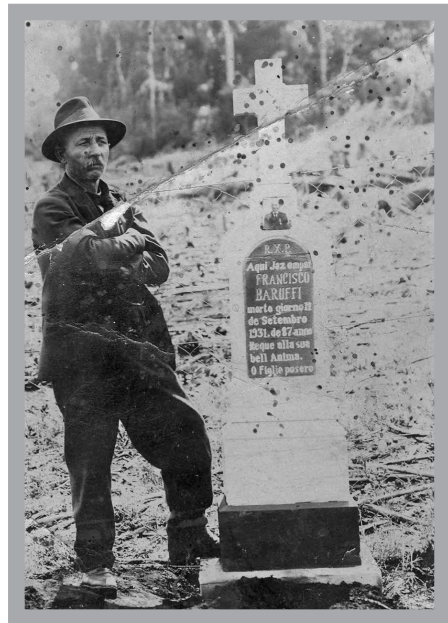
Há uma hipótese de que Francesco, com sua mulher Lucia Betio, tenha-se mudado para Relvado, próximo de Nova Bréscia, naquele tempo município de Encantado, em algum ano entre 1915 e 1925. O certo é que alguns filhos de Francesco e Lucia mudaram-se para Gramado (antigo nome de Relvado), entre eles Vitória e André. Vitória casou em 1912 em S. Lourenço Villas Boas. Uma de suas filhas, a Irmã Clélia Baruffi, que antes de entrar na vida religiosa se chamava Lúcia (talvez por homenagem a sua avó), nasceu e foi registrada em Encantado, em 1918, e entrou para o convento em Nova Bréscia, em 1933. Quem a levou, “para ser irmã, a cavalo, foi seu irmão Heitor” que, em 1961, mudou-se para Sanga Funda, município de Barracão, Paraná (*entrevista com Sadi, filho de Heitor*).

Lucia Bettio morreu aos 12 de janeiro de 1925, como conseguimos localizar: “Aos 13 dias do mez de Janeiro de mil novecentos e 25 neste povoado de Nova Bréscia sede do 5º distrito de Encantado, Estado do Rio Grande do Sul, e cartório de registros de nascimentos e óbitos, compareceu o senhor Jordano Cavallini e não tendo atestado médico declarou: Que ontem às 10 horas na residência do sr. André Baruffi na Linha Gramado do 5º distrito municipal, faleceu de morte natural sem assistência médica a senhora Lucia Baruffi, filha

leg. de Jordano Betio e Angela Betio cor branca natural da Italia profissão domésica, estado casada com 66 anos de idade. Seu corpo vae sepultar-se no cemitério da Linha Gamado que para constar, lavrou-se este termo que assigna o declarante com duas testemunhas...”

Na árvore genealógica da Família Bauffi consta que ela teria nascido aproximadamente em 1859 e que era italiana. Isso confere com seu atestado de óbito. Como também com os dados no segundo casamento de Francesco.

Sabe-se que Francesco subiu para Linha Garibaldi (Colorado), segundo as informações mais seguras, pelo ano de 1925. Nelson/Bruno Baruffi, numa entrevista a 2 de fevereiro de 2020, nos narrou que seu pai, Ricieri, nascido em 1913, contava a ele que quando tinha 12/13 anos veio morar em Linha Garibaldi, na *Picada Sconsa*, junto com seu pai (Pedro Baruffi), o nono Francesco. Como ele, Ricieri, tinha 12/13 anos, e nasceu em 1913, o Francesco deve ter vindo ao redor de 1925. Sendo que morreu em 1931, deve ter morado com



o filho Pedro uns seis ou sete anos. Não se sabem quais as razões de o nono Francesco ter vindo para ali. O que se sabe é que veio sozinho, e pode-se presumir que tenha sido próximo à data da morte de sua segunda esposa, Lucia Betio, em 1925.

Francesco deve ter morrido na casa de Pedro. Numa foto de seu túmulo, em que Pedro Baruffi está de pé ao lado da lápide, pode-se ler: “R.X. P. Aqui Jaz em paz Francisco Baruffi morto giorno 11 de Setembro de 1931 de 87 anos Reque alla sua bell’anima O figlio posero”.

2. Francesco, Rosa, Lúcia e seus 16 filhos

As informações que seguem são retiradas de três fontes diferentes, todas elas guardadas na Casa Paroquial da Paróquia de São Lourenço Mártir, de Coronel Pilar: Registro de Casamentos, Registro de Nascimentos e Registro de Óbitos. Todos eles têm seu início no ano de 1890. O que mais foi útil nessa pesquisa foi o livro de Casamentos, pois nele se conseguem informações já a partir de 18 e 20 anos antes. À medida que vou apresentando os dados, menciono também qual a fonte de onde foram colhidos. As informações que seguem são todas do livro de Casamentos, até que mencione outra fonte. Vou numerando os filhos de Francesco para ter maior facilidade em identificar quais são eles.

A partir do livro de Casamentos, encontramos como filhos de Francesco os seguintes:

1. Primeiro filho: José Baruffi: “No dia 1 de setembro de mil oitocentos e noventa e seis, corridos os pregões sem aparecer impedimento, ... recebi em matrimônio José Baruffi e Martina Fadani, elle com 22 anos, filho legitimo de Francisco e da fallecida Rosa Fontana...”. Teria então nascido em 1874, na Itália, pois o casal migrou em 1876/7, como vimos acima.

2. Segundo filho/a: Angela: “No dia 26 de abril de 1895, corridos os pregões sem que apparecesse impedimento ... recebi em matrimônio Cesar Scapini e Angela Baruffi, ele de 21 annos, filho legitimo de Antonio e Palmira Geresini (?), Ella de 20 annos filha legitima de Francisco e da fallecida Fontana Rosa, ambos italianos e moradores desta capella”. Teria nascido em 1875, pois o casal migrou em 1876/7, como vimos acima.

3. Terceiro filho/a: “No dia 25 de abril de 1900 recebi em matrimônio Pedro Baruffi e Paola Ferri, elle de 21 annos filho legitimo de Francisco e Rosa Fontana, Ella de 19 annos de idade filha legitima de João e Bertina Borelli. (*Tenho original da lembrança de falecimento de Pedro Baruffi, onde consta: “Lembrai-vos em vossas orações da alma de - Pedro Baruffi. Nascido em Floriano Peixoto em 12 de novembro de 1879. Falecido em Boa Esperança (hoje Colorado)- Carazinho - em 28 de fevereiro de 1939, com 60 anos, depois de 8 dias de enfermidade, com todos os confortos religiosos. R. I. P”*).

4. Quarto filho/a: Joanna Baruffi: “No dia 11 de Maio de 1896 (noventa e seis) recebi em matrimonio

Cypriano Pezzini e Joanna Baruffi, elle de 23 annos filho do fallecido Bernardo (Pezzini) e Judith Palavicini, italiano, Ella de 19 annos filha legitima de Francisco e da fallecida Rosa Fontana”.

5. Quinto filho/a: Josefina Baruffi: “Ut supra de mile novecentos e dois ... recebi em matrimônio Antonio Ubessi, e Josefina Baruffi, elle de 21 annos de idade filho legítimo de Francisco e Jos.. Locateli, ella de 21 anos de idade filha legítima de Francisco e Rosa Fontana”. (*Tenho uma foto de duas meninas, Júlia e Petronila, com cerca de 15 anos, que o Pedro manda a seu cunhado Ubessi*).

6. Sexto filho/a: Elisabetta Baruffi: “No dia 7 de maio de mile novecentos e dois recebi em matrimônio José Bellini e Elisabetta Baruffi, ele de 19 annos de idade filho legítimo de Stefano e Rosa Pagani, Ella de 20 annos de idade filha legítima de Francisco e Rosa Fontana”.

7. Sétimo filho/a: Santa Baruffi: “Aos 13 de maio de mil novecento cinco na Igreja de S. Lorenzo recebi em matrimonio Pasquale Tirloni e Santa Baruffi. Elle filho legítimo de Guerino e Angela Augustin. Ella filha legítima de Francisco e Rosa Fontana nascida e moradora na Figueira de Mello solteira de 21 anos. (*No cemitério da Comunidade de São José - Cel. Pilar -há um túmulo onde está escrito: “Pascual Tirloni, nascido a 6 de 01 de 1880; morto dia 6.09.1959. Embaixo: Santina Tirloni: nascida dia 15.06 1891. Morta: dia 28 de 11. 1974”*).

8. Oitavo filho/a: Vittoria Baruffi: “Aos 27 de abril de milnovecento sete em S. Lorenzo receberam-se em matrimônio Attilio De Biasi e Vittoria Baruffi. Elle filho legítimo de Stefano e Apolonia Fornazari, Ella filha legítima de Francisco e Rosa Fontana solteira de 19 anos”.

9. Nono filho/a: Angelo Baruffi: “Aos vinte e oito de junho de milnovecento oito em S. Lorenzo receberam-se em matrimonio AngeloBaruffi e Carolina Barili. Elle filho legítimo de Francesco e Rosa Fontana, solteiro de 22 annos. Ella filha legitima de Benedetto e Elisa Guarneri, solteira de 18 annos. (*No cemitério de Linha Garibaldi, Colorado, no túmulo de Angelo Baruffi e Carolina Barrili está escrito: Ângelo Baruffi: nascido dia 1 de 11 (novembro) de 1885. Falecido dia 9 de 9 (setembro) de 1969*).

Nas pesquisas feitas, esses nove filhos constam como filhos de Francesco e Rosa Fontana. A partir daí, os filhos de Francesco constam como dele e de Lucia Betio. No livro de Casamentos da Paróquia de Coronel Pilar, na Folha 6 do livro I, encontra-se também o do segundo casamento de Francesco: “No dia um de Março de 1992, ocorridos os pregões de estilo sem que apparecesse impedimento algum eu Pe. João Tronchetti, na presença das testemunhas Elias Copi e Domingos Pisoni recebi em matrimonio Francisco Baruffi e Lucia Betio, elle de 47 anos annos filho legítimo de Angelo (Baruffi) e da fallecida Angela Menotti, viúvo da fallecida Rosa Fontana, morador desta linha, Ella de 34 annos filha legítima do fallecido Jordano (Betio) e Angela Barbieri, viúva do fallecido AngeloCavallini,

ambos italianos lavadores e para constar assinei Pe. João Tronchetti.”

Continuamos com a busca dos outros filhos de Francesco, agora com Lucia Betio, ainda no livro de Registros de Casamento:

10. Décimo filho: Victorio Baruffi: “No dia dezasseite janeiro de mil novecentos e onze, ... perante o Padre Nicolau Maestri ... receberam-se em matrimônio Victorio Baruffi e Liza Lorenzi. Elle filho de Fancesco e Lucia Betio, morador da Linha Figueira de Melo nº 75, annos 20. Ela filha de Paolo e da fallecida Joana Romilda, morando na Linha Figueira de Mello nº 70, annos 18. Padre Nicolau Maestri”.(Agora dados do segundo livro de Batizados, pg. 8, verso, lê-se: “Andrea Vittore Betio. Batizado dia 21.12.1891. Nascido dia 30.11.1891. Pi. Francesco Baruffi e Lucia Betio. Avós paternos: Angelo e Angela Menotti. Avós maternos: Giovanni Betio e Angela Barbier (legitimus per subsequens Matrimonium)”. (Comentário: *Andrea Vittore (Victorio)Betio é, pelo que se pode deduzir, o primeiro filho de Francesco do segundo casamento. O texto, em latim, “legitimus per subsequens Matrimonium” se traduz assim: “legitimado pelo casamento subsequente”. Isso porque acima está dito que Francesco seria “Pi”, que no código do pároco seria pater ignotus – pai desconhecido. Por isso no sobrenome consta “Betio”, apenas o sobrenome da mãe).*

11. Décimo primeiro filho/a: Rosa Baruffi: “No dia 12 de abril de 1913 ... receberam-se em matrimonio

João Cerutti e Rosa Baruffi elle de 21 annos de idade filho legítimo de José e Agata Dalaglio, ella de 20 annos de idade filha legítima de Francesco e Betio Lucia”. Agora do livro de batizados: “Rosa Maria Baruffi: Batizado: dia 23 de janeiro de 1893. (não tem data de nascimento, cfr.). Pais: Francesco Baruffi e Lucia Betio. Avós paternos: Angelo e Angela. Avós maternos: Giácomo e Angela Barbieri”.

12. Décimo segundo filho/a: Graziosa Baruffi: “Aos seis de julho de mil e novecentos e dezessete... Alfredo Lorenzi e Graziosa Baruffi: elle catholico, solteiro com vinte annos de idade, filho legítimo de Paulo Lorenzi e fallecida Theresina Lorenzi, natural e morador da fracção da capella de S. José de Figueira de Mello deste Curato; Ella catholica solteira com vinte e um annos, filha legítima de Francisco Baruffi e Lucia Bettio. (Do livro de Batizados: “Carolina Graziosa Baruffi. Batizada dia 05.10.1896. Nascida dia 20.09.1896. Pais: Francesco Baruffi e Lucia Betio)”.

13. Decimo terceiro filho/a - Do livro de Batizados: “Serafina Margherita Maria Baruffi. Nascida dia 07.07.1894. Batizada dia 9 de julho de 1896. Pais: Francesco e Lucia Betio. Avós paternos: Angelo e Angela Menotti. Avós maternos: Giordano e Giovanna? Padri-nhos: Giuseppe Ricardi e Giovanna Baruffi”.

14. Décimo quarto filho - Do livro de Batizados: “Secondo Andrea Baruffi. Batizado dia 26.12.1895. Nascido a 9.9.1895. Pais: Francesco Baruffi e Lucia Bettio”. (*Sobre Secondo Andrea Baruffi, as filhas de Berto Ba-*

ruffi, de Ronda Alta, me disseram que casou, mas não teve filhos. Adotou como filho Otílio Mendonça, que se registrou como Baruffi. No dizer delas, Otílio era ligeiro, “cortava o vento”).

15. Décimo quinto filho – Do livro de Batizados: “Andrea Giovanni Giacomo Matteo Baruffi. Batizado: 15.04.1898. Nascido: dia 13.04.1898. Pais: Francesco Baruffi e Lucia Betio”.

16. Décimo sexto filho: Roberto – do livro 4 de Batismos, p. 7 (verso) nº 72: “Roberto Baruffi, casado com Teresa Gusberty Baruffi. Ele nascido a 12 de março de 1904 e falecido a 02 de agosto de 1992. Ela nascida a 11 de fevereiro de 1901 e falecida a 30 de julho de 1978. Roberto Celeste Baruffi. Nascido: 12.03.1904. Bat. 19.04.1904. Pais: Francisco e Lucia Betio. *Da entrevista com suas filhas: Tiveram quatro filhas: Diamantina, nascida em 1925, casada com.... ainda deve estar viva. Ana, nascida em 1927 e falecida em 1954. Maria Baruffi, nascida em 1929 e falecida em 2019, solteira. E Gema Baruffi, nascida em 1931, solteira, e ainda vive em Ronda Alta na casa onde viveu Roberto e Teresa GusbertyBaruffi. Mais informações das filhas, colhidas por mim: Roberto nasceu em 12 de março de 1904. No documento do CPF está nascimento 12 de março de 1901, três anos a menos: razão, segundo as filhas: não quis servir o exército.*

Esses são os 16 filhos/as de Francesco Baruffi com suas duas esposas. No livro de Casamentos, folha 97 verso, consta, na Folha 97 verso, nº25: “No dia 19 de junho do ano 1915 ... receberam-se em matrimonio

Desiderio Magni e Serafina Baruffi. Elle de 20 annos de idade, filho legitimo de Cals e Palmira Cimi (?),... Ella de 21 anos de idade, filha legítima de José e Lucia Betio, nascida no Brazil e morando na linha Figueira de Mello, nº 75. (*“Sabe-se, por via oral, que Francesco Baruffi, ao casar-se em segundas núpcias com Lucia Betio, incorporou a sua família dois filhos de Lucia. Pode-se supor que Serafina seja um desses filhos de Lúcia, que assumiu o sobrenome Baruffi. Gema, filha de Berto Baruffi, de Ronda Alta, me informou que Serafina era casada com Desidério Magni. Em Estação Getúlio, Nelson/Bruno Baruffi, filho de Ricieri, que era filho de Pedro Baruffi, informou que por lá andou um “Magni” que era tio de seu pai Ricieri; logo, deveria ser da família de Francesco, mas poderia ser um dos adotados”*).

3. As ligações Baruffi/Guareschi

Em dois casos os filhos de Andréa Guareschi e Angelina Pivato casaram com dois filhos de Pedro Baruffi e Paola Ferri: Ricieri Quinto casou com Petronila Henriqueta Baruffi e Ricieri Bruffi casou com Amabile (Gentília) Guareschi. Os avós de Quinto e Amabile Guareschi, Andrea Guareschi e Rosa Orsi, migraram das *colônias velhas* para as assim chamadas *colônias novas* no início do século XX, cerca de 1912. Já os avós de Ricieri e Petronila Baruffi, Francesco Baruffi e Rosa Fontana, passaram por processos diferentes: Francesco, como vimos, só migrou para as *colônias novas* cerca de 1925, já viúvo de sua segunda mulher; sua primeira

mulher, Rosa Fontana, já falecera no final da década de 1880.

Registro aqui uma nota interessante: uma característica dessas primeiras famílias é a existência de certos segredos que dificilmente chegavam ao conhecimento das pessoas mais jovens. No caso específico dessas famílias, foi apenas depois de várias décadas que até mesmo os filhos ficaram cientes de determinados fatos que aos olhos dos mais velhos seriam um tanto desabonadores e que por isso deveriam ser ocultados a eles. Em muitos casos sobravam os *boatos*, confidências que principalmente as mulheres sussurravam às filhas mais jovens. Muitas coisas, certamente, se perderam devido a esse costume. Assim que, por exemplo, apesar de que essas famílias terem ao menos dez filhos, vários casais, surpreendentemente, não tiveram nenhum filho. Dois irmãos da Petronila, por exemplo, e uma irmã do Quinto, não tiveram filho nenhum. Mas as razões disso, contudo, ainda continuam *especulações*. Do mesmo modo outros fatos, que na época pareciam inconvenientes, eram ocultados com muito cuidado. Alguns fatos conseguiram ser resgatados e com isso foi possível registrá-los.

Ao se falar de casamento, necessariamente as histórias estão ligadas a cunhados, ou cunhadas. E sendo que as famílias eram numerosas, não faltavam cunhados e cunhadas. Alguns se sobressaíam, é claro. Confesso que tive alguma dificuldade em concluir esse capítulo ainda *contando histórias*. Depois de pensar, decidi concentrarme em apenas um desses cunhados que, por sinal, foi o

primeiro a nascer desses *casamentos* entre Guareschi e Baruffi: é o filho mais velho do Pedro, que foi o terceiro filho de Francesco, que se chamava José, mas que ficou conhecido como o popular e famoso *tio Bepino*.

Antes de falar das histórias pitorescas do Bepino, vou aproveitar para comentar dois fatos. Um sobre o Quinto e outro sobre a Nila. A Petronila tinha, enfileiradas, mais três irmãs. Diga-se, de passagem, que as quatro juntas tiveram cinquenta filhos. Numa reunião em que estavam reunidos os quatro cunhados que tinham escolhido uma dessas quatro “Baruffi”, a conversa começou a girar em torno de qual delas era a mais bonita e mais prendada: a Adelaide que casou com o Vitória Bini; a Rosa que casou com o irmão do Vitória, o Alfredo Bini; o Ercole Pazinatto, que casou com a Júlia; ou o Quinto que casara com a Petronila. A discussão foi acalorada, cada um defendendo sua prenda. Conta-se que o Quinto, seguro de que iria convencê-los de seus argumentos, deixou que eles falassem e, ao final, concluiu em tom peremptório: *Va via stupidi, la più bella era la Nila: basseta, gordeta, dureta*. Na avaliação de seu pretendente, essas deveriam ser as qualidades de uma mulher privilegiada. E com isso a discussão encerrou. Deixo a cargo do leitor fazer sua avaliação da avaliação.

Essa história que segue a D. Nila gostava de contar às noivas preocupadas em completar seu enxoval e correndo atrás de recursos para isso. Estava se aproximando seu casamento com o Quinto. E ambas as famílias eram carregadas de filhos, no caso onze em cada uma delas. Não se tem muita pesquisa sobre como eram as

tratativas ao chegar o momento para os filhos/as casarem. O mais comum, como se sabe de muitos, era o marido ir pensando num lugar onde poderia viver com sua esposa, pois, afinal, tanto lá como agora, *quem casa quer casa*. Mas não foi assim com o Quinto, pois teve de arcar com a direção da casa paterna pelo fato de seu pai, Andrea, ser uma pessoa muito enferma. De fato veio a falecer três anos depois do casamento do Quinto, com apenas 50 anos. O Quinto permaneceu por ao menos seis anos na casa paterna, como vimos no primeiro ensaio. Mas vamos à história da Nila. Às vésperas do casamento, nossa noiva foi insinuando a seu pai sobre como conseguir as coisas necessárias para seu casamento. Após várias insinuações, o Pedro um dia lhe diz: “Vai ver lá no seu quarto, atrás da porta: coloquei lá o que você precisa para se casar.” A Nila, curiosa, foi ver e encontrou lá ... uma enxada! Muitas vezes fiquei pensando sobre o que minha mãe queria dar a entender ao contar repetidamente essa história. Além de confessar sua decepção, creio que com certeza havia ali alguma outra intenção *pedagógica*. Ela era terrivelmente trabalhadora. Como conheço a história e as qualidades de minhas queridas irmãs, acredito que um pouco de suas possíveis tácitas intenções permaneceram em suas filhas, como também em seus filhos...

O folclórico Tio Bepino

Mas vamos a alguns episódios pitorescos sobre nosso tio Bepino. Também pelo fato de ter permanecido

solteiro por algum tempo, e principalmente por não ter tido filhos, gostava de girar entre os cunhados, e um de seus preferidos era o Quinto. Deve ter migrado das *colônias velhas* para as *novas* ainda solteiro, acompanhando algum de seus irmãos e irmãs que migravam para Linha Garibaldi, já casados. Não se sabe exatamente a data, mas acabou casando em Linha Garibaldi com a Dosolina Pazinato e, após alguns anos, pelo fato de não terem filhos, adotaram uma menina, de origem alemã, filha das muitas famílias alemãs que eram suas vizinhas.

O Bepino era uma dessas pessoas marcantes, que fazia questão de, de um ou outro modo, fazer-se notar. Não consegui descobrir a explicação e fundamentação histórica, mas ele se considerava *professor*. De fato, chegou a trabalhar como professor em Fortaleza, um vilarejo entre Seberi e Frederico Westfalen, onde residiu por algum tempo. Em determinados momentos, ao querer afirmar sua importância, quando era chamado apenas de *Bepino* por alguma pessoa de menos idade, ele esclarecia: “Por favor, Professor José Baruffi!” De onde teria vindo essa sua titulação nunca se pôde saber.

Entre outras limitações de uma pessoa idosa, era portador de certa doença, mas não quis ser tratado em qualquer hospital de Selbach, ou Colorado. Decidiu ir a Porto Alegre, por conta. Devido a sua idade, e como fosse aposentado, havia um parente que se encarregava de receber sua aposentadoria e lhe passava do dinheiro. Acontece que um dia o tio Bepino desaparece de Colorado, sem dizer a ninguém para onde iria. Os parentes e conhecidos começaram, cheios de preocupação, as bus-

cas pelo desaparecido. Pelo fato de se saber que não estava muito bem de saúde, as inquietações aumentaram. Após buscas e investigações, alguém comentou que o tinham visto pegar um ônibus em Selbach, e pelo horário em que o ônibus passou, suspeitaram que seria um ônibus que se dirigia à capital do Estado, Porto Alegre. Nas indagações sobre para onde poderia ter-se dirigido, alguns disseram que em suas conversas tinha mencionado que ele poderia tratar sua doença na Santa Casa de Porto Alegre, e que pensava dirigir-se para lá. E foi assim que numa certa manhã recebo um telefonema de seu procurador contando-me que uma das pistas que o corajoso tio Bepino tinha deixado era que queria ir à Santa Casa e que talvez se tivesse dirigido para lá. E me pedia, por residir ali, que tentasse ver o que poderia fazer.

Evidente que não podia deixar de me preocupar com meu querido tio e logo comecei a ver como descobrir se por acaso ele não estaria por lá. Como morava na periferia, tomei um ônibus e dirigi-me para a Santa Casa, que fica no centro da cidade. Comecei as investigações pelos pacientes que tinham sido internados, ou que tinham sido atendidos naquele dia - já era pelo fim do dia. Tudo em vão. Mas arrisquei passar pela emergência e ver os que ainda estavam aguardando. Surpresa! No meio de uma longa fila vislumbrei alguém que me parecia ser o nosso herói. Fui indo em sua direção e, como estivesse de batina, ele também logo me identificou. Ficou feliz, me abraçou comovido. Continuei na fila com ele até ele ser atendido. Junto com um padre, as coisas foram

se tornando mais fáceis. Conseguiu-se um leito numa enfermaria. E lá ficou ele, com sua maletinha de papelão, feliz e agradecido. Comemos alguma coisa juntos na enfermaria e retornei. Dia seguinte, logo cedo, fui ver o tio. Ia começar a ser atendido. Ficou ao redor de uma semana internado. Seu problema era uma ferida no peito, séria. Mas o médico, ao lhe dar alta, me disse: “A ferida é grave, deve ser tratada...mas não é disso que ele vai morrer...” Iríamos longe se fôssemos narrar as muitas e deliciosas aventuras de nosso querido tio por Porto Alegre, desde sua dificuldade em se adaptar à comida do hospital, como suas *imaginações* ao ser cuidado pelas simpáticas e belas enfermeiras... E, felizmente, viveu ainda mais uma dezena de anos, morrendo em paz e sendo enterrado em Linha Garibaldi, onde queria... mas essa é outra história que contamos a seguir.

Não sei de todos os detalhes, mas a certa altura de sua longa vida, já um tanto idoso e sempre adoentado, o tio Bepino acabou indo morar, com alguns familiares, numa cidade próxima a Santa Maria. E lá também teve de ser hospitalizado devido a problemas de saúde. Talvez por suspeitar que sua doença fosse grave, um dia, sem comunicar a ninguém, deixou o quarto e foi para a frente do hospital. Procurou lá um motorista de taxi e disse-lhe que tinha uma proposta a lhe fazer. Perguntou quanto ele cobraria para fazer uma corrida dessa cidade onde estava até Colorado. Eram ao redor de 300 km. Disse que tinha dinheiro para lhe pagar, se ele concordasse em levá-lo. O motorista estranhou o pedido e quis saber a razão dessa corrida. Foi então que o querido

Bepino abriu o jogo. Disse que ele estava só nessa cidade e que tinha muita saudade de onde morava, no interior de Colorado. Que ali não tinha nem conhecidos, nem amigos. E que estava doente e poderia morrer. Mas ele queria ao menos ser enterrado em Colorado. Perguntou se no seu carro caberia um caixão funerário. E propôs, então, ao motorista que ele já deixaria paga toda a despesa, mas que se viesse a falecer, ele o levasse a Colorado para poder ser enterrado lá.

O motorista, é evidente, se surpreendeu com tal proposta um tanto inusitada. Disse que iria pensar, e foi ver com o pessoal do hospital o que estava acontecendo. Mas o tio Bepino, talvez devido a isso, teve sua última vontade satisfeita. Antes de morrer pôde retornar à sua querida Linha Garibaldi, onde jaz em paz, após uma vida um tanto tumultuada, mas sempre cheia de planejamentos, até para depois de sua morte...

Outro casal que unia as famílias Baruffi e Guareschi foi o de Ricieri Baruffi e Amabile Guareschi. A Amabile era conhecida por Gentília e só pelo fim de sua vida descobriu-se que seu verdadeiro nome era Amabile. O casal se mudou para Erebango, que pertencia ao Município de Estação Getúlio Vargas. Lá trabalharam com madeira, principalmente com araucárias, pois a região possuía ainda muitas matas nativas. Depois passaram a trabalhar com lavoura, principalmente trigo e milho e, posteriormente, soja. Foi esse casal que se responsabilizou pela viúva do Pedro, a Paula Ferri, que durante toda sua vida exerceu a profissão de parteira prática, sem

nunca ter feito algum curso para isso. Fundaram lá a capela de São Roque, e ela foi a primeira a ser sepultada no cemitério da capela.

Essas famílias, do Quinto-Petronila e do Ricieri-Amabile sempre cultivaram laços estreitos de amizade e seus filhos continuam até hoje a se visitar. Ao ter de deixar o Rio Grande do Sul, em sua última mudança de Colorado para Barracão, o nosso protagonista, o Sr. Quinto, fez questão de passar uns dias na casa de seu concunhado em São Roque - Estação Getúlio Vargas. Era por ocasião de seu aniversário, dia 22 de outubro. E foi nessa ocasião quando se deu uma forte geada fora das previsões e destruiu completamente a principal plantação do cunhado, o trigo. Como narrei no ensaio-anterior, das *histórias*, o Ricieri, em vez de se queixar, mandou matar um boizinho gordo e fizeram três dias de festa. Esse fato permanece até hoje na memória das duas famílias como um exemplo de que o mais importante, e o que realmente importa e faz as pessoas felizes não é ter muito dinheiro e riquezas, mas é o encontro e a *celebração*.

Fico imaginando a quantia de *histórias* acontecidas e que poderiam ser contadas aqui a partir apenas dos 22 primos dessas duas famílias. Fica a tarefa para alguém que se anime a materializá-las em texto ou de qualquer outro modo. Mas creio que esses rápidos episódios possam contribuir com o objetivo dessa publicação: a importância de contar histórias, e que a vida é tecida por histórias.



ENSAIO VI

APÊNDICES:

1. O CENTRO CULTURAL RICIERI QUINTO GUARESCHI.

2. A SOCIEDADE PAESE GUARESCHI

Incluir esses dois apêndices ao final dessa publicação justifica-se plenamente, pois eles se apresentam e testemunham um modo de *contar histórias* e de garantir a memória dessas narrativas e acontecimentos. O primeiro apêndice, *O Centro Cultural Ricieri Quinto Guareschi*, está intimamente ligado ao objetivo dessa publicação. Na verdade, foi criado com o propósito específico de manter viva a *memória* de nosso personagem e de sua esposa Petronila Baruffi. Já a *Sociedade Paese Guareschi* se constitui num projeto mais amplo: pretende ser uma proposta e um intento histórico-cultural e pedagógico de *materialização* da história dos *Guareschi* a partir de uma família, dentre os muitos *Guareschi* que migraram da Itália para a região da colonização italiana no final do século XIX: o casal Pietro Guareschi e Rosa

Orsi. Por serem testemunhos materiais, julgamos pertinente trazer também ilustrações que ajudem a visualizar esses projetos.

1. O Centro Cultural Ricieri Quinto Guareschi

O personagem que centraliza nossas narrativas deixou nossa convivência a 12 de julho de 1994. Sua companheira, Petronila Baruffi, viveu por mais três anos, e nos deixou a 3 de novembro de 1997. As pessoas mais ligadas ao Sr. Quinto, evidentemente, começaram a sentir falta de sua presença, de suas histórias, da sua participação nos encontros. Pensaram: não haveria um modo de manter viva sua saudosa memória? E foi a partir de muitas conversações que surgiram sugestões e propostas bem interessantes.

Como talvez nem todos saibam, o Sr. Quinto não deixou absolutamente nada como herança. Morreu despojado de tudo. Poucos meses antes de partir, decidiu vender também seu corcel vermelho, já bastante utilizado. Entregou o dinheiro da venda do carro a um genro seu, dizendo, certamente com algum tom profético: “Fique com esse dinheiro, certamente precisará dele a qualquer momento desses”. E a casa onde morava já estava destinada a outra pessoa.

Esse seu procedimento, talvez não tanto consciente, não deixou de provocar algumas reflexões a seus filhos/as - dez ainda vivos- e, na ocasião, a seus 36 netos/as. E talvez tenha sido também por isso, sem que os iniciadores tivessem clara consciência disso, que se imaginou

inventar uma memória que perpetuasse, de uma maneira imaterial e até mesmo mística, a mensagem de alguém que teve a coragem de se desfazer, ao nos deixar, de tudo o que tinha de material, para garantir o imaterial, sua memória espiritual no tempo.

Fazendo divisa com a casa onde morava, havia um terreno que lhe pertencera e que tinha doado a um de seus filhos que, na verdade, dele não necessitava. Foi assim que surgiu a ideia de fazer naquele espaço um local de encontros, pois, como vimos anteriormente, ele era a *pessoa dos encontros*. Seria um modo de ele permanecer vivo na memória dos seus amigos e amigas.

A primeira ideia foi, assim, de construir lá uma espécie de barracão, no estilo dos CTGs gaúchos. Tal iniciativa viria suprir também uma necessidade que sempre se fazia presente, pois nos encontros da família, principalmente ao final do ano, e em outros eventos familiares, sempre se apresentava a necessidade de encontrar um local para essas celebrações. A *chácara do Seu Juca*, casado com sua filha Ires, servia para encontros de fim de semana. Mas distava alguns quilômetros e não se prestava a certos eventos. Para isso era necessário, algumas vezes, desocupar algum armazém, ou buscar um espaço maior.

A ideia de fazer um local de encontros para materializar a memória do Sr. Quinto foi sendo cada vez mais aceita e incentivada. Mas aos poucos foi-se pensando em fazer não apenas um barracão, mas uma construção bem mais sofisticada, que pudesse servir para outras reuniões e encontros e que pudesse ser colocada à disposição da

comunidade local e da região. Entraram em ação, desse modo, os profissionais no assunto, todos netas e netos do Sr. Quinto: a arquiteta Joseane Valiati se encarregou do projeto. O engenheiro José Carlos Amaral fez os planos para a construção. E o engenheiro-construtor Joselito Valiati coordenou a construção local. Foi planejado para poder abrigar trezentas pessoas em possíveis cursos e encontros. Pensou-se também em toda uma infraestrutura para festas e reuniões que durassem um ou vários dias: para prover alimentação, como cozinha, churrasqueira e todo material necessário: fogões, geladeiras, freezers e panelas e pratos personificados com a marca *Centro Cultural Ricieri Quinto Guareschi*.



Centro Cultural Ricieri Quinto Guareschi

A inauguração aconteceu ano e meio depois, em início de janeiro de 1999. Situa-se praticamente entre as fronteiras do Paraná, Santa Catarina e Argentina. E durante 23 anos ele continuou sendo um local de *encon-*

tros, com inúmeras reuniões de diferentes grupos, atividades educacionais, congressos, teatros, formaturas, bailes, comemorações de todo tipo. Foi ali que se realizou, inclusive, um encontro de governadores de Estados e Províncias do Brasil, Argentina e Paraguai.



Interior do Centro Cultural

Aos poucos, o Centro não foi mais sendo tão requisitado para tais atividades, pois diversos outros locais semelhantes foram construídos por clubes e prefeituras. Foi então que se pensou em transferi-lo para a Diocese de Chapecó, para que pudesse ser bem mais utilizado para cursos, formação de lideranças, práticas de saúde e medicina alternativas, encontros regionais das diversas pastorais e outras atividades. Mas um pressuposto foi assegurado: que se mantivesse o nome de *Centro Cultural Ricieri Quinto Guareschi* e que continuasse sendo uma memória desse personagem. Quem passar hoje pela Rua Nereu

Ramos, que faz divisa com a Argentina, vai encontrar ali o *Centro Cultural Ricieri Quinto Guareschi* convidando as pessoas a se encontrarem, celebrarem a vida, dialogarem e se organizarem para se conseguir sempre mais e da melhor maneira o estabelecimento de uma sociedade economicamente sempre mais justa, politicamente mais participativa, socialmente mais democrática e culturalmente plural. O espírito e o carisma do Sr. Quinto vão se perpetuando, desse modo, através dos tempos. E sua memória vai sendo lembrada e celebrada por outras gerações.

Para se conhecer melhor o projeto e os objetivos do Centro, pode-se assistir os dois vídeos que foram feitos por ocasião de sua inauguração. O primeiro é a fala de Pedrinho Guareschi dando os objetivos e o sentido do Centro (<https://youtu.be/7vYvWzcIYwk>).



O segundo é sobre o Sr. Ricieri Quinto e as razões de se construir o Centro com seu nome. (<https://youtu.be/Bc-hMgITFdc>)



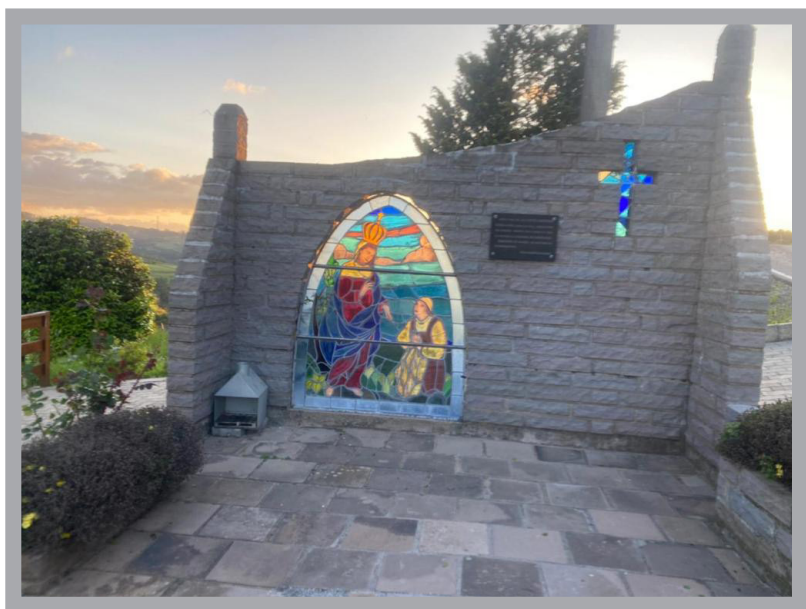
2. A Sociedade Paese Guareschi

Esse projeto, apesar de fazer memória de uma família que migrou ao Brasil em inícios da década de 1880, é bem mais recente e iniciou há apenas cinco anos. Como contamos no Ensaio II, *O Pesquisador Inquieto*, uma das façanhas que o personagem que serve de referência a essas histórias conseguiu realizar foi reatar os laços entre a família de Pietro Guareschi e Rosa Orsi que, após apenas 30 anos de estadia na atual Linha Brasília, município de Coronel Pilar, decidiu deixar as *colônias velhas* e migrar para as *colônias novas*, atual município de Colorado, naquele tempo mencionado em cartas e documentos como o lendário *Passo Fundo*.

Após a redescoberta do lote pessoal que fora designado para Pietro Guareschi na *Linha Nuova*, atual *Linha Camargo*, que ele terminou de pagar e escriturar em seu nome apenas em 1895, foram muitas as *peregrinações* dos familiares e descendentes do Pietro e Rosa que voltaram para visitá-lo, sendo sempre extremamente bem recebidos pela família de Francisco e Idalina Nicaretta. E foi a partir desse momento que se descobriu que o Francisco- o *Cechet* - era filho da Rosina Damiani, que por sua vez era filha da Regina Pivatto, irmã da Angelina Pivatto, a muito estimada mãe de nosso Ricieri Quinto. Ambas, Regina e Angelina, eram filhas do Inocêncio Pivatto, que recebera um lote vizinho ao casal Pietro e Rosa.

A primeira concretização dessa recuperação do elo com o início da história da família do Pietro e Rosa deu-

se com a construção de um capitel nas terras do lote original habitado por Pietro e Stella. Como não podia deixar de ser, a patrona do capitel foi N. Sra. de Caravaggio, a tradicional e muito cultivada devoção das famílias daquele local. A mãe do Quinto, Angelina, que veio da Itália com três anos, nascera em Mantova, bem próximo ao Santuário de Caravaggio, na Itália. E a família Guareschi, como a maioria das famílias de Cremona, faziam sua romaria a Caravaggio ao menos uma vez por ano.



Capitel de N. S. de Caravaggio. Inaugurado em 06/01/2002.

Como os leitores podem conferir pelas ilustrações, o capitel é muito original e difere dos capiteis tradicionais da região. A sugestão do estilo desse capitel foi do Reitor da Universidade de Passo Fundo, Pe. Alcides Guareschi, filho do Guerino, o irmão predileto do Quinto. Conforme nos contou, ele se inspirou num capitel já existente na região de Passo Fundo e representa uma parede de pedra, de cinco metros de comprimento e três de altura, que sugere a parede de uma catedral medieval. O vitral de N. Sra. de Caravaggio, de forma oval com um metro de largura e dois de altura, ocupa seu centro. O espaço onde foi construído foi escolhido com gosto e arte: pode ser visto de longe por quem transita pelo local e, ao pôr do sol, ele é iluminado aos fundos, tendo-se a impressão de se estar contemplando uma linda catedral.

Com a construção do capitel, a comunidade local foi se familiarizando com os antigos moradores. Ele é obra do escultor de pedras João Cassol e foi feito em grande parte com o trabalho voluntário dos moradores da comunidade, capitaneados pelo *Cechet*. Foi necessário trazer pedras de longe para a construção da base e do muro que a sustenta. O filho do *Cechet*, o Gilmar, conta as muitas viagens de trator para trazer as pedras do muro. E a 6 de janeiro de 2002 deu-se sua inauguração solene, com um tradicional almoço no salão da comunidade.

Mas o que mais é admirado e chama a atenção de todos os visitantes é o parreiral *histórico*, como é chamado, que possui ainda pés de parreira que, segundo o testemunho bem documentado dos vizinhos, foi plantado ainda pelo Pietro, entre 1880-90. Pessoas, algu-

mas já com 90 anos, testemunham que, quando ainda eram crianças, esse parreiral com vinhas Isabel já existia e produzia muita uva. Tais narrações comprovam sua existência de mais de 120 anos.



Parreiras de 130 anos.

Outra atração do local é a famosa e milagrosa *Fontana*, que convencionamos agora chamar de *Fontana San Pietro*. Sua vertente permanece igual e perene há bem mais de 100 anos e servia para levar água, por queda natural, ao local onde existia a conhecida *casa de mattoni*, que foi a primeira moradia do Pietro e Rosa.

Um detalhe interessante, conforme o testemunho dos antigos moradores da região, que ainda se lembram das ruínas da casa, é que ela era a única casa construída

com *mattoni*, isto é, tijolos. Esse, na verdade, é um fato interessante e único, pois os primeiros moradores costumavam construir suas casas com um porão embaixo e os quartos em cima. E na totalidade dos casos o porão era de pedras, muito acessíveis, e a parte superior era feita de madeira, muito abundante na região. Especula-se que o Pietro, proveniente de Cremona, na *Bassa Padana*, quis manter a tradição e decidiu fazê-la de *mattoni*. O *Cechet*, um de nossos informantes, lembra ainda a maneira como posteriormente alguns moradores costumavam fazer seus tijolos, bem grandes, moldando-os com tábuas e cozinhando-os ao fogo.

Um detalhe muito interessante, que foi se confirmando à medida que íamos pesquisando, é que os *Guareschi* da família do Pietro não eram chamados de *Guareschi*, mas de *i Rossi*, ou *i Russi*. A nona Leonilda, vizinha do *Paese*, que morreu há pouco, em julho de 2022, com 90 anos, que foi esposa do Sr. Oreste, neto de Angelo Bertele, o comprador do lote do Pietro em 1912, ainda lembra que quando adolescente ia com as colegas lavar roupa nos tanques de tijolo que tinham sido ajeitados a partir das ruínas da casa original do Pietro. E ao se perguntar a ela quem morava ali, naquela casa, sua resposta era rápida e segura: *i Rossi!*

O conhecimento e as visitas ao local onde Pietro e Rosa viveram até 1912 foram sendo sempre mais frequentes, principalmente na época da colheita da uva e nas festas do vinho e da champagne. Foi assim que ao se escolher o local para a realização do 4º. Encontro Internacional da Família Guareschi, em janeiro de 2012,

a cidade de Garibaldi foi escolhida para o Encontro Cultural na tarde de sábado na cidade, e no domingo de manhã os mais de 600 participantes rumaram para Linha Brasília, onde se fez a celebração da missa em *talian*, a língua falada pelos imigrantes, e ao meio-dia o almoço festivo típico da região. A peregrinação ao capitel e ao local das uvas plantadas pelo Pietro e à fontana, fizeram parte obrigatória do Encontro. Nessa ocasião já sugeriram sugestões de a família do Pietro poder adquirir ao menos um pequeno espaço para se fazer ali alguma memória concreta do local onde Pietro e Rosa moraram por 30 anos e onde tiveram seus nove filhos. E essas sugestões e desejos também se fizeram presentes no encontro da Família Pivattto, realizado também nesse local, em 2015, e do qual participaram muitos descendentes do Andrea, filho mais velho do Pietro e casado com a Angelina Pivatto.

Essa possibilidade surgiu ao final de 2016, quando vários fatores se somaram e propiciaram uma oportunidade real e concreta de a enfrentar, para concretizar essa iniciativa. O que muito contribuiu para isso foram os comentários de diversos membros da família que se tinham manifestado com forte intenção, indicando o quanto seria oportuno e importante marcar o local, comprando um pedaço daquele chão e fazendo ali um local de memória. Mas nunca foram além do desejo e nunca apresentaram pistas mais concretas. O fator decisivo, contudo, foi quando o proprietário do local, que era dono de parte do lote que pertencera ao Pietro, 6,2 ha, que abrangia o parreiral histórico e a fontana,

manifestou a intenção de desfazer-se dele, devido, principalmente, a suas precárias condições de saúde. Tornava-se para ele praticamente impossível continuar com suas atividades agrícolas.

Aproveitou-se a ocasião e as conversações foram se desenvolvendo com a participação de amigos, tanto dos que queriam comprar, como dos que desejavam vender.

Foi então que se iniciaram as conversações para se fazer ali um espaço que viesse responder a muitas aspirações e desejos dos tantos descendentes de Pietro e Rosa. A casa existente no local não correspondia plenamente às propostas que foram surgindo. Por isso decidiu-se reformá-la, quase por completo, mantendo-se apenas as paredes. As sugestões que mais foram sendo apresentadas eram de que se fizesse ali tanto um local de encontros, como de estadia, para os que quisessem permanecer por mais tempo. Há espaço confortável para até quinze pessoas. Bem de acordo com o *espírito* dessas sugestões foi pensado chamar aquele local de *Paese*, uma palavra, melhor, uma expressão difícil de traduzir. Mas seria aquele local onde uma pessoa se sente verdadeiramente em casa, pois é algo que lhe pertence, e ao qual você pertence. É o lugar do carinho, da lembrança, da saudade, da tradição, que nos fala de pertença e de acolhimento. Talvez uma palavra que possa ajudar a entender em parte o que *paese* expressa seria *comunidade*, onde as relações são primárias, afetivas, e não funcionais ou burocráticas. Um espaço que quer preservar a maneira de comer, de beber, de fazer festa, de se visitar, fundamentalmente, de se encontrar.



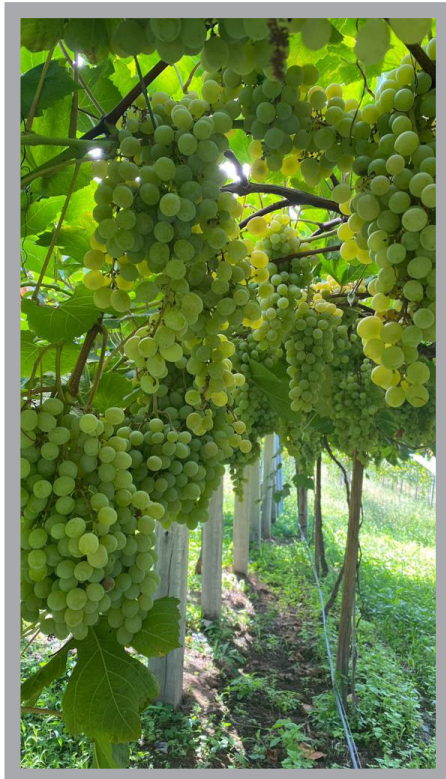
Entrada de Paese Guareschi.

A inauguração deu-se a 11 de março de 2018, com a presença de familiares descendentes dos oito filhos de Pietro e Rosa. Estavam presentes também vizinhos e várias pessoas da comunidade. Na verdade, uma das propostas do *Paese* é estar bem inserido na comunidade, que ainda conserva valores profundos de respeito, entreatajuda, amizade e participação em todas as iniciativas comunitárias.

Aos poucos procurou-se adequar o local com tudo o que pudesse favorecer uma estadia confortável e participativa. Os parreirais foram melhorados com a plantação de vários tipos de uva no que se chama de *parreiral histórico*, que é onde estão os pés de parreira plantados ainda pelo Pietro. Foi coberto e é irrigado para que se

tenham uvas sadias e abundantes. As muitas árvores frutíferas foram conservadas e novas foram plantadas, de tal modo que, em qualquer época do ano, possa ter ali algum tipo de fruta: pêssago, ameixa, nozes, kiwi, além de uvas e vários tipos de cítricos.

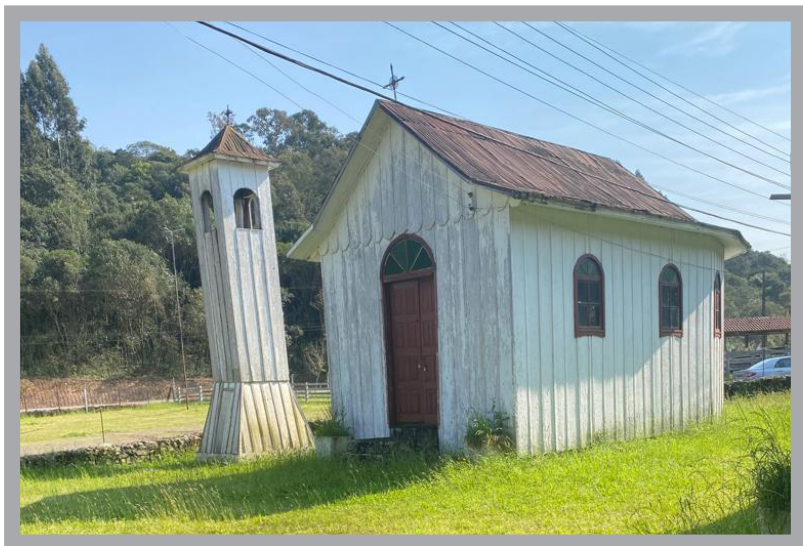
O local é estratégico para quem quer fazer turismo, pois situa-se no centro da Serra Gaúcha e próximo aos principais locais onde acontecem os eventos culturais da região.



E para os que estiverem interessados em conhecer mais sobre o local, há ainda uma biblioteca com livros históricos sobre a família e os escritos por membros da família, e outros referentes à colonização italiana e aspectos culturais da região. A casa favorece, através das fotografias e dos nomes dados às salas e aos quartos, uma recuperação material da família do Pietro e Rosa e de seus nove filhos.

Cabe aqui uma nota importante sobre um achado do qual só se teve conhecimento no ano de 2021, após a

investigação feita no livro de Óbitos, que se encontra na paróquia São Lourenço Mártir, de Coronel Pilar. Pietro e Rosa tiveram, além dos oito filhos conhecidos, mais uma filha, que se chamou Rosa Maria Madalena. Na primeira página do livro lê-se o seguinte: “Dia 23 abril de 1900, na Linha Caravaggio, faleceu de morte natural Rosa Maria Madalena, filha legítima de Guareschi, Pietro e Rosa Ursi, com anos de idade 2. Foi enterrada no Cemitério da mesma Linha S. Nicolò - Em fé Sac. João Riolo”. Esse cemitério não existe mais, pois a Linha S. Nicolò (Nicolau) foi incorporada à Linha Caravaggio e a capela dessa linha, por ser muito linda e original, foi trazida, inteira, e colocada na entrada do parque onde se celebra a Festa da Champagne em Garibaldi.



Capela original da Linha S. Nicolò que se encontra hoje no Parque da Festa da Champagne - Garibaldi.

Desde o início pensou-se em fazer uma associação que legitimasse esse projeto histórico-cultural-pedagógico. Como já existia uma *Associação Paese Guareschi*, decidiu-se denominá-la de *Sociedade Paese Guareschi*. Os seus estatutos foram discutidos com os sócios durante vários meses e sua criação deu-se a 28 de maio de 2022.

A *Sociedade Paese Guareschi* perpetua, desse modo, a história e a preciosa memória do casal pioneiro que aportou às terras da América no início da década de 1880 e dos seus mais 25 mil descendentes.

Quem quiser saber mais sobre o projeto da Sociedade Paese Guareschi pode ver o vídeo que foi feito com essa finalidade: <https://youtu.be/OicEmtyLkvo>.





ENSAIO

CONCLUSÃO

Para continuar a saborear *histórias*

Gostaria de retornar ao início dessas memórias e retomar o principal objetivo dessa publicação. À medida que ia recordando e escrevendo essas histórias, ia também mostrando a alguns amigos e amigas, principalmente da família, que iam me acrescentando novos pormenores. Mas o que mais me surpreendeu foi que todos me falavam da importância de que essas *histórias* fossem contadas. Relembrei então que o momento e a razão de me decidir a escrever tudo isso foi ao ler o lindo texto do Papa Francisco, em que ele dizia que *a vida é feita de histórias, a vida faz-se história*; e que quando se deixa de contar histórias, a vida termina. E lembrando de novo Mário Quintana: *Se morre o contador de histórias, morre a vida*.

E não deixa de se mostrar ainda mais lindo e misterioso o fato de que os seres humanos têm fome de *histórias*: para cobrir nossa fragilidade, precisamos nos *revestir* de histórias. E ao meditar sobre isso lembrei-me,

de repente, do importante papel que elas desempenharam, inclusive para salvar a vida de Xerazade, e para estancar a raiva do vizir, das *Mil e uma noites*, que para se vingar da traição de sua esposa, matava uma virgem por noite. Foi através de suas *histórias*, e do prazer que elas traziam, que ela encantou o rei e o fez desistir de sua macabra decisão. E as histórias conseguem se revestir dos mais variados temas, desde o fantástico e o religioso, até o heróico e o erótico. Fico encantado ao ver as crianças que se recusam a dormir até que lhes contem alguma história para embalar seu sono e seus sonhos.

Se alguém chegou até aqui, na leitura dessas *histórias*, arriscaria pedir-lhe um favor, e fazer-lhe um desafio: não deixe morrer a *vida* de tantas *histórias* que teceram a existência de nossos antepassados e que se tornaram, e podem continuar a ser alimento, sabedoria e prazer para muitas outras gerações, como as que nos foram narradas nesse livro. Você pode escolher entre as inúmeras que constituem sua vida. Se elas forem gostosas e alegres como as que você curtiu, ótimo. E se elas forem muito dolorosas, como a do irmão que matou seu irmão porque não emprestou o cavalo para namorar no sábado à tarde; ou da família que construiu um cárcere privado para esconder o familiar que lhes causava vergonha; ou do alto executivo que descobre, já avançado em anos, que seu genitor/a não é exatamente aquele que ele sempre pensou que fosse..., sempre podemos colori-las com tintas de perdão, misericórdia e solidariedade que revelam nossa admirável e misteriosa aventura humana.

Foram muitos/as que colaboraram para que essas histórias fossem contadas, mas não posso deixar de agradecer, de modo especial, à Cintia Vettorello Guareschi, esposa do Ricieri Augusto Guareschi, pelas fotos que ela foi colecionando sobre a história dos Guareschi e principalmente do *Paese*, que ilustram o final deste livro.



Muita razão tem o poeta Mário Quintana: Se morre o contador de histórias, morre a vida. Pois de que é feita a vida? Podemos, com razão, dizer que a vida é feita de histórias. O ser humano, além de ser alguém que pensa, homo sapiens, alguém que cria e faz, homo faber, é também alguém que conta, narra, diz aos outros aquilo que pensa e faz, homo fabulator.

Isso foi assim desde o início da espécie humana e passa por toda a história oral, escrita, audiovisual e digital, em forma de figuras, contos, romances, filmes, canções, notícias. Não é apenas o alimento e as vestes que nos sustentam: os seres humanos têm fome de histórias: para cobrir nossa fragilidade, precisamos nos revestir de histórias. Não é por acaso que a própria palavra – texto – provém do latim, textum, isto é, teia, tecido. Tecendo os fios de nossas histórias, vamos compondo o tecido de nossas próprias vidas. Nós nos vamos alimentando, nos aquecendo e nos enriquecendo com as histórias de nossa vida. O Papa Francisco intitulou a Mensagem para o 54º. Dia Mundial das Comunicações Sociais, 24 de maio de 2020, com uma frase do Êxodo, Cap.1º.,vers.2:

'Para que possas contar e fixar na memória...' E adiante escreve: A vida faz-se história... O entrelaçamento dos fios, pelos quais estamos unidos uns aos outros, forma um tecido vivo; as histórias influenciam a nossa vida, mesmo sem termos consciência disso, e moldam as nossas convicções e os nossos comportamentos, podem ajudar-nos a entender e a dizer quem somos.

É nosso desejo que as histórias que aqui nosso narrador nos conta façam nossas vidas mais felizes, mais aquecidas e cheias de sentido, e tornem nossas jornadas mais saborosas.

EDITORA
Evangraf
LTDA.

ISBN 978-65-5699-192-4



9 786556 991924